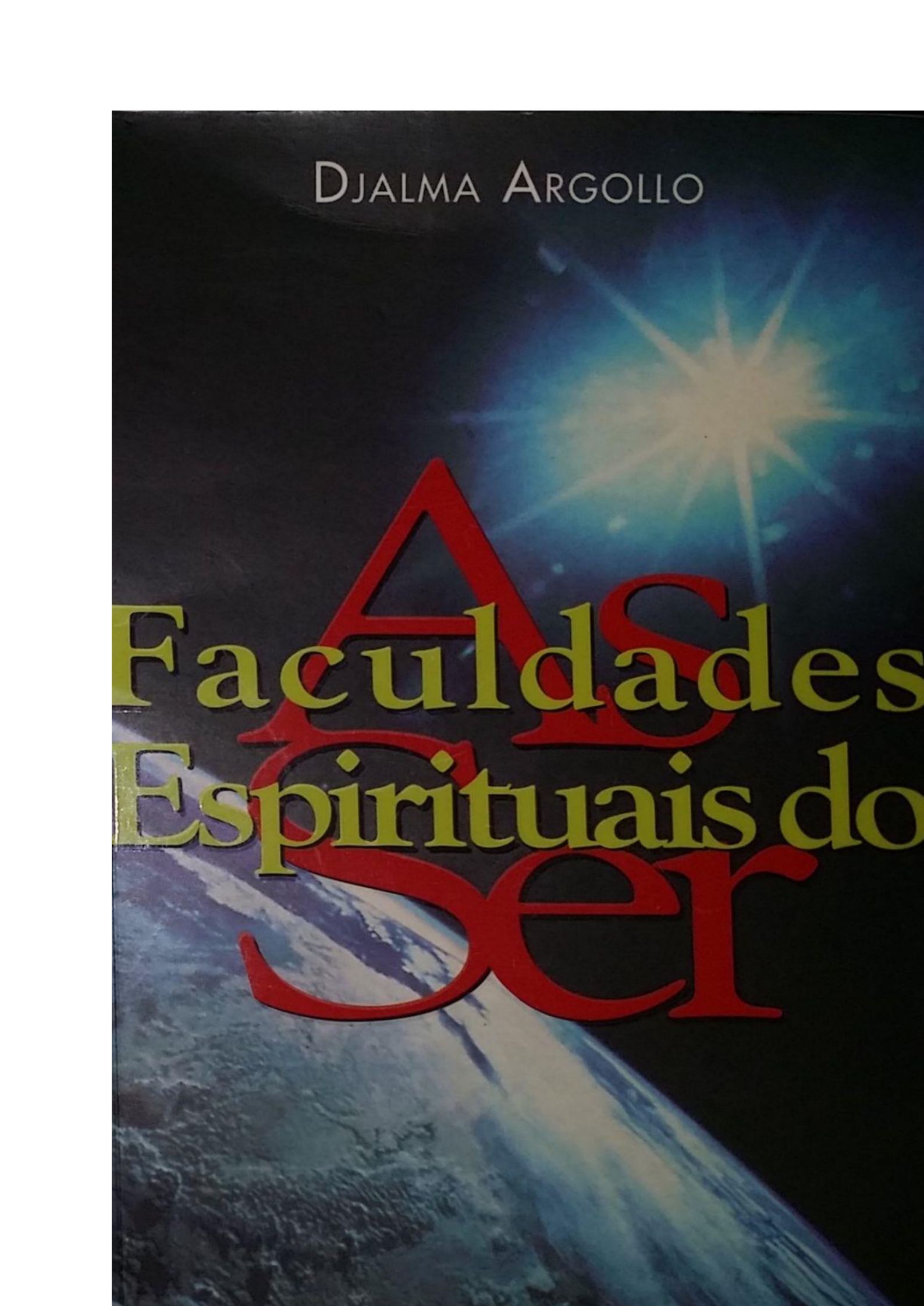


DJALMA ARGOLLO



Faculdades
Espirituais do
Ser

Faculdades Espirituais do Ser

Dedicatória

Ao amigo e benfeitor

Josué de Oliveira Arapiraca Missionário do bem, que soube vencer os preconceitos de falsos corifeus e puristas hipócritas com as virtudes do perdão e da perseverança, minha eterna gratidão pelo amparo amigo em momento crucial da minha atual existência.

Índice

Prefácio.....	
Introdução.....	15
Cap. 1: As faculdades espirituais do ser humano	21
Cap. 2: Conceito de mediunidade e médium	27
<i>O termo médium.....</i>	<i>31</i>
<i>A rejeição do termo médium.....</i>	<i>31</i>
<i>Universalidade da faculdade mediúnica</i>	<i>34</i>
<i>Mediunidade: faculdade que se desenvolve ou se educa.....</i>	<i>36</i>
<i>Mediunidade ou problema psicológico?</i>	<i>38</i>
<i>Classificação geral de mediunidade...</i>	<i>40</i>
<i>O transe mediúnico.....</i>	<i>44</i>
<i>O despertar da faculdade mediúnica</i>	<i>47</i>
<i>Sensações e atitudes durante o transe mediúnico....</i>	<i>50</i>
<i>Comunicação mediúnica: processo que se realiza</i>	
<i>pelo inconsciente.....</i>	<i>53</i>
<i>Vantagens do exercício mediúnico</i>	<i>56</i>
<i>Perigos da mediunidade.....</i>	<i>59</i>
<i>Atividade mediúnica e moral.....</i>	<i>63</i>
<i>Recomendações úteis para o dia de reunião</i>	<i>66</i>
<i>Mediunidade e rituais.....</i>	<i>70</i>
Cap. 3: Evolução das formas e meios para a comunicação mediúnica	75
Os raps.....	76
<i>Movimento de objetos. As mesas girantes</i>	<i>79</i>
<i>A psicografia.....</i>	<i>87</i>
<i>A evolução dos fenômenos de efeitos físicos</i>	<i>91</i>

<i>Outros tipos de mediunidade.....</i>	96
<i>A transcomunicação instrumental....</i>	101
<i>Precursores brasileiros da TCI.....</i>	105
<i>O início das gravações de Jurgenson</i>	106
<i>O médium Jurgenson.....</i>	115
<i>Nasce a transcomunicação visual.....</i>	119
<i>O microcomputador entra em cena..</i>	126
<i>Comunicações de Espíritos por telefone</i>	129
<i>As bases mediúnicas da TCI.....</i>	132
Cap. 4: Hipóteses sobre a produção dos fenômenos mediúnicos	138
<i>Fraude.....</i>	138
<i>Telepatia e outros fenômenos mediúnicos</i>	146
<i>A tese anímica.....</i>	149
<i>O problema da mistificação</i>	156
<i>O conceito espírita da produção do fenômeno mediúnico.....</i>	159
<i>Metodologia da pesquisa espírita dos fenômenos mediúnicos</i>	160
Cap. 5: Breve histórico dos fenômenos mediúnicos	166
<i>Origens da mediunidade.....</i>	171
<i>Registros mediúnicos entre os povos antigos e modernos.....</i>	177
<i>Pré-história.....</i>	177
<i>Mediunidade no princípio da civilização</i>	179
<i>A mediunidade entre os gregos e os romanos...</i>	180
<i>Grécia.....</i>	180
<i>Roma</i>	185
<i>A mediunidade no cristianismo</i>	188
<i>Idade Média europeia.....</i>	191
<i>Mediunidade na Idade Moderna....</i>	192
<i>As irmãs Fox.....</i>	194
Cap. 6: Conclusão	201
Bibliografia.....	203
Sobre o autor.....	207

PREFACIO

A faculdade mediúnica é um fator existencial do ser humano. Não existe ação mediúnica pura e simplesmente num dia determinado, numa sala específica e em horário predeterminado. Todos somos médiuns, ostensivos ou não, vinte e quatro

hora por dia, pois, como nos ensinam os Espíritos, até fora do corpo, no desdobramento natural e diário motivado pelo sono, exercemos a faculdade que possuímos.

Tenho para mim que hoje se deve pensar melhor nesta realidade, inclusive para um uso mais profícuo da condição mediúnica, com o propósito de incorporar mais qualidade à existência. Muitos poderão ter arrepios de horror ante a ideia de se usar a mediunidade de forma pragmática. Todavia, é bom que esses sensíveis beatos descubram que isto acontece independentemente do querer. Exemplificando: um amigo meu, espírita e médium, estava em seu consultório atendendo um paciente. Fez os exames necessários e interpretou os sintomas de determinada forma, medicando-o e dando por encerrada a consulta. Quando o doente saía, meu amigo escutou uma voz no interior de sua mente, que dizia: "Não poderia ser apendicite?". Chamou imediatamente de volta a pessoa e, examinando-a com mais cuidado, de acordo com o sugerido por algum amigo espiritual, verificou que havia cometido um grave erro de avaliação. O aviso havia sido correto. Internado o paciente e feita a cirurgia, verificou-se que o apêndice estava a ponto de supurar, mas, por sua posição não comum, os sintomas eram mascarados como uma síndrome hepática ou de vesícula, não me recordo bem.

Ora, situações semelhantes ocorrem diariamente, tanto explicitamente, como no caso examinado, quanto implicitamente, por via intuitiva, por todo o globo terrestre nos diversos campos da atividade humana. Logo, é chegado o momento de se estudar a mediunidade como uma função vital, de uso sistemático no cotidiano. Assim, ela será desmitificada, perdendo a falsa categoria de "dom espiritual" e tornando-se mais um dos processos mentais que usamos normalmente. Isto facilitará, em muito, seu desenvolvimento, pois ela é fundamental para a existência.

Seja qual for a situação em que nos encontremos, bem como o que estivermos a fazer, o processo mediúnico estará presente, com Espíritos nos influenciando para o êxito ou derrocada de nossa ação. Na igreja ou no prostíbulo, entre santos ou marginais, a faculdade mediúnica proporciona que os iguais se liguem pelos seus mecanismos ainda desconhecidos. A lei da afinidade une os iguais do plano da alma liberta com os do mundo material, gerando atitudes ou empreendimento de cunho elevado ou inferior.

Estudada por este prisma, a mediunidade em breve se tornará instrumento normal no labor diário de todos.

Com a difusão necessária da realidade do mundo espiritual e sua influência permanente sobre o mundo físico, conseguir-se-á vencer a "educação da negatividade", que impede uma expansão significativa da mediunidade entre as criaturas. Chamo de "educação da negatividade" aquela que reprime qualquer percepção paranormal, tanto nas crianças quanto nos adultos, de um lado pelo uso do autoritarismo coercitivo e, do outro, pela repressão desmoralizante do

deboche e do achincalhe. Estes procedimentos são responsáveis diretos por não haver um bem maior contingente de médiuns capazes de receber objetivamente os pensamentos espirituais, de forma consciente e existencialmente produtiva.

Por outro lado, é preciso combater a postura dos que pretendem fazer da mediunidade uma faculdade sagrada a ser ativada em meio aos iniciados, nos sagrados mistérios que só existem em suas mentes. E claro que o exercício mediúnico como fator de estudo e investigação da dimensão invisível requer ambiente adequado, como o salão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, onde se reúnam grupos voltados para este tipo de trabalho. Mas que também se tenha consciência de que os médiuns, saindo dali, continuarão médiuns durante todo o tempo, no cotidiano de suas existências.

Os intermediários dos Espíritos não são oráculos divinos nem porta-vozes dos demônios, mas simples seres humanos, falíveis, e muitas vezes carregando pesados fardos de erros do passado, em tarefa de aprendizagem e recomposição espiritual. Nem devem ser "patrulhados" cruelmente nos episódios comuns da existência, nem endeusados como arautos dos seres celestiais. As mensagens que transmitem devem ser analisadas pelo critério do bom senso, e aceitas ou rejeitadas de acordo com resultados lógicos a que se tenha chegado. Mas que se não lhes falte com a devida fraternidade da orientação amiga, para que venham a crescer em sabedoria e espiritualidade. Por nossa vez, médiuns que em geral somos de faculdades incipientes, procuremos aprimorar o comportamento para sermos, a cada instante, através da mediunidade comum de intuição e/ou inspiração, intermediários do bem onde quer que estejamos.

Salvador, outono de 1999

Introdução

Desde o século passado, a humanidade vive em acelerado processo evolutivo. A tecnologia, em vertiginoso desenvolvimento, criou uma nova sociedade, baseada em mecanismos engenhosos que, invadindo todos os espaços da vida cotidiana, facilitam as atividades corriqueiras, as quais, antes, demandavam desgastantes esforços da maioria da população, cuja rotina era de trabalho monótono e fatigante, com um mínimo de produtividade.

A ciência apresenta, diariamente, novas conquistas, inundando o homem com tal quantidade de novos conhecimentos, desdobrados em tantas áreas, que se tornou impossível a assimilação abrangente do saber, sendo impraticável o surgimento de erudições enciclopédicas, tão fáceis de serem adquiridas em passado não muito distante, quando o horizonte cultural era fixamente demarcado.

O século XX foi testemunha de prodígios inconcebíveis em eras transatas, viveu igualmente conflitos generalizados mais sangrentos e devastadores do que em qualquer outra oportunidade da História, além de interminável sucessão de

guerras localizadas, revoluções e uma insana onda de terrorismo inconsequente e fanático.

O vórtice acelerado do momento atual faz e desfaz fenômenos sociológicos em ritmo incontrolável. Este mesmo século assistiu, estarrecido, ao derruir da experiência socialista, que parecia consolidada pelo poderio da União Soviética, numa questão de dias.

Acompanhando o progresso, o crime modernizou seus nefandos procedimentos, refinando suas técnicas perversas e cruéis, estruturando-se em vastas corporações internacionais, postos avançados de pervertidas mentes da espiritualidade inferior, interessadas no abastardamento moral das criaturas.

Ao lado do crescimento da informática, que penetra em todos os setores da atividade, revolucionando o comércio, a indústria e o lazer, a mídia se distende em incrível sofisticação, aproximando os indivíduos de todas as nacionalidades, fazendo-os intervenciar suas dores, problemas e alegrias. Diante da rapidez e clareza da comunicação, as fronteiras nacionais se esboroam, transformando o mundo numa imensa aldeia, numa mistura de culturas e costumes, reformulando padrões de comportamento. Surge uma consciência coletiva, sob cuja perspectiva assistimos ao esvanecer das divisões etnogeográficas, que preliba a união dos povos num megaestado terrestre.

A construção de ferramentas químicas, psicológicas e cirúrgicas, além de poderosos instrumentos auxiliares de precisos diagnósticos, fortalece a medicina na sua luta contra as doenças e a morte somática, ampliando a média da vida humana em porcentagem auspiciosa. Paralelamente, os estudos da Genética invadem o mundo dos genes, surpreendendo-lhes os delicados mecanismos, alterando-lhes os códigos, acenando com mudanças eugênicas nunca sonhadas.

Por seu turno, a Física adentra o átomo, arrancando-lhe os segredos e tentando, como o fez Einstein, elaborar uma equação capaz de sintetizar todos os fenômenos materiais.

Não obstante, apesar dessas e outras conquistas fascinantes, de valor inegável, atestado da capacidade criadora do espírito humano, vive-se um período de profundas inquietações interiores.

A sociedade, pressionada pela evolução tecnocultural, superou velhos tabus e abandonou práticas consuetudinárias que lhe proporcionavam sustentação e estabilidade, mesmo ao custo elevado de acachapante repressão individual. A liberdade sexual, conseguida graças aos métodos seguros de anticoncepção, desestabilizou a família, fazendo aparecer desenfreado hedonismo, tendo no prazer sensualista a finalidade maior da existência. Como resultado, dá-se o desprestígio dos sentimentos mais nobres da afeição, com o amor transformado em mera resultante de descargas orgásticas temporárias e vazias. Homens e mulheres, enlouquecidos pela permissividade, estacionam nas faixas do erotismo sofisticado, exacerbado por poderosas redes de comunicação, controladas por

mentes ambiciosas e pervertidas. ídolos populares, criados e mantidos artificialmente, enquanto rendem polpudos dividendos aos seus senhores, alardeiam seus vícios e anormalidades sexuais como conquistas máximas da liberdade individual, fascinando mentes imaturas de jovens e adultos, que induzidos pelos impulsos inconscientes da "lei de imitação" se precipitam nos dolorosos abismos da inconsequência irresponsável.

Pressionado pelas tecnologias de marketing, fundamentadas em sutis métodos psicológicos, o homem moderno é induzido ao consumismo desenfreado e, assoberbado pela compulsão do ter, se debate numa rede dolorosa de frustrações e angústias sem conta. Carências, neuroses, solidão, medo e psicopatologias outras são companheiras inseparáveis da criatura, empurrando-a para intermináveis sessões nos gabinetes psicanalíticos ou escravizando-a aos remédios psiquiátricos, promotores de fugazes e artificiais instantes de tranquilidade ou euforia.

As religiões tradicionais, anquilosadas em dogmas abstrusos e posturas superficiais do culto externo, onde a pompa procura inutilmente preencher o vazio de espiritualidade, perderam a condição de auxiliar o indivíduo em seu remoinho de conflitos desesperadores.

Deus, contudo, através da figura augusta de Jesus, nunca deixou, em Sua Providência Infinita, de proporcionar à humanidade Sua assistência carinhosa e paternal. Quando já se desenhavam no horizonte da História os contornos da eclosão tecnocientífica, liberou a comunicação em massa dos Espíritos desencarnados, pela inata faculdade mediúmica, patrimônio de todo ser humano. Assim, desde **31** de março de **1848**, assistimos à investida dos que perderam o corpo somático, procurando despertar os encarnados do pernicioso coma materialista em que está imerso. Com isto foram lançadas as bases de uma revivescência ético-religiosa, fundamentada nas conquistas da Razão e da Ciência. Não mais a crença imposta, da qual se pode abdicar por falta de suporte lógico adequado. Agora é a certeza nascida da experiência direta e da análise lógica, gerando uma nova postura de Fé, pois esta só pode ser inabalável, quando capaz de "encarar a Razão face a face, em todas as épocas da humanidade".

Sabe-se hoje que a realidade interexistencial do Ser é uma projeção dialética que, à semelhança de uma pulsação senoidal ascendente, se distende através de inúmeras vidas sucessivas, onde o acúmulo experiencial se traduz em progresso constante, podendo apenas sofrer variações cinéticas no seu percurso. Os problemas humanos recebem seguros indicadores de solução, por explicações lógicas a respeito do complexo evolutivo geral, as quais se projetam de forma decisiva no âmbito individual.

Foi ultrapassada a época das proposições agnósticas do "ser ou não ser, eis a questão", e do "morrer, dormir, sonhar talvez". O agora pertence à declaração peremptória do "é, porque a experiência o comprova".

Numa superação do congelamento castrador da Parapsicologia, alienada aos conceitos dogmatizantes do academicismo estéril, os Espíritos promovem uma revivescência do movimento mediúnic, utilizando os meios tradicionais e a sofisticação tecnológica do momento que passa. Junto à tiptologia primitiva acontecem ruídos paranormais em aparelhos eletrônicos; paralelamente à pneumatografia tradicional ocorrem as escritas diretas em monitores e disquetes de microcomputadores ou nas folhas bobinadas do telex; acompanhando a pneumatofonia costumeira falam as vozes espirituais através do rádio, do telefone, ou gravadas nas fitas magnéticas; a vidência ou clarividência usuais são duplicadas pelas imagens dos Espíritos gravadas no videoteipe.

E o intercâmbio fácil, sem inibição, característica das sintonias plenamente estabelecidas, por adesão psíquica a um padrão eticamente elevado de comportamento.

Assim é que temos presenciado o desenrolar da mediunidade luminosa de Francisco Cândido Xavier, cuja vida evangélica o põe em sintonia com as mentes mais sublimadas da Espiritualidade Superior.

A mediunidade é a pedra angular de todo processo de intercâmbio entre o plano invisível e o plano físico. E a cada dia, apesar do progresso incessante dos diversos campos da Ciência, o que se vê é uma contínua validação dos estudos em torno da mediunidade, desde o início com as irmãs Fox, passando pelo trabalho consolidador das revelações espirituais de Allan Kardec e os experimentos de cientistas como Robert Hare, Alfred Russel Wallace, Willam Crookes, Gustave Geley, Eugene Osty, Albert De Rocha, Cesare Lombroso, Ernesto Bozzano e uma vasta plêiade de pesquisadores destemidos e de escol.

Mas não se pode esquecer daqueles que deram a maior contribuição aos estudos e pesquisas ditos psíquicos: os médiuns. Estes foram além dos estudiosos, porque não deram apenas suas horas e inteligência no transcurso das reuniões experimentais: mas sim a própria vida, pois o fenômeno mediúnic exige o comprometimento psíquico e físico, e muitos, novos mártires da Fé, sacrificaram suas existências para que o ideal imortalista se consolidasse no mundo.

CAPÍTULO 1 As Faculdades espirituais do ser humano

Veja o que esta maluca está dizendo!

Exclamou minha mulher, se dirigindo a mim.

A "maluca" em questão era uma senhora que sorria ante o protesto de Sueli. Sorria, e interveio:

—Eu disse a sua esposa que ela está grávida. E vai ter uma menininha que necessitará de muitos cuidados.

Esta cena aconteceu no dia **18** de março de **1990**, em Vitória da Conquista, Bahia, onde eu acabara de fazer a palestra de encerramento da Jornada Espírita do Centro Humberto de Campos. Enquanto falava, vi que uma senhora de meia estatura, clara e de cabelos louros, coloridos artificialmente, levantou-se de um banco à direita, que estava encostado à parede, e atravessou o salão, dirigindo-se a minha mulher que estava no lado oposto ao dela, começou a lhe falar. Eu percebia que Sueli repelia com veemência o que ela dizia. Achei o comportamento da senhora estranho, deselegante mesmo. "Como é que se procede dessa maneira, em flagrante desrespeito para com quem fala?", pensei comigo mesmo, enquanto prosseguia com a palestra.

Minha mulher continuou protestando. Estávamos casados havia poucos meses, e nada fazia crer numa gravidez, pois ela não apresentava facilidade para tanto. Além do mais, nós tínhamos vários planos de viagens de palestras, seminários e *workshops* por várias regiões do Brasil e, inclusive, do exterior. Um gravidez iria interferir nesses planos, adiando-os ou simplesmente anulando-os em sua maior parte, como terminou acontecendo.

No dia seguinte, uma segunda-feira, levei Sueli para Ilhéus, partindo no mesmo dia para Salvador, onde ainda estava resolvendo alguns problemas, para que ali nos estabelecêssemos definitivamente. No transcurso da semana, ela me ligou dizendo que estava sentindo náuseas e alegava que a senhora a havia sugestionado "com aquela história de gravidez". Finalizando, a previsão confirmou-se plenamente. Inclusive o detalhe de que se deveria ter muito cuidado com a menina que nasceria. Ela é portadora da síndrome de Down, complicada com problemas cardíacos. O mais interessante é que a percepção espiritual da médium conseguiu registrar a gravidez de minha mulher com apenas dois dias do processo de reencarnação haver se iniciado.

Este é um caso de percepção além da capacidade normal dos cinco sentidos que ocorrem às centenas de milhares por dia no mundo, se é que o número não atinge a cifra de milhões. Não sendo, pois, um caso isolado nem um privilégio por qualquer título. Eu mesmo possuo inúmeros outros acontecidos comigo ou com pessoas a mim ligadas por laços de parentesco, amizade, coleguismo ou simples conhecimento.

Vê-se que avisos de nascimento por via de revelação paranormal, metapsíquica ou mediúnica não acontecem apenas aos grandes vultos religiosos ou de outra natureza, da história humana.

No meu círculo familiar houve outro caso na mesma linha. Minha mulher—do casamento anterior —, poucos anos antes do seu falecimento, teve um distúrbio menstrual. Por causa disto consultamos três médicos diferentes, durante três meses consecutivos, os quais sempre descartavam a hipótese de gravidez, apontando causas diversas para a situação orgânica anormal, as quais iam de simples distúrbio até uma possível menopausa precoce. Como os médicos não haviam chegado a um consenso, resolvi submetê-la a tratamento espiritual, na

reunião de desobsessão do Centro Espírita que eu dirigia, em Salvador. Por coincidência, na terça-feira em que a levei, uma amiga, médium, iniciava sua participação ali. No meio da reunião, ela me fez a seguinte pergunta:

— Sueli¹ está grávida?

— Não tenho ideia— respondi —; os médicos dizem que não.

Engraçado — continuou a amiga —, eu a vejo rodeada de crianças bem pequenas. E a coisa ficou por aí.

Na terça seguinte, por coincidência, outra médium também estreava na reunião. Como da vez anterior, no seu transcurso, essa amiga me fez pergunta semelhante:

— Djalma, Sueli está grávida, não está?

— Os três ginecologistas que a examinaram dizem que não. Por quê?

— Porque estou vendo uma menininha junto a ela.

E prosseguiu:

— Vamos esclarecer essa questão! Colha o material necessário e leve ao laboratório do Hospital Manoel Vi- torino, o qual é dirigido por uma minha prima. Eu vou telefonar para ela e o resultado será fornecido de imediato.

Assim dito, assim feito. No dia seguinte, após o almoço, cinco minutos depois de ter entregue o material, veio a resposta:

— Meus parabéns, sua esposa está grávida!

Telefonei imediatamente para lhe dar a boa nova, pois desejávamos muito uma filha, para se juntar aos nossos dois garotos: Siddhartha e Lahiri. Queríamos fechar o grupo com mais um nome hindu: Yasshodhara, em homenagem à esposa daquele que ficou conhecido como "o Iluminado" (Buda). Ela, todavia, me retrucou:

— Mas acho que estou abortando, pois se iniciou uma pequena hemorragia.

Infelizmente isto veio a se concretizar, e à noite minha mulher teve de ser internada para fazer curetagem.

Esses dois casos apresentam as características básicas dos chamados "fenômenos psíquicos". As pessoas envolvidas não estavam em condições de saber das ocorrências por meio dos cinco sentidos. No primeiro era o início, literalmente falando, da gravidez. Possivelmente só um teste acurado poderia detectar o evento. Mas para isso seria preciso que algum sintoma orgânico de qualquer natureza indicasse a necessidade de uma prospecção. Junte-se a isso a afirmação do sexo do embrião, que na oportunidade ainda era uma simples mórula. E o suspense quanto ao sexo da criança persistiu até o instante do nascimento, pois ao ser realizada a ultra-sonografia o feto estava com as pernas cruzadas, em tal posição, que impediu saber-se se era menino ou menina. Como a gravidez requeria absoluto repouso, pois minha mulher apresentava contrações prévias, resolvemos não fazer outro exame daquela natureza. A menininha já estava dando trabalho...

¹A minha falecida mulher cambem se chamava Sueli.

No segundo temos duas pessoas diferentes que, sem contato entre si, viram a gravidez de forma simbólica (o mesmo havia acontecido com a senhora do anterior): a primeira vê uma criança à volta de minha mulher. Pela mesma forma a segunda, variando apenas a visão, que foi de uma criança de cerca de cinco anos, como me disse posteriormente. O mais importante no estudo deste caso é que "três ginecologistas diferentes, sem que nenhum soubesse das consultas aos seus colegas, não conseguiram acertar o diagnóstico", o que duas pessoas sem títulos de doutor em medicina conseguiram à revelia de qualquer exame especializado.

O leitor pode fazer sua enquete particular entre familiares, parentes e amigos, e verificará que os fenômenos paranormais são muito mais comuns do que se pensa. Existe, sim, uma "conspiração do silêncio" em torno do assunto, principalmente nos círculos acadêmicos, por puro e simples preconceito. Em geral, quando alguém expõe o que percebeu ou sentiu, fora da "normalidade" socialmente consentida, sofre escárnio ou é tratado como havendo sofrido um surto psicótico ou coisa semelhante, quando não é pura e simplesmente chamado de mentiroso, embusteiro, ou outros sinônimos tão pejorativos quanto. Apesar disso, os casos paranormais vêm acontecendo desde que o homem existe sobre a Terra, e os documentos mais antigos trazem o testemunho dessas vivências além da realidade habitual.

Existe um tal acervo de provas experimentais, com respeito às faculdades transcendentais da criatura humana, que se torna cada dia mais difícil simplesmente rotular todos os casos desse tipo como superstição ou alucinações. Por isso é crescente o número de cientistas e filósofos que, com restrições ou não, já se utilizam dos resultados das pesquisas parapsicológicas em suas ilações. A luta deles agora é buscar uma explicação "científica", ou seja, que afaste a ideia de Espírito, no sentido religioso da palavra. É um preconceito, mas os senhores cientistas são humanos como todos nós, embora tentem nos iludir, e a si próprios, de que são destituídos de "espírito de sistema", verdadeiros "deuses" pairando acima das paixões e defeitos dos pobres mortais.

Mas a mídia, que antes era tão preconceituosa, por diversas razões, quanto a tudo que dizia respeito às manifestações espirituais, atualmente faz questão de noticiar eventos "paranormais", bem como utilizá-los em seus tele-teatros, de qualquer gênero.

Na certeza de que as faculdades espirituais são elementos fundamentais no cotidiano de todos nós é que me propus escrever este livro, não para acrescentar qualquer novidade ao assunto — a não ser meus raciocínios e conclusões —, mas para ampliar os veículos de informações sobre a mediunidade, uma das vertentes das ditas faculdades.

Capítulo 2 Conceito de mediunidade e médium

Desde os eventos de Hydesville, com as irmãs Fox, a grande preocupação de alguns cientistas que se interessaram pelo assunto — pois a maioria o atribuía à fraude ou loucura, sem verificar os fatos — era estabelecer bases experimentais, portanto “científicas”, para que os fenômenos se tornassem objeto de uma ciência específica. Eles não podiam aceitar que a causa dos fenômenos fossem as “almas do outro mundo”, pois tinham como certo que isto se devia à credulidade da “massa ignara e rude”. Todavia a situação era completamente diferente. Sempre foi o fenômeno que se autodefiniu como sendo a alma de um defunto em ação. Vejamos o caso de Frederica Hauffe, conhecida como “a Vidente de Prevorst”, e que foi estudada pelo Dr. Justinus Kerner, médico, poeta e filósofo de Weinsberg, na Alemanha. Frau Hauffe, desde **1819** — atente para o ano — até sua morte em **1829**, foi o centro de inúmeros fenômenos mediúnicos, que iam das percepções subjetivas até os fenômenos objetivos ditos de “efeitos físicos”, como teremos oportunidade de verificar mais adiante. Qualquer informação adicional sobre o caso poderá ser buscada no excelente resumo do livro de Justinus Kerner: *A Vidente de Prevorst*, traduzido e organizado pelo beletrista espírita de saudosa memória Dr. Carlos Imbassahy. O que interessa neste momento é que sempre os agentes dos fenômenos se identificavam como Espíritos que haviam vivido na Terra, alguns dos quais estavam com os corpos enterrados ali mesmo na região de Wurttemberg. Ora, ainda nem havia Espiritismo e o protestantismo era imperante naquelas paragens.

O mesmo vamos verificar no caso das irmãs Fox, cuja família era metodista, logo protestante, todavia o autor invisível dos “raps” (ruídos) se disse a alma de um caixeiro- viajante assassinado na casa onde estavam morando. Portanto, em nenhum dos casos foram os personagens envolvidos nos dramas — porque se tornaram existencialmente dramáticos para eles —, que atribuíram os acontecimentos aos mortos.

Os “cientistas”, de um modo geral, fazem vista grossa a este “pequeno” detalhe, mas de crucial importância. Inclusive, pela primeira vez na história humana um fenômeno se definia, sem esperar pelas hipóteses dos seus pesquisadores.

Desde o início nascera, espontaneamente, um jargão próprio e um dos termos foi a palavra “médium”, para designar as pessoas em cuja presença os fenômenos aconteciam, e, por consequência, “mediunidade” a faculdade que lhes facultava produzi-los. Os “mortos”, pois, através da mediunidade, podiam agir de modo a se fazerem sentir no “mundo dos vivos”.

Estabelecido o real agente dos “fenômenos psíquicos”, era necessário

conceituar como esses fenômenos aconteciam, e por que meios. Isto, sim, é fazer ciência. Os estudiosos que deixaram falar o fenômeno, o qual demonstrava vontade e inteligência, conseguiram notáveis resultados e chegaram a definições claras e precisas sobre eles. Um desses cientistas, realmente o mais exponencial, foi o professor Hipólito-Leão Denizard Rivail, que ficou conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec.

Aceitando a palavra *médium*, sem procurar criar outra, Allan Kardec diz que: "Toda pessoa que experimenta, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por isto mesmo, *médium*. Esta faculdade é inerente ao homem, e por consequência não é um privilégio exclusivo; dessa forma são poucos aqueles nos quais não se encontram rudimentos dela. Pode-se, por conseguinte, dizer que todo mundo, mais ou menos, é *médium*. Não obstante, no uso comum, esta qualificação não se aplica senão àqueles nos quais a faculdade mediúnica é nitidamente caracterizada, e se traduz por efeitos patentes de uma certa intensidade, o que depende, nesse caso, de uma organização mais ou menos sensitiva" ².

A observação experimental levou Kardec à certeza de que os Espíritos que estavam fora do corpo podiam, e o faziam, se comunicar com os que ainda estavam a ele ligados, e que, quando agiam ostensivamente, utilizavam os médiuns, ou seja, os que possuíam a faculdade mediúnica bastante desenvolvida. Mas defendeu também, como veremos em capítulo próximo, que a mediunidade era uma faculdade inerente a todos os seres humanos, sem exceção. O que variava era o grau de percepção da influência espiritual.

Por volta de **1937**, o Dr. Ernesto Bozzano, após inúmeras observações e estudo comparativo de comunicações mediúnicas, concordou com a conceituação de Kardec, mas procurou a origem da faculdade, chegando à conclusão de que esta é a exteriorização, por motivos diversos, dos sentidos da alma, próprios para a existência no hábitat espiritual. Tais sentidos, durante a existência física, permanecem reprimidos no subconsciente, por não fazerem parte das condições imperantes no mundo material: as faculdades subconscientes não se destinam a exercitar-se em ambiente terreno, por serem faculdades de sentido da existência espiritual, aguardando, para emergir e exercitar-se, o ambiente espiritual que sucede à crise da morte"³. Em se confirmando esta hipótese, que nos parece lógica e esclarecedora da problemática mediúnica, confirma-se, por sua vez, a universalidade da faculdade mediúnica, como postulou Allan Kardec.

Um fato importante, e que necessita ser melhor comprovado por meio do cruzamento de informações, ou lei da universalidade do ensino dos Espíritos, é a informação do Espírito André Luiz de que existe mediunidade também no mundo

² *Le Livre des Médiuns*, item **159**.

³ *Animismo ou Espiritismo?*, Ernesto Bozzano, FEB, **1951**, cap. **1**. *Le Livre des Médiuns*, item **100**, questão **26**.

espiritual, principalmente no nível de realidade em que se encontra, havendo portanto "Espíritos médiums" sem o corpo físico. Isto confirmaria a tese de Bozzano, mas se contraporía à afirmação do Espírito Erasto, no *Livro dos Médiuns*, de que a mediunidade de vidência estaria na dependência do organismo⁴. A não ser que se modifique o conceito vigente no movimento espírita de perispírito, adequando-o ao que ensina o médico espiritual, dizendo-o formado por várias faixas energéticas ou "corpos", próprios para agirem em dimensões espirituais diversas. Isto implicaria, conforme ensina o citado autor espiritual, outras "mortes", ou seja, a eliminação da faixa perispiritual, ou corpo, da dimensão que está sendo abandonada por uma superior.

O termo médium

Antes de prosseguirmos é necessário que analisemos mais um pouco o termo médium; esta é uma palavra latina do gênero neutro que tem como significados: meio, centro, espaço intermediário, intervalo (de tempo); lugar para onde tudo converge, praça pública; sociedade; o público; metade etc.

Por ser do gênero neutro, na sua origem, médium é uma palavra que não pode ser posta no feminino. Assim, quando se diz "fulana é média", comete-se um erro crasso. Só existe o termo médium, tanto para o gênero masculino como para o feminino. Assim, a forma exata para se empregar a palavra médium, em relação ao homem ou mulher, é mudar o artigo que a acompanhe, por exemplo: o médium, a médium.

A rejeição do termo médium

Quando começaram as manifestações mediúnicas, um vocabulário próprio se desenvolveu espontaneamente. Este procedimento é normal em qualquer ramo do conhecimento humano. Tanto a Filosofia quanto a Ciência possuem um jargão específico, desenvolvido com o tempo e que se adapta às condições do progresso, bem como aos pontos de vista dominantes no momento. Normalmente procuram criar termos e expressões desvinculados de conteúdos emocionais ou tradicionais do cotidiano. Naturalmente isso é conseguido de forma parcial, como não poderia deixar de ser. Afinal de contas nenhum pensador ou cientista pode fugir à condição humana, que é sua base de existência. Veja-se, por exemplo, o campo atualíssimo da mecânica quântica, onde os cientistas, extrapolando a desejada "neutralidade axiológica" vocabular, utilizam o nome de "cores" e "sabores" para exprimir condições específicas das interações intrapartículas, no caso dos *quarks*, nome que, por sinal, foi extraído de um romance de James Joyce, cuja excentricidade residia em criar neologismos sem qualquer compromisso com o

⁴ Le Livre des Médiuns, item 100, questão 26.

tradicional e despido de qualquer sentido.

Os cultores da visão científica dos fenômenos mediúnicos quiseram desvincular seus estudos do que eles criticavam, e cridcam, como linguajar "místico", comprometido com a existência dos Espíritos e indicador da participação deles na sua produção. Não levam em conta, dentro da visão preconceituosa que cultivam, o fato de os próprios Espíritos terem participado de maneira decisiva na criação do vocabulário espírita. Muito pelo contrário, rotulam as entidades comunicantes como criações do inconsciente dos médiuns.

"Os cientistas preferem usar palavras neutras para fenômenos que ainda não entendem, com o fim de evitar prejudicar sutilmente seus pensamentos. Assim pois, eles não gostam do termo espiritualista médium, o qual tem sido aplicado, sem muita discriminação, a pessoas que mostram excepcional habilidade psíquica. Ainda não existe um termo, com aceitação geral, para tais pessoas. Sensitivo, paragnóstico, sujeito dotado, psíquico são nomes usados às vezes." ⁵

A birra com o termo médium vem de longas datas. Charles Richet assim se expressava sobre ele: A palavra médium, execrável sob todos os títulos, está consagrada pelo uso. Não é mais possível bani-la. Significa intermediário entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos"⁶. Pelo "execrável" do ilustre detentor do prêmio Nobel, fica expresso o sentimento com relação à existência do Espírito. Ele aceitava os fenômenos, mas repudiava os seus produtores.

A alegação é de que o termo pressupõe a existência dos Espíritos e a vida Além-túmulo. Assim, seria uma palavra marcada, indelevelmente, por um preconceito. Ora, esse tipo de raciocínio é também, fruto do preconceito, pois implica negar, *a priori*, a vida futura.

A neutralidade não pode ser encontrada em palavras, mas na postura do pesquisador ante o fenômeno pesquisado. A mudança de termos não exclui a parcialidade, posição psicológica de quem se propõe a estudar alguma coisa. O certo seria uma aproximação intelectual despida de qualquer juízo valorativo. Isto porém, mesmo nas ciências exatas, é um mito, pois quando o objeto em análise não inspire ideias de valor, as próprias condições determinantes da pesquisa podem estar altamente contaminadas por eles. E isto é muito mais comum do que supõem os pobres mortais, no clube restrito dos "sábios".

Universalidade da Faculdade mediúnica

Existe uma discussão despropositada sobre a capacidade mediúnica, se ela é

⁵ *Foundations of Parapsychology*, cap. I.

⁶ *Tratado de Matapsíquica*, Charles Richet, Lake, Livraria Allan kardec Editora Ltda., São Paulo, vol. 1, § 4.

universal, ou seja, se todos os indivíduos a possuem, ou não. Existem os que procuram fazer uma distinção entre "sensitivo" e "médium", de forma marcante e absoluta. A mediunidade seria uma faculdade restrita a alguns, assim como a "sensitividade". Acontece que, como bem acentua Kardec, a sensibilidade psíquica é a base da faculdade mediúnica. Podemos afirmar, sem medo de cometer erro, que: todo sensitivo é médium em potencial e todo médium é um sensitivo plenamente desenvolvido. Por isto a discussão sobre o assunto morre no nascedouro. Nunca se conheceu na história da humanidade um "paranormal" — que seria o outro nome para o sensitivo —, isto é, um indivíduo com faculdades espirituais próprias, pretensamente não mediúnicas, que não tenha vivido fenômenos mediúnicos.

E Allan Kardec faz a seguinte afirmação, falando a respeito dos médiuns sensitivos ou impressionáveis, ou seja, os médiuns que sentem por uma vaga impressão, uma espécie de arrepio, sobre todo o corpo, a presença dos Espíritos: "E a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras"⁷. Ora, a sensibilidade está para a mediunidade como o tato para os outros sentidos, é a matriz básica. Pelo simples fato de sentir algo transcendente, o indivíduo já apresenta uma característica mediúnica.

Kardec⁸ vai mais longe, quando disserta sobre a mediunidade de inspiração: "Sob esse aspecto se pode dizer que todo mundo é médium, porque não há pessoa que não tenha seus Espíritos protetores e familiares, que fazem todos os esforços para sugerir a seus protegidos pensamentos salutares". E, finalmente, nos dá uma preciosa indicação: "Esta faculdade, de resto, se desenvolve pelo exercício"⁹. O que tem sido demonstrado pela prática, pois todos os que têm trabalhado com a mediunidade, seja como médium, como orientador de reuniões mediúnicas ou funções outras a elas ligadas, sabem como o exercício aprimora o controle do médium sobre sua faculdade, bem como amplia a facilidade de interação entre este e os Espíritos comunicantes. Que todas as pessoas possuem mediunidade, é óbvio, pelo simples fato de estarmos todos, encarnados e desencarnados, em constante ligação inconsciente, permutando ideias, impressões, sentimentos e emoções. E, como estamos envolvidos quase sempre por uma "nuvem de testemunhas" e, geralmente, são elas que "nos dirigem", vivemos um constante e universal processo mediúnico, recebendo e emitindo informações psíquicas que absorvemos e são absorvidas, inspirando ideias que poderão se transformar em atitudes, dependendo da adesão ao sugerido pelo receptor.

⁷ *Le Livres des Médiuns, número 164*

⁸ *Idem, número 182.*

⁹ *Le Livre des Esprits, Introdução à 1ª Etude da la Doctrine Spirituelle item IV.*

Mediunidade: Faculdade que se desenvolve ou se educa?

Esta abordagem é uma concessão que faço aos "pre-ciosistas" do movimento espírita. Aqueles que vivem sempre buscando discutir pequenos detalhes, aos quais atribuem um excesso de importância que só existe em suas mentes atribuladas.

As vezes, em minhas explicações sobre Espiritismo, me vem uma pergunta, ou companheiros das sociedades que visito indagam com certa empáfia: "Mas a mediunidade se desenvolve? Ela existe, logo tem de ser educada, não é mesmo?". A questão tem o claro sentido de deixar evidente que o emprego da expressão "desenvolvimento mediúnico" é uma grande asneira. Acontece que se há asneira ela tem como autor Allan Kardec. Ele diz que a faculdade mediúnica se "desenvolve" pelo exercício. Ora, como educador, ele sabia muito bem a diferença entre desenvolver e educar...

É claro que, como bem estabelece Kardec, a pessoa nasce com a faculdade mediúnica, e isto é incontestável. Mas também é certo que ela não nasce pronta e acabada, já plenamente desenvolvida. É necessário que exista um investimento do médium sobre ela, para que se aprimorem e ampliem suas possibilidades. Francisco Cândido Xavier era médium desde menino, mas necessitou de continuados exercícios para que sua faculdade de psicografia atingisse o ápice.

Naturalmente que existe uma educação do médium, é a que diz respeito ao controle da faculdade, quando ele aprende a impor limites ao Espírito que se comunica, para que não ultrapasse as fronteiras da decência e da dignidade. O processo educativo diz respeito igualmente ao desenvolvimento moral, para que se estabeleçam vinculações com entidades enobrecidas, evitando que as revoltadas, mistificadoras e infelizes se apropriem dos recursos mediúnicos, com finalidades escusas. Solicita, igualmente, uma ampliação da cultura, para oferecer elementos mais variados e substanciais ao Espírito comunicante, para estruturar sua mensagem com maior riqueza de conteúdo.

Quanto à faculdade mediúnica, requer exercícios para desenvolver suas potencialidades, ampliar os canais de ligação com os planos invisíveis. Ora, se há crescimento da sensibilidade e da percepção mediúnica, com o surgimento de nuances dentro da própria faculdade, existe desenvolvimento, e Kardec tinha toda a razão em usar o termo. Que isto fique claro, pois é o conhecimento e a experiência dele sobre a faculdade mediúnica que estão em suspeição quando se põe em dúvida esta questão.

A mediunidade não nasce completamente desenvolvida, tanto assim que promissores médiuns terminam por deixá-la praticamente vestigial, pela falta de exercício. À semelhança de um órgão físico, ou de uma qualidade psíquica, a mediunidade sem aplicação regride, se atrofia. Ora, se existe, como realmente

existe e conheço casos de atrofia mediúnica, é claro que o oposto acontece: quanto mais posta em prática, a faculdade se desenvolve atingindo grande amplitude. Tive oportunidade de acompanhar pessoas com pequenas possibilidades mediúnica que as expandiram pela dedicação e aprimoramento. Allan Kardec se deu ao trabalho de fazer uma classificação dos médiuns segundo o desenvolvimento da faculdade, da seguinte forma: *médiuns novatos*, que como o nome indica, estão começando no exercício da faculdade que possuem mais ativa. *Improdutivos*, quando não conseguem ir além de meros indicativos da influência dos Espíritos, mas sem qualquer clareza ou produção mediúnica efetiva. *Feitos ou formados*, os que já são veteranos no uso de suas faculdade, tendo confiança no que realizam. *Lacônicos*, quando só transmitem mensagens curtas, sem qualquer floreio ou fluência. *Explícitos*, os que recebem comunicações claras e lógicas. *Experimentados*, quando já exercem a mediunidade por muito tempo, sabendo distinguir a qualidade do Espírito comunicante, evitando as armadilhas que os inferiores costumam armar no caminho dos medianeiros para frustrar-lhes a missão. *Flexíveis*, os que se prestam para vários tipos de comunicação, tanto em tema quanto em qualidade. *Exclusivos*, os médiuns que só recebem comunicações de um determinado Espírito, o qual lhe transmite informações ou mensagens de outras entidades que queiram fazê-lo. *De evocação*, os que se prestam a receber as entidades que são "chamadas" (evocadas) diretamente pelos que desejam com elas se comunicarem. *De ditados espontâneos*, quando só conseguem produzir comunicações dos Espíritos que o queiram sem que sejam evocados diretamente.

Ora, se existe uma classificação quanto ao desenvolvimento, como é que a faculdade não se desenvolve?

Mediunidade ou problema psicológico?

Todavia, é preciso que exista muito cuidado por parte dos responsáveis pela recepção e orientação das pessoas que chegam a uma instituição, solicitando socorro ou se pretendendo portadora de faculdade mediúnica. Não se pode confundir problemas de ordem psicológica com mediunidade. As vezes a pessoa é portadora de esquizofrenia clássica, com seu cortejo de alucinações. Por isto, os encarregados do "atendimento fraterno" ou "triagem" têm de ter experiência e sensibilidade para saber distinguir o que seja mediunidade ou problema mental. Havendo real integração com a espiritualidade, o encarregado deste trabalho receberá as intuições devidas, diagnosticando corretamente o problema que o solicitante apresenta. Algumas instituições costumam empregar psicólogos neste serviço, por causa da qualificação profissional. Até que pode funcionar, mas os profissionais da área psicológica, como qualquer profissional, vão analisar tudo em função de sua especialidade.

Naturalmente todos os indivíduos, principalmente os que procuram um centro espírita, estão passando por problemas emocionais de qualquer ordem, fáceis de enquadrar nas categorias vigentes na Psicologia. Mas a radicalização acadêmica poderá levar a uma mini- mização indesejável ou prejudicial da problemática espiritual. Assim, é preciso que o encarregado não seja simplesmente um "psicólogo espírita", mas um "espírita psicólogo", que não são a mesma coisa, pois implicam percepções do mundo e das pessoas diametralmente opostas. Bom senso, sensibilidade e conhecimento espiritual, estes sim, são requisitos essenciais ao trabalhador do atendimento, independentemente de suas qualificações profissionais.

Classificação geral da mediunidade

Todos os que têm se dedicado ao estudo da mediunidade a dividem em dois grandes grupos: um objetivo, onde se incluem os fenômenos que agem sobre o meio ambiente, e um subjetivo, que permanece na esfera psíquica do médium, dando-se a conhecer por suas faculdades naturais de comunicação com o mundo exterior, como a escrita, a linguagem, as expressões artísticas, etc.

O próprio Allan Kardec sentiu necessidade de promover a classificação da faculdade mediúnica e dos médiuns, de acordo com um série de critérios, que veremos doravante. O primeiro foi aquele que diz respeito à condição fornecida para que os Espíritos se comuniquem com o nosso plano. Ele classificou, *grosso modo*, a mediunidade em: *de efeitos físicos* e *de efeitos inteligentes*, ou seja, objetiva e subjetiva.

René Sudre, o estudioso da Metapsíquica, que negava a intervenção dos Espíritos, atribuindo tudo ao médium, fez uma afirmação muito interessante sobre a faculdade mediúnica; diz ele que a mediunidade é sempre total, isto é, quem possui um tipo de faculdade tem todos os outros. Isto é um fato que se tem verificado nos médiuns bem desenvolvidos. Em geral existe a "especialização mediúnica": o médium tem uma faculdade mais dominante, enquanto as outras permanecem subordinadas. Talvez esta especialização diga respeito à qualidade psicológica do medianeiro, o que deve ser melhor pesquisado.

A mediunidade de efeitos físicos é aquela que possibilita a ação material dos Espíritos. Inclui aí uma gama de fenômenos interessantes, os quais possuem médiuns especializados na sua produção. Kardec discrimina, assim, suas faculdades: *de aparições*, que faculta aos Espíritos se corporificarem, temporariamente, às vezes com tal intensidade que se tem a impressão de estarem "vivos". *Pneumatografia*, ou *de escrita direta*, proporciona condições para que as entidades registrem diretamente suas mensagens em qualquer veículo, inclusive os eletrônicos, como acontece hoje em dia com a transcomunicação instrumental.

Curadora, aquela que, como o nome indica, permite que sejam realizadas curas de doenças diversas; foram médiuns exponencial neste tipo de faculdade Edward Harris, na Inglaterra, e Toni Agapoa, nas Filipinas. *De voz direta*, ou *depneumatofonia*, quando permite que os Espíritos falem diretamente, sem usar as cordas vocais do aparelho mediúnico. *De apports* (transporte), quando faculta a que os comunicantes desloquem objetos de um lugar para o outro, sem limite de tempo e espaço; os objetos são transportados para dentro, ou retirados, de ambientes hermeticamente fechados. *Tiptologia*, cujas energias permitem às entidades produzirem ruídos diversos no ambiente e, inclusive, ditarem mensagens por esse meio. *Noturna*, quando os fenômenos só acontecem na mais completa obscuridade; esta condição pode ser superada por um desenvolvimento da mediunidade, a fim de que aconteça na maior claridade possível. *De efeitos musicais*, quando os Espíritos, em presença deles, manuseiam instrumentos musicais diretamente, tocando músicas variadas, inclusive promovendo verdadeiros concertos. A *mediunidade excitadora* tem a capacidade de ajudar no desenvolvimento da faculdade mediúnica em outras pessoas. *Motora*, a que promove os meios para que os operadores invisíveis movimentem objetos no ambiente das reuniões, ou fora dele, como no caso dos *poltergeists*, ou assombrações. *De translação e suspensão*, quando oferecem condições para que móveis, principalmente mesas, sejam elevados e movimentados, geralmente com movimentos circulares.

Os fenômenos de efeitos físicos, sabemos hoje em dia, são produzidos graças a um tipo de energia biológica que o médium em transe expele, o *ectoplasma*—conforme o denominou Charles Richet—, com o qual os Espíritos podem agir sobre o ambiente material, produzindo os fenômenos acima citados. Vimos também a que ponto Kardec levou a observação da especialização mediúnica, embora, voltemos a afirmar, um mesmo médium tenha a capacidade de produzi-los a todos. Todavia se nota que existe uma preponderante, talvez para que o médium possa melhor desempenhar seu trabalho, com objetividade e melhor qualidade nos resultados.

Com relação à mediunidade de efeitos inteligentes, Kardec lista os médiuns que os produzem dentro dos mesmos critérios, o que relacionaremos pela perspectiva da faculdade: *auditiva*, que permite escutar as mensagens dos Espíritos, e as transmitir aos circunstantes. *Falante*, também chamada de *incorporação* ou de *psicofonia*: quando permite o uso do aparelho fonador do médium, pelas entidades, para que se dirijam aos assistentes, comunicando-lhes seus pensamentos verbalmente. *Vidente*, a que faz enxergar os habitantes do mundo espiritual, dando condições ao médium de descrevê-los, às vezes com precisão impressionante. *De escrita* ou *psicográfica*, quando faculta às entidades espirituais escreverem suas mensagens, utilizando os mecanismos biológicos do medianeiro. *De desenho e pintura*, a que permite a produção de quadros, aquarelas e desenhos, mesmo quando o médium não possui nenhuma habilidade nesse particular. *Clarividente*, aquele que dá às pessoas a capacidade de verem acontecimentos no

tempo e no espaço, naturalmente sob a ação dos Espíritos. *Clariaudiente*, que se enquadra nas mesmas condições da clarividência, sendo a vista substituída pela audição. *Profecia*, aquela que registra fatos que ainda vão ocorrer. *De pressentimentos*, que se faz ter a sensação do que ocorrerá, num tempo futuro, geralmente próximo. *De desdobramento*, a que permite ao Espírito do médium ser retirado do corpo, magneticamente, pelos operadores espirituais, deslocando-se a outros lugares, de onde se descreve o que está a ocorrer. *De inspiração*, condição bastante generalizada, na qual os pensamentos e ideias fluem em jatos obcecantes na mente; mas nem sempre é possível fazer uma distinção entre o pensamento próprio e o que é "inspirado". *Sonambúlica*, a que faz o médium entrar num transe semelhante ao induzido magneticamente em algumas pessoas, sendo que no caso a faculdade é espontânea e sob o comando dos Espíritos. *Extática*, a que se apresenta, em geral, em santos e fanáticos, os quais entram em estado alterado de consciência pela fixação mental em determinadas figuras ou objetos devocionais. *Musical*, quando facultada a recepção de comunicações melódicas através de instrumento musical específico ou mentalmente.

O transe mediúnico

Toda e qualquer atividade mediúnica se processa estando o médium numa condição psíquica especial, isto é, em estado alterado de consciência. Por causa disto, alguns pesquisadores quiseram rotular a mediunidade como uma condição psíquica patológica. Allan Kardec rebateu prontamente a alegação, que já se pretendia impor em sua época, demonstrando que os estados mórbidos mentais se devem a estados orgânicos específicos, ou condições psicológicas que foram prejudicadas por certos acontecimentos vivenciados pelo indivíduo.

Não existe nenhuma relação de causa e efeito entre psicoses, neuroses e demais psicopatologias que possam ser relacionadas com a faculdade mediúnica, pura e simplesmente. Muito pelo contrário, a atividade mediúnica é um excelente antídoto contra as doenças psíquicas, permitindo ainda a cura dessas síndromas, quando elas já existem no medianeiro. Disto fui testemunha inúmeras vezes. Pessoas que chegam ao centro apresentando sintomas de esquizofrenia, devidamente identificados por profissional competente da área, e que conseguem o equilíbrio completo pelo tratamento de desobsessão e que às vezes apresentam qualidades mediúnicas, prontas a serem desenvolvidas.

O transe mediúnico se divide em *inconsciente*, ou *mecânico*, *semi-inconsciente* ou *semimecânico* e *consciente*. No primeiro, o medianeiro não apresenta conhecimento do que ocorre, enquanto o fenômeno se processa e também depois dele. É um tipo muito raro de processo mediúnico. Já o segundo é mais encontrado. Nele o médium tem momentos em que não registra o que está sendo transmitido mas, de repente, passa a fazê-lo, intermitentemente. Os períodos de amnésia, após a comunicação, também não são contínuos, pelo contrário, permitem recordação de

partes da comunicação. O último significa que o médium mantém sua consciência completamente desperta, tanto durante quanto após o transe. Este tipo de faculdade é o mais comum, representando cerca de setenta por cento dos médiuns em atividade, principalmente aqui no Brasil.

Algumas pessoas tendem a ver como mais eficientes os médiuns inconscientes, isto é um grave erro de apreciação. Inconsciência não significa que o médium esteja impedido de agir sobre a comunicação ou ações do Espírito comunicante. Tenho um caso interessante a respeito. Era uma senhora médium que apresentava um grave processo de obsessão. Quando estava em transe, não tinha consciência do que ocorria, nem depois dele se lembrava de coisa alguma. Certa vez o Espírito a dominou em plena rua, quando saiu para fazer as compras de alimentos semanais. Fê-la comprar várias caixas de Melhorai, fazendo-a engolir todos os comprimidos. A entidade se queixava de terríveis dores de cabeça. Quando conseguiram entrar no quarto onde havia se trancado, a entidade desligou-se, e ela não apresentou o mínimo sintoma da verdadeira *overdose* de analgésico que ingerira, nem uma simples variação de pressão, como pôde constatar o médico que a atendeu de imediato. Um dia, porém, quando estava numa reunião mediúnica devidamente "incorporada" pela entidade, esta deu um tapa no rosto do doutrinador, o qual não gostou da história. Após a reunião fez uma ameaça à médium que, se isto voltasse a acontecer, ele revidaria com um soco no Espírito. E claro que a senhora argumentou que ela é quem apanharia, mas o companheiro voltou a insistir na ameaça. Na reunião seguinte, bem como daí em diante, o Espírito tomava a médium, agredia verbalmente o doutrinador, contudo nunca mais sequer ergueu a mão para lhe bater. Ora, a entidade não tinha por que ter medo de apanhar, inclusive deveria adorar que isto viesse a acontecer, não só para prejudicar a senhora, a quem ele perseguia por ódio, bem como para causar um desequilíbrio completo na reunião. O que, então, impediu novas agressões? A própria médium, é claro, que mesmo inconsciente durante o transe teve medo de se machucar, levando um tapa em pleno rosto. Donde se conclui que a inconsciência não implica ter o Espírito comunicante total liberdade de ação. Acontecendo assim com uma médium desequilibrada, significa que o médium equilibrado, com maior razão, mantém uma vigilância mais estreita sobre a comunicação que se processa.

Na verdade, não importa o tipo de transe, mas o quanto o médium se torna passivo durante sua ocorrência. A mente que oferece o mínimo de resistência é a que melhor apresenta comunicações de boa qualidade e com inúmeras possibilidades de identificação do comunicante. E isto é que o médium deve exercitar, o apassivamento ativo que, embora pareça um paradoxo, permite que ele exerça a necessária vigilância sobre o comunicante, mas mantendo o propósito de interferir o mínimo possível com a comunicação. Isto se adquire com o exercício e a meditação sobre o transe e suas nuances.

O despertar da faculdade mediúnica

Dentre as inúmeras perguntas que me fazem sobre o Espiritismo e a mediunidade, uma é bem constante: "Eu sou médium?". Geralmente respondo o óbvio: "Todos nós somos médiuns, em maior ou menor grau". Mas quem indaga está querendo saber se é possuidor de uma faculdade mediúnica expressiva. Sempre deixo claro que não existem sintomas indicativos de que alguém possui uma faculdade mediúnica, em qualquer nível. A não ser através de informação espiritual, por médium confiável, somente o eclodir da faculdade, quando não se a traz de berço, é que indica sua existência. Nada mais. Qualquer técnica propalada neste sentido é fruto de ignorância ou do propósito de iludir para tirar proveito, o que significa má fé. Quando alguém se apresenta como possuidor de métodos para identificar a ocorrência de mediunidade, deve-se desconfiar e inquirir qual o seu propósito. Na imensa maioria dos casos, é simplesmente o de lucrar com a ingenuidade, ou ambição, dos tolos.

A mediunidade pode ser uma faculdade ostensiva desde a infância, caso de Elizabeth D'Esperance, Francisco Cândido Xavier, Yvonne Pereira, Divaldo Pereira Franco, José Medrado, e outros. Nessa condição, a pessoa tem contato com o mundo espiritual sem saber que é uma percepção individual, vindo a tomar conhecimento disto quando descobre que seus familiares e amigos não conseguem tê-la.

Fora desse contexto, a mediunidade pode aflorar sem qualquer sintoma: a pessoa tem uma existência normal quando, um belo dia, sem qualquer aviso, entra em transe mediúnico de qualquer tipo. Muitas vezes isto causa um choque e, em alguns casos, quando entra em conflito com as crenças pessoais, pode levar a graves problemas de consciência, ou até psicológicos. Conheci um caso em Salvador, quando ali morava. Um escritor, o qual havia publicado uns dois romances — pelo menos que eu saiba —, escreveu uma nota no jornal *A Tarde*, agradecendo aos amigos o apoio no momento difícil que estava atravessando: fora internado num sanatório da capital baiana, para submeter-se a tratamento psiquiátrico porque, de um momento para outro, "começara a ver pessoas que já haviam morrido". Um caso típico de vidência, que seria convenientemente orientado em qualquer centro espírita, devolvendo-lhe a tranqüilidade. Não sei do resultado, mas tratar uma percepção mediúnica psiquiatricamente tem levado muitos à loucura irremissível.

Outras vezes, a mediunidade surge sob o império de uma obsessão, que já li denominada como "obsessão de despertar". Ou seja, é um tipo inicial de síndrome obsessiva, a qual é tratada rapidamente, servindo para chamar a atenção das pessoas para a sua faculdade para-normal. Em determinados casos a faculdade favorece um ataque obsessivo de grande intensidade e de difícil

erradicação. Isto não significa que toda pessoa que apresente uma situação patológica dessa ordem seja médium. A maioria dos obsidiados tem mediunidade como todo mundo, isto é, sem características ostensivas.

Existem situações outras que podem despertar a mediunidade, até então adormecida: um grande choque emocional, um acidente ou uma doença: minha falecida mulher sempre afirmou que, no que se referia à mediunidade, era "uma pedra", ou seja, não sentia coisa alguma.

Todavia, quando se lhe rompeu o primeiro aneurisma cerebral, na superfície do cérebro, não lhe causando nenhum dano à postura ou psicológico, passou a ver e ouvir os Espíritos, inclusive a captar o pensamento das pessoas a ela ligadas por laços afetivos.

A proximidade da morte também pode despertar a percepção mediúnica, na medida em que os laços que prendem o perispírito ao corpo vão se desatando. Existem vários estudos sobre a mediunidade dos agonizantes, que são provas definitivas sobre a independência da mente em relação ao cérebro e sua continuidade após o desaparecimento deste.

Em geral, o despertar da mediunidade vem acompanhado de algumas modificações psicológicas, como crises de ansiedade, choro sem motivos aparentes, crises de melancolia, sensações indefiníveis etc. É claro que nem sempre esta relação que fizemos significa mediunidade nascente, por isso quem comece a ter tais sintomas deve primeiramente procurar um médico clínico, para fazer uma avaliação das condições fisiológicas e, quando necessário, consultar especialistas. Mas não custa nada buscar, em paralelo, uma instituição espírita conhecida por sua seriedade, para um "diagnóstico" espiritual.

Nunca será de mais ressaltar que o exercício da mediunidade não causa problemas físicos ou mentais, quando levado a efeito de forma correta e voltado para o benefício da coletividade. A doação em auxílio do próximo é garantia de equilíbrio físico e mental para o medianeiro.

Os médiuns que não se exercitam nos deveres da fraternidade, no aprimoramento moral, cultural e emocional, terminam por sofrer as consequências da própria desídia, na forma de obsessões soezes, que terminam por lhe causar sofrimentos e decepções.

Igualmente, orientações, espirituais ou não, quanto ao número de Espíritos que podem dar comunicação através de um médium, por reunião de intercâmbio, são meramente especulativas. Eu ouço sempre falar em três entidades, "no máximo", e me pergunto: "Por que três? Será um número cabalístico?" *O Livro dos Médiuns*, que não apóia tais superstições, não coloca limites para as comunicações. Deve-se sempre ter os seguintes critérios: a necessidade do momento e a compleição física do médium. Um medianeiro com problemas orgânicos ou de saúde fraca deve ser poupado de muitas comunicações ou até impedido de exercer a mediunidade. As mulheres grávidas devem se abster do exercício mediúnico para não causar

desconforto ao reencarnante. Fora dessas e outras situações incomuns, o número limite de comunicações por médium, nas reuniões mediúnicas, é o do bom senso. E afirmo isto com uma experiência de mais de quarenta anos dirigindo reuniões de intercâmbio, e sem nunca haver lidado com médiuns "estressados" ou com problemas psicológicos ou de saúde, por receber mais de "três" comunicações, habitualmente.

Sensações e atitudes durante o transe mediúnico

Sendo um estado alterado de consciência, o transe mediúnico produz determinadas alterações no sistema nervoso, que podem se manifestar no organismo como diversos sintomas, tais como: sudorese abundante, revirar dos globos oculares para cima, respiração ofegante ou entrecortada, taquicardia, calafrios ou calores, tremores etc. Provoca, igualmente, muitas ocorrências no nível psíquico, como surtos emocionais de angústia, raiva, ansiedade, medo etc. Tudo isto na dependência da qualidade do Espírito que inicia o processo de comunicação. Os que estão desequilibrados projetam no médium aquilo que se passa consigo, causando um conjunto de sensações penosas e, algumas vezes, intensamente dolorosas. Por isto, qualquer tipo de desenvolvimento da mediunidade deve ser levado a efeito em reunião própria e em instituição espírita proba. Durante a fase do desenvolvimento mediúnico o médium aprende a identificar seus estados físicos e emocionais dos induzidos pelo comunicante. Aprende, também, a controlar os sintomas orgânicos, não dando vazão a gestos inoportunos ou ruídos causados por respiração forçada ou de qualquer outra ordem.

E preciso não dar lugar à assimilação de atitudes idiossincrásicas sob qualquer pretexto. Sendo o Espírito comunicante ainda de evolução primitiva, deve ser educado, e não impor suas atitudes extravagantes. É claro que não pode haver discriminação de raça ou cor, no que se refere às entidades que vêm ao intercâmbio, o que infelizmente se lê até em obras mediúnicas. Os preconceitos, por parte de encarnados e/ou desencarnados, tenham o nome que tenham, e se nos venham pelo médium que vier, devem ser combatidos com rigor. Mas também não se deve aceitar a orientação de entidades pertencentes ainda ao horizonte primitivo, como se elas fossem seres especiais e capazes de nos conduzir a existência. É claro que qualquer pessoa, na carne ou fora dela, pode ser detentora de rica experiência de vida, mas isto não lhes concede autoridade para opinar em qualquer problema. Somente os Espíritos comprovadamente evoluídos, principalmente no campo moral, possuem, com as devidas cautelas, condições para orientar com proveito e discernimento.

Finalmente: vamos abolir o preconceito inconsciente que ainda domina certos

setores do movimento espírita em relação àquelas entidades que fazem parte da nossa história social, muitas vezes sacrificadas pela crueldade das "raças culturalmente evoluídas". Abandonemos, definitivamente, o preconceito colonialista de nossos corações.

Quando o médium é envolvido pelas energias de um Espírito equilibrado, ou de grande evolução moral, as sensações são muito agradáveis. Um sentimento de paz e alegria invade o íntimo e, pelo menos enquanto dure a relação psíquica, ele se sente realmente feliz. Por isto não se justificam atitudes ou esgares extemporâneos. Isto, em geral, é fruto de uma educação falha, durante o desenvolvimento mediúnico. Recordo-me, neste momento, do seguinte caso: era um companheiro de reunião mediúnica, o qual se sentava bem a minha frente, na mesa em torno da qual nos posicionávamos. Sua idiossincrasia era inspirar e expirar, ruidosamente, pelo nariz e pela boca, respectivamente. Era um defeito de sua educação mediúnica, o qual, além de ser desagradável de se escutar, me causava grande mal-estar, porque o companheiro tinha um mau hálito insuportável!!! E como seu *modus operandi* se repetia fosse qual fosse o nível da entidade comunicante, eu sofria seu desagradável "bafo", tanto quando vinham por ele Espíritos sofredores quanto Espíritos elevados. Uma tortura, da qual me liberei quando, por haver faltado a algumas reuniões, foi mudado de lugar pelos dirigentes da reunião.

É preciso fazer uma ressalva no que se refere a movimentos descontrolados do médium durante uma comunicação. Sendo o companheiro um "médium convulsivo", vai requerer tempo e paciência para que possa chegar a um autocontrole ideal durante o processo mediúnico. É uma condição própria de sua mediunidade, como observa Kardec, mas, passível de educação.

Comunicação mediúnica: processo que se realiza pelo inconsciente

Apesar de não ser um produto do inconsciente, como pretendem alguns psicólogos, psiquiatras e parapsicólogos, a comunicação dos Espíritos transita pelo inconsciente do médium. É uma interação mente a mente, em que os sentimentos, ideias e emoções do comunicante são absorvidos pelas camadas da psique que não estão sob o comando ativo do ego. Dali podem ser colocadas em relação total, parcial ou simplesmente sobrepassar o ego, o que caracterizaria os três tipos de processo mediúnico sobre os quais já falamos.

Pensando em termos de psicologia analítica, podemos trabalhar com a hipótese de que o mecanismo da mediunidade esteja vinculado à estrutura arquetípica do inconsciente coletivo, mas isto é apenas um breve toque no assunto, o qual ainda estou estudando com muito cuidado e realizando as devidas investigações para

chegar a uma conclusão definitiva, no sentido de fortalecer minha certeza particular de que a hipótese aponte para a realidade do processo.

Que a ligação da mente do comunicante e do intermediário se faz psiquicamente, é óbvio, mas deve ser ressaltado — para que não se guardem conceitos errôneos — que os Espíritos não se ligam pelo “chakra” tal ou qual, como muitos tendem a afirmar. Em primeiro lugar, porque são poucos os que entendem — e entendem muito pouco — dos órgãos do corpo espiritual que os hindus chamam “chakra” (roda) e o Espírito André Luiz de “centros de força”, denominação que a mim soa mais apropriada. A ligação em nível de psicossoma que venha a existir consequência, e não determinante, do processo mediúnico.

Logicamente, é preciso que o médium e o operador espiritual encontrem um ponto comum no campo psíquico, ou seja, que estabeleçam uma afinidade. E isto se dá via os complexos que estejam em atividade ou potencialmente flutuando no meio mental de ambos — no caso de relações mediúnicas que expressem desequilíbrio ou estejam no nível comum do viver humano.

Quando das ligações mediúnicas com Espíritos enobrecidos a sintonia se faz por intermédio dos valores positivos que o medianeiro haja incorporado à sua existência; será um processo que se desenvolverá nas camadas superiores do psiquismo dos intercomunicantes, aquilo que o Espírito André Luiz chama, com muita propriedade, de superconsciente.¹⁰

A afinidade, pois, é a lei básica para o funcionamento da faculdade mediúnica. Ampliando o conceito de mediunidade para aplicar ao processo de absorção de pensamentos, ideias e emoções que ocorre com todos nós, o mecanismo fundamental é o mesmo. Estamos em permanente ligação com o grupo espiritual ao qual nos afinamos, ou seja, que tem processos psíquicos que se assemelham em muitos pontos ao nosso. Essa lei é a responsável também pelo sucesso ou fracasso das pesquisas mediúnicas, pois se houver antipatia do médium para com o pesquisador, ou vice-versa, o êxito será completo ou haverá um tremendo fiasco.

O trânsito da comunicação pelos níveis inconscientes é responsável pelo caráter simbólico de muitas percepções mediúnicas. Verifique-se a diversidade de visões de Espíritos pelo mundo afora. Quando a entidade comunicante irradia luz e bondade, ou se apresenta vestida de determinada maneira, o inconsciente a faz percebida como a deusa ou santa por quem o vidente sinta devoção. No Espiritismo isto costuma acontecer, em algumas oportunidades. Basta que o médium insipiente perceba um Espírito de barbas brancas para, sem maiores constatações, anunciar a presença, “no recinto”, do Dr. Bezerra de Menezes. Eu tenho uma experiência interessante em minhas “memórias da mediunidade”. Estava numa reunião de intercâmbio quando percebi, espiritualmente, uma figura feminina de extrema beleza, usando uma delicada coroa dourada à cabeça, por sob a qual ondeavam seus

¹⁰ *10 No Mundo Maior; cap. 3*

bastos cabelos negros. Já me preparava para anunciar a visão, quando algo me fez parar e observar melhor. Depois de algum tempo, notei que a imagem flutuante não possuía movimentos característicos de uma pessoa viva. Era uma simples, apesar de bela, imagem ideoplástica, idealizada fortemente por alguém, que flutuava através do ambiente invisível, até que viesse a se dissolver de forma natural. Um médium com pouca experiência e conhecimento poderia se precipitar e constatar que havia "uma entidade muito elevada em nosso meio".

Outro fenômeno interessante, em linha similar, é o que se pode denominar de "extroversão induzida". Esta se produz quando é iniciado o *rapport* (ligação), para alinhamento das frequências da entidade e do medianeiro. Não sendo este devidamente educado, ou se está sob o império de fortes emoções em sua vida particular, ao absorver os primeiros influxos mentais, produz por si próprio a comunicação, sob o império de algum complexo — ou memória de existência passada em súbita emergência — que a ligação precária estimule.

É uma variante do animismo, mas com um Espírito presente no campo vital do intermediário. Naturalmente o pobre do comunicante se verá arrastado por uma onda de afetos que até podem guardar alguma semelhança com os seus, mas que no fundo são essencialmente diversos.

Vantagens do exercício mediúnico

Existem vantagens pessoais muito importantes para o médium que pratica a mediunidade. Uma delas diz respeito à própria saúde psíquica. Allan Kardec chama a atenção para o fato de que o Espiritismo é um antídoto para a loucura. Eu afirmo que é uma excelente psicoterapia, pelas seguintes razões: como visto, toda comunicação mediúnica passa através do inconsciente do médium. Pelas leis de associação de ideias, durante o seu trajeto, o influxo telepático atrai e arrasta consigo sentimentos e ideias com os quais tenha algum vínculo afetivo. Assim, o médium extroverte conteúdos mentais que dessa maneira deixam de exercer pressão sobre o consciente. É claro que isto diz respeito às comunicações de Espíritos com problemas existenciais. A doutrinação que é aplicada aos Espíritos também serve para o medianeiro e, pela repetição, se fixa no seu inconsciente, vindo a ser de imenso auxílio no cotidiano da existência.

No caso de Espíritos superiores, existem a absorção e a fixação de sentimentos, ideias e pensamentos de ordem elevada no médium. Além disso, reiteradas comunicações de cunho moral, científico e filosófico terminarão por se traduzir no intermediário como um considerável progresso cultural, sendo também estimulante da curiosidade intelectual, induzindo ao estudo e aprofundamento dos conceitos absorvidos pela mediunidade. Neste último caso temos os médiuns Francisco Cândido Xavier e Divaldo Pereira Franco, hoje possuidores de imensa

cultura.

Por fim, o simples fato do exercício contínuo da prece durante a reunião, a vontade de servir ao próximo, sem qualquer gratificação outra senão o sentimento fraterno, a dedicação de uma parte do tempo a uma tarefa altruísta, são atitudes que enobrecem a alma e facultam a paz interior.

Uma outra vantagem diz respeito ao fato de que se participa de um importante serviço de auxílio às almas necessitadas. E como isto é muito raro em meio ao egoísmo dos tempos que correm, os Espíritos responsáveis pela reunião são obrigados a prestar auxílio ao médium em seus problemas mais agudos, inclusive de promover uma constante, e possível, proteção contra o assalto das entidades perniciosas. Fazendo uma analogia, é como alguém que trabalha numa grande empresa e recebe amparo no campo da assistência médico-odontológica, para si e seus familiares. Isto acontece porque o trabalhador é necessário aos objetivos da organização e precisa saber-se amparado para desempenhar melhor seus deveres.

A prática mediúnica também é ótima auxiliar do médium no seu trabalho de autotransformação. Isto porque, pelo tipo mais comum de problema de comportamento apresentado pelos Espíritos que se comuniquem por seu intermédio, ele pode sentir qual o problema que traz em si, qual o complexo que mais o domina e/ou qual a qualidade que lhe falta, para sobre isto trabalhar, aprimorando sua vida interior.

O mesmo pode ser aplicado ao grupo mediúnico. Um registro sistemático das comunicações espirituais servirá para se conhecer os problemas morais dominantes, proporcionando condições para um trabalho dirigido de instrução e incentivo à reforma moral. Infelizmente, um tão óbvio parâmetro de avaliação — verdadeiro "psicos- cópio" estatístico — nunca foi devidamente utilizado pelos responsáveis por reuniões mediúnicas.

Outrossim, qualquer comunicação dos amigos espirituais deve ser analisada pelo prisma pessoal, isto é, tomada como recomendação ou alerta para si próprio, e não para os outros, como se costuma fazer. Os Espíritos elevados estão sempre a indicar ao médium quais os desvios de conduta ou caráter que ele deve corrigir, sempre de forma delicada e sutil, pois uma entidade realmente superior não interfere no livre-arbítrio de ninguém, a não ser em circunstâncias especialíssimas, quando está em jogo o bem coletivo.

Perigos da medi unida de

Certa vez, eu estava lendo num órgão espírita editado via Internet a resposta de um companheiro nosso à pergunta de alguém sobre experiência mediúnica com copos. A resposta me assombrou. O articulista procurava dissuadir quem fizera a inquirição dizendo que esse tipo de exercício mediúnico era um "perigo", que podia causar terríveis obsessões, e por aí fora ele foi tecendo seus comentários. Fiquei estarecido, e não pude deixar de me manifestar num artigo, onde exprimi

indignação com a forma “medieval” da resposta. Como pode alguém, que se diz espírita, usar a “pedagogia do terror” para comunicar um ensinamento?, perguntava. Será que Allan Kardec aprovaria uma tal coisa? E daro que não. E finalizava dizendo: “Não é perigoso fazer experiência mediúnica com copo ou qualquer outro objeto, quando se tem o conhecimento adequado. Monteiro Lobato, por exemplo, fez inúmeras reuniões deste tipo, obtendo excelentes resultados.¹¹ Quem deseje fazer estudos em torno da mediunidade deve, em primeiro lugar, adquirir os conhecimentos teóricos necessários, o que pode ser encontrado em *O Livro dos Médiuns: Guia dos Médiuns e Evocadores*. Aprenderá, ali, que as reuniões de intercâmbio, sejam de que tipo forem, devem ser levadas a efeito num clima de seriedade, com objetivos elevados e o necessário recolhimento. Seguindo essas regras, tudo estará bem, e o sucesso assegurado”. Essa deve ser a diretriz, ou semelhante, em qualquer orientação sobre o exercício mediúnico.

Que a prática mediúnica pode ensejar perigos, é sabido, mas desde que não sejam respeitados os critérios necessários. Da mesma forma, qualquer experiência química, quando não se possuem os conhecimentos essenciais, pode ser altamente prejudicial para quem se arrisca a fazê-la.

Estudar as Obras Básicas do Espiritismo e aquelas que tratem dos estudos e pesquisas mediúnicas é imprescindível. Os livros de Léon Denis, Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano e outros autores voltados para o assunto são sobremodo importantes para quem queira pesquisar fenômenos mediúnicos. E claro que, para o médium, não é requisito imperioso estudar todos os pesquisadores nessa área. Podendo fazê-lo, deve, caso contrário, utilizar os livros de Allan Kardec e a “Coleção André Luiz”, psicografada por Francisco Cândido Xavier, os de Philomeno de Miranda, recebidos por Divaldo Pereira Franco, e os mediúnicos ou não de Yvonne Pereira, principalmente *Devassando o Invisível* e *Recordações da Mediunidade*. Assim estará o médium apto a enfrentar os riscos da prática mediúnica, neutralizando-os com pleno sucesso.

O maior perigo para o médium está na vaidade, no orgulho e na falta de condições morais. Lutando para adquirir um comportamento interno e externo equilibrado, e o mais correto possível, receberá o apoio dos Espíritos elevados, os quais o ajudarão no processo de crescimento espiritual. O estudo e a meditação dos ensinamentos de Jesus oferecem uma base de estímulos espiritualizantes imprescindíveis ao bom uso da faculdade mediúnica.

O que o médium deve evitar ao máximo é se prostituir mediunicamente, deixando-se gratificar por qualquer meio, pelo seu trabalho mediúnico. Este, eu acredito, é o maior obstáculo que o medianeiro enfrenta. A bajulação dos “amigos”, que logo o fazem a reencarnação de A ou B, como — irresponsavelmente — estão fazendo com Francisco Cândido Xavier, num momento de sua existência em que

¹¹ Monteiro Lobato e o Espiritismo, Maria José Sctte Ribas.

deveria estar recebendo o carinho e o reconhecimento pelos inestimáveis serviços prestados à causa espírita, e pelo exemplo notável de vivência das lições do Cristo. A falta de equilíbrio levada ao ponto extremo de os dois lados — os que são contra e os que são a favor de uma imaginária reencarnação de Kardec como o interexistente de Uberaba — produzirem comunicações mediúnicas que são flagrantes mistificações, restando apenas se verificar se consciente ou inconsciente.

À luz dos princípios espíritas, duvido que Espíritos realmente superiores se prestem a semelhantes papeis, em assunto de flagrante irrelevância como este. Antes de se tomar posição quanto a problemas dessa ordem, que não constroem nada e destroem muito, deve-se voltar às Obras Básicas, relendo-as cuidadosamente e principalmente se meditando na responsabilidade para com a Doutrina, em geral, e o movimento espírita em particular.

Veja-se que o perigo está, muitas vezes, não na mediunidade, mas nos que se deslumbram com ela, se transformando em verdugos da dignidade e do equilíbrio do medianeiro. Os médiuns devem tomar muito cuidado com seus "devotos", os quais se tornam, muitas vezes, veículos do mal, para perdê-los.

Fujam os médiuns dos "favores", das tentativas de serem pagos pelos seus trabalhos mediúnicos, não só com dinheiro, mas com presentes. Observem que os médiuns pagos terminam sempre desmoralizados e nos braços de cruel obsessão. O problema da mediunidade mercenária reside no fato de que o médium não tem poder sobre as entidades que se comunicam, e são elas que produzem o fenômeno. Como a mediunidade não é uma faculdade infalível, nem constante, muitas vezes por motivos orgânicos ou psicológicos ela deixa de produzir resultado, mas o medianeiro já conta com o pagamento do "consulente" para suprir suas necessidades pessoais, logo a mistificação é o caminho natural aberto diante de seus passos. Outrossim, é indecoroso receber dinheiro por um trabalho que não se prestou, mas sim outros. Os Espíritos é que poderiam, legitimamente, requerer compensação pelo trabalho que é deles. Mas como nosso dinheiro não tem valor no mundo espiritual, eles não podem ser assalariados por nós.

Alguns argumentam que os médiuns, para se dedicarem inteiramente à prática mediúnica, deveriam ser compensados financeiramente. Mas eles podem dedicar suas horas vagas para tanto. Algumas noites, alguns fins de semana, e reservarem as horas do dia para exercer uma atividade digna, pela qual sejam devidamente remunerados. Esta é a recomendação dos Espíritos equilibrados. Qualquer outra sugestão tem origem no desequilíbrio do aquém ou do além. E isto sim é um perigo para a prática mediúnica.

Uma outra lenda que percorre o meio dos que têm conhecimentos esparsos sobre a problemática mediúnica é que "o médium que não se desenvolve terá uma existência de dores e sofrimentos". Não é verdade. Todos temos a liberdade de escolher o caminho na vida que desejarmos. O médium que não queira exercitar a

faculdade que lhe é própria não será um ser "condenado permanentemente à tortura e à dor". É possível que, vez por outra, atravesse momentos de angústia sem causa aparente, de alguma depressão, irascibilidade mais aguda etc., mas isto acontece com todos nós, que estamos ligados de forma natural a entidades que circulam pelos ambientes em que estejamos.

Todavia, inquirirão alguns, "e os compromissos assumidos na espiritualidade?". Certamente que podem existir, mas também o planejamento reencarnatório tem por obrigação prever essa circunstância, criando alternativas adequadas. O Espírito da Verdade, quando de uma de suas comunicações a Allan Kardec sobre sua missão, é claro ao dizer que assumi-la era uma questão de escolha pessoal e que, se por algum motivo ele desistisse, ou viesse a falhar, havia outro preparado para levar o trabalho adiante. Como era o professor Rivail uma alma equilibrada, o máximo que lhe poderia acontecer se desistisse do projeto que viera executar seria, após a sua morte, uma grande decepção consigo mesmo.

No que se refere a nós outros, pessoas comuns, que viemos ao mundo para as tarefas do crescimento espiritual e que, em geral, trazemos alguns problemas de existências anteriores para resolver, é que o plano alternativo será posto em ação. Os sofrimentos que advierem daí para a frente não serão castigos por causa da nossa rebeldia, mas resultantes da opção feita pela alternativa de aprendizagem.

Atividade mediúnica e moral

É certo que a faculdade mediúnica independe do comportamento moral do médium. Seja ele um santo ou um criminoso, sua faculdade, existindo, poderá ser exercida normalmente. Todavia, entre o santo e o marginal há uma diferença básica: a qualidade dos Espíritos que lhes formam a companhia habitual.

A lei de afinidade funciona aí, como em tudo o mais na vida do indivíduo. Semelhante atrai semelhante, para que possam estar sob o império de outra lei psíquica importante: a das vibrações compensadas, ou seja, todos nós trocamos energia psíquica uns com os outros, sempre que interagimos. Existem, todavia, aquelas pessoas, deste ou do outro mundo, com as quais trocamos energias qualitativamente específicas, que servem de alimento espiritual, bem como de estímulo à alegria de viver, antídoto contra o desânimo e a depressão.

Naturalmente, quando se permutam energias com almas equilibradas o proveito é certo, fazendo-se isto com almas doentias, reforçam-se o desequilíbrio e a infelicidade. Por isto é imprescindível que o médium exercite-se num comportamento moral progressivamente aprimorado. Deve fazer das normas evangélicas elemento para a meditação cotidiana. Meditação que precisa ser uma tarefa diária, a fim de exercitar-se na manutenção de ideias salutares e puras, criando o hábito dos pensamentos dignos.

Certamente que a oração deverá fazer parte da rotina diária e ser um trabalho mental constante, até se transformar no estado natural da própria mente. E isto é

incentivado pelos Espíritos superiores em suas mensagens instrutivas.

Enfim, o burilamento interior, a modificação de hábitos e atitudes infelizes, a criação de reflexos condicionados de paciência, tolerância, compreensão e respeito pelo outro, é um programa normal dos que desejem ser medianeiros do bem. Ter uma qualidade moral e espiritual que se aprimore dia-a-dia é condição necessária para quem deseje exercer a mediunidade com proveito, tanto para os outros como para si.

O problema moral no exercício mediúnico é tão importante que Allan Kardec fez uma classificação neste sentido, denominando como: *Médiuns obsidiados, fascinados e subjugados*, os que se deixam dominar pelos Espíritos inferiores, em maior ou menor grau. *Médiuns indiferentes*, os que não procuram dar o devido valor à faculdade que possuem, nem às suas possibilidades. *Médiuns presunçosos*, os que se julgam mais do que são, se atribuindo valores que não possuem. *Médiuns orgulhosos*, os que estão sempre a menosprezar os outros médiuns, apontando defeitos em suas comunicações e, naturalmente, procurando valorizar-se dessa maneira. *Médiuns susceptíveis*, os que não aceitam nenhuma orientação e se melindram por qualquer coisa que se faça ou se deixe de fazer com relação a eles. *Médiuns mercenários e ambiciosos*, os que buscam lucrar com a faculdade mediúnica; o problema é que estão cobrando por algo que não dominam; e temos sido testemunhas do que acontece com os que fazem esta opção, pretendendo lucrar com o trabalho dos Espíritos. *Médiuns malvados*, os que colocam sua mediunidade a serviço dos espíritos que desejem prejudicar os outros. *Médiuns egoístas*, aqueles que guardam ao máximo suas faculdades, sem colocá-las a serviço da coletividade. *Médiuns ciumentos*, os que se ressentem com a projeção de outros médiuns, pois querem ser os melhores e obter todas as honras.

A esses médiuns imperfeitos se contrapõem os bons médiuns, que são: *sérios*, por que encaram seus deveres com responsabilidade e critério; *modestos*, por deixarem o crédito de suas produções aos Espíritos, seus reais autores, e se mantêm na sua posição de instrumentos deles; *devotados*, os dedicados de corpo e alma ao serviço do próximo, medianeiros da caridade e do amor; *seguros*, aqueles em cuja faculdade se pode confiar plenamente, pois é exercida de forma correta e sem titubeio.

Recomendações úteis para o dia de reunião

Certa vez, eu dirigia uma reunião de diretoria num Centro Espírita em Salvador. Estávamos apreciando um projeto de regimento interno para uma reunião mediúnica em reestruturação, quando fomos todos surpreendidos por duas recomendações incluídas: "Dois dias antes da reunião não devem os participantes comer carne nem fazer sexo". Imediatamente pedi justificativas "doutrinárias"

que baseassem as ditas recomendações e recebi como resposta que, no caso da carne, era para evitar os "fluidos deletérios" produzidos por sua ingestão e, no caso do sexo, para "evitar a perda de energia" que ele acarreta. É claro que as alegações não são doutrinárias, e cobrei que me fosse apresentado, nos livros básicos da Doutrina Espírita, elementos lógicos que justificassem a pretensão, o que naturalmente não aconteceu, porque não existem. Essas "proibições" nascem de superstições e do tabu sexual que o cristianismo medieval implantou na mente de inúmeros Espíritos. Qualquer pessoa ou entidade espiritual que aconselhe tais restrições demonstra não conhecer a Doutrina Espírita e estar se debatendo com graves problemas na área genésica.

A alimentação excessiva, antes da reunião mediúnica, bem como tomar bebidas alcoólicas no dia em que se realiza, tudo bem. Não por questões morais: simplesmente porque o excesso de alimentação volta todo o organismo para o trabalho de metabolizar a digestão; além do mais, poderia acontecer com o médium o mesmo que ocorre com as pessoas que se alimentam em excesso e depois vão realizar exercícios físicos ou mentais intensos: indigestão ou coisa pior.

O álcool, por seu turno, é uma "droga" tão prejudicial quanto a cocaína, a heroína e suas assemelhadas, com interferência direta no sistema nervoso, influenciando no livre funcionamento da medi unidade, mesmo quando ingerido muitas horas antes da reunião.

Quanto à carne, leiamos o que dizem os Espíritos: "A nutrição animal é, entre os homens, contrária à lei natural? Dada a vossa constituição física, a carne nutre a carne, de outra forma o homem perece. A lei de conservação impõe ao homem um dever de manter suas forças e sua saúde, para cumprir a lei do trabalho. Ele deverá pois se nutrir segundo o exija seu organismo"¹². Vê-se, pois, que a citada recomendação contraria o bom senso que os Espíritos demonstram, na resposta a Kardec.

No que se refere à questão sexual, é totalmente absurda. Não encontramos nas Obras Básicas, principalmente no *Livro dos Médiuns*, nada que referende uma "proibição" dessas. Quem assim procede deve ter distúrbios nessa área, e eu recomendo que procure, imediatamente um terapeuta. Tenho certeza de que são infelizes em seus relacionamentos conjugais, por causa dos conflitos em que vivem mergulhados.

Fui procurado uma vez por uma senhora, casada com um médium conhecido numa cidade desse imenso Brasil. Angustiado, ela me relatou que seu marido optara por não mais ter relações sexuais com ela. O problema era que a opção foi unilateral e autoritária, e simplesmente não levava em conta as necessidades normais da esposa, ainda jovem e no vigor da sexualidade. É claro que cada um de nós tem o direito de tomar as decisões que deseje, na condução da própria

¹² ¹² *Le Livre des Esprits*, questão 723.

existência. Mas não tem o direito de impor suas escolhas a ninguém, principalmente se lhes pode trazer prejuízos e sofrimentos. Que o companheiro quisesse experimentar a castidade, tudo bem, mas consultasse primeiro a esposa e, se ela não concordasse, por sentir-se desejosa de viver seus legítimos anseios sexuais, de duas, uma: ou ele desistia da pretendida continência ou devia proporcionar-lhe o divórcio, para que ela pudesse viver em plenitude sua feminilidade. De um modo geral, quanto à questão sexual, os cônjuges deveriam ler e meditar as recomendações de Paulo a esse respeito.¹³

O Espiritismo não apóia nenhuma atitude "tetulianista"¹⁴, ou seja, de radicalismo anti-sexual, pois entende o sexo como uma função orgânica natural. É claro que a Doutrina condena qualquer tipo de excesso, inclusive no campo sexual, mas isto é outra coisa. Querer vedar o uso do sexo entre casais, sob o falso pretexto de que o ato sexual "drena as energias" psíquicas, é desembestar pelos caminhos esdrúxulos da superstição mais tola e mais absurda. O ato sexual entre os que se amam, e estão em pleno exercício da vinculação afetiva normal e moralmente legal é estimulante e promove a assimilação de forças espirituais que plenificam os parceiros. Em vez de "drenar" energias, satura-os delas.

É certo que o adultério e a promiscuidade sexual trazem prejuízos morais, e portanto vibratórios para seus praticantes, mas isto é uma outra questão, que a Doutrina Espírita analisa e faz as devidas recomendações, em que os ensinamentos evangélicos cabem perfeitamente.

Uma outra grave questão se impõe. O Espiritismo veio trazer a harmonia e a paz, tanto para o indivíduo quanto para as coletividades. No que diz respeito à família, ele a considera como importante núcleo de crescimento espiritual e tem uma série de estímulos à promoção de sua harmonia. Os dirigentes de instituições espíritas que impõem aos seus frequentadores restrições quanto à vida sexual estão agindo no sentido de desagregar casais, o que contraria os princípios doutrinários. Isto porque muitos dos frequentadores das reuniões mediúnicas são casados com pessoas não espíritas. O que pensarão esses cônjuges quando, toda semana, forem repelidos ao fazerem uma solicitação dessa ordem, sob a alegação de que "daqui a dois dias terei reunião mediúnica, e não posso fazer sexo"? É claro que isto trará o desassossego e a desconfiança, podendo criar embaraços incontornáveis para o homem ou a mulher que seja espírita. Somente a irresponsabilidade, o fanatismo, a superstição ou a inconsequência poderão ditar normas que tais. E, naturalmente, Espíritos cujo propósito seja prejudicar a causa espírita...

Espírita sem bom senso é presa fácil da obsessão...

¹³ **13** Epístola de Paulo ao Efésios, cap. V, versículos **25** a **33**.

¹⁴ **14** Tertuliano Foi um dos cristãos dos primeiros séculos que terminou por se incorporar a uma seita que proibia o sexo, inclusive entre marido e mulher.

O que se deve recomendar às pessoas que frequentem reuniões mediúnicas é não se empanturrar de alimentos nas horas que antecedem a reunião, pelos motivos expostos. Fazer higiene corporal adequada, pelo óbvio motivo de que alguém que não tome banho, não use desodorante ou não escove os dentes se torna extremamente desagradável; se abster de perfumes fortes, que venham a se tornar incomodativos em ambientes fechados; pôr trajés que não criem constrangimentos; evitar faltar às reuniões, pois se dá, nesse caso, o mesmo que acontece com qualquer trabalho material ao qual o trabalhador não comparece: sobrecarrega os outros e prejudica produção normal. E, é lógico, manter a conduta de "verdadeiro espírita", conforme definição de Kardec, mas não apenas no dia da reunião, todavia como norma comum no cotidiano.

Mediumidade e rituais

Diz o Aurélio: Ritual. [Do lat. *Rituale*.] Adj. **2** g. **1**. Referente a rito(s). M.S. m. **2**. V. culto (**2**). **3**. Liturgia. **4**. Livro que contém os ritos de uma religião... **5**. Conjunto de práticas consagradas pelo uso e/ou normas, e que devem ser observadas de forma invariável em ocasiões determinadas; cerimonial, etiqueta... Assim também ali encontramos: Ritualismo. [De ritual + -ismo] S. m. **1**. Conjunto de ritos. **2**. Apego excessivo a cerimônias ou formalidades, sem suficiente atenção ao significado que veiculam.

O Espiritismo diminuiu ao máximo o ritual em suas práticas. É claro que sempre permanece algum, pois toda a atividade humana, que se repita periodicamente, tem de lançar mão de rituais. Por exemplo, o realizar-se uma reunião em dias e horas determinados da semana. Iniciá-la sempre com uma leitura preparatória e uma prece. Solicitar a presença dos amigos espirituais em seguida, quase que com as mesmas palavras. Ter sempre ao final — ou início — uma mensagem de orientação do "guia da reunião. Terminar em horário predeterminado, com uma prece. Beber água fluidificada, após o encerramento dos trabalhos. Tudo isto caracteriza um conjunto de ritos, logo um ritual. E claro que não pode ser de outra forma, pois os rituais são parte da vida cotidiana. É só cada um analisar o que faz todo dia, desde o momento de acordar até o de dormir.

O que é condenável é o ritualismo, que valoriza mais a forma do que a essência. A Doutrina Espírita condena as atitudes ritualísticas que configuram mera superstição, como as seguintes:

O uso de roupas especiais para a reunião mediúmica. Certa vez fui a um Centro Espírita, numa cidade no interior da Bahia, onde todos os trabalhadores usavam jaquetas, como de médicos ou enfermeiros, com uma cruz vermelha bordada no bolso da frente. Não existe nenhuma justificativa doutrinária para o uso de tal fantasia. E não passava o uniforme de fantasia, pois nenhum deles era médico ou enfermeiro para usá-lo com propriedade.

Igualmente se verifica, em algumas "reuniões de fluidoterapia", que todos

vestem roupas brancas; "por causa da vibração". O que é um absurdo, pois a vibração é um problema mental, e não da vestimenta. Pode-se usar roupa de qualquer cor, em qualquer reunião espírita, sem que isto tenha influência no que ali se realiza.

Não cruzar pernas ou braços, em determinados momentos. Uma vez me justificaram este ritual como sendo para "evitar curto-circuito das energias magnéticas do corpo". É uma justificativa inválida, pois se sofrêssemos danos psíquicos ou físicos, sempre que provocássemos esse tal curto-circuito, já estaríamos todos mortos ou aleijados de há muito. Não existe nenhum problema em cruzar braços ou pernas durante o exercício mediúnico, a faculdade funcionará normalmente.

Fazer saudações especiais, quando se comunique alguma entidade espiritual. Sendo Espírito Superior, não precisa delas, se requerê-las, não é superior.

Tirar os sapatos para participar de uma reunião não é uma prática espírita. O uso de sapatos não prejudica a comunicação dos Espíritos, e tirá-los em nada contribui para ajudar o processo.

Usar perfumes para aplicar passes pode ser até agradável ao olfato, mas limita-se apenas a isto. Não influencia a transmissão da energia magnética em nada. Nem afasta as entidades inferiores.

A recitação de fórmulas especiais, em qualquer momento da reunião mediúnica, não ajuda, e às vezes atrapalha, o processo da comunicação dos Espíritos. É simples perda de tempo. Certa vez, fui a uma reunião onde o dirigente, vez que outra, exclamava: "Sangue de Jesus tem poder". Dirigi-me a ele, após algum tempo, e perguntei: "Por que você não diz também que cuspe de Jesus tem poder, assim como todas as secreções e produtos do metabolismo do seu corpo? Pois tudo Nele, e Dele, tinha poder!". Nunca mais ele repetiu a dita exclamação.

Alimentação vegetariana e continência sexual, é lógico, em nada influi no desempenho mediúnico, nem para melhor, nem para pior. Naturalmente se devem evitar bebidas alcoólicas no dia da reunião, por causa da ação prejudicial sobre o sistema nervoso, bem como o excesso de alimentação antes da reunião. Mas isto por motivos óbvios. Quanto ao sexo praticado entre os que se amam, e dentro da legalidade ética, como pode causar prejuízo à prática mediúnica?

Passes de "limpeza" antes e depois da reunião são perda de tempo. No primeiro caso, a prece e a concentração, bem como o trabalho espiritual, já constituem

fatores normais de "limpeza psíquica". E quando alguém, após trabalhar em uma reunião mediúnica, necessite de "limpeza", é que está com grave problema obsessivo, ou a própria reunião.

Emitir grunhidos, gritos, ruídos com a língua ou pelo nariz, bater no tórax com os braços, estalar ou sacudir os dedos são ritos desnecessários, que demonstram falta de educação mediúnica e denunciam a inferioridade do Espírito comunicante.

Acender velas, usar incenso e imagens de santos no Centro Espírita, e na reunião mediúnica, é atentar contra os princípios doutrinários, pois tais acessórios não promovem espiritualidade nem têm nenhuma ação sobre os processos mediúnicos.

Quando o ritualismo se instala em qualquer movimento, a forma toma lugar do essencial, com prejuízos naturais. Jesus combateu os rituais supérfluos, tão comuns entre os seus conterrâneos, mas os cristãos os introduziram em suas práticas, criando cerimônias que primam pelo espetáculo, mas que são vazias de espiritualidade.

O Consolador, revivendo os princípios evangélicos, condena e repele qualquer excesso ritualístico, para se manter o mais próximo possível da simplicidade do Mestre e dos seus seguidores imediatos.

Capítulo 3 Evolução das formas e meios para a comunicação mediúnica

A Segunda Revolução Mediúnica da história começou de forma simples: eram ruídos como se fossem arranhaduras nas portas, paredes, assoalho, teto etc.; outras vezes eram pancadas que soavam tanto no interior como no exterior dos objetos; em alguns momentos lembravam o rufar de tambores ou serrote cortando a madeira, e assim sucessivamente. Desde os primeiros contatos inteligentes, na noite de **31** de março de **1848**, os ruídos ou *raps* passaram a servir para o diálogo entre os dois planos da vida, mas os fenômenos foram evoluindo para formas mais complexas, como o movimento de objetos, principalmente mesas, que ficaram conhecidas como "mesas girantes e falantes", pois também serviam para troca de ideias entre a entidade comunicante e os participantes da reunião onde o fenômeno acontecia. Finalmente os efeitos físicos atingiram a complexidade das "corpo-rificações", quando o Espírito, com os recursos ectoplásmicos do médium, forma um corpo temporário, com o qual podem conversar vis-a-vis com as pessoas e realizarem uma série de atos para comprovarem sua identidade e

transcendência.

Paralelamente os médiuns passaram a desenvolver faculdades de escrita automática, transe psicofônico, clarividência, clariaudiência, psicometria e muitas outras, chamadas de efeitos inteligentes, ou subjetivas. Terei ocasião de detalhar todas elas, bem como as expressões que estou usando no momento.

Os raps

Rap é uma palavra inglesa, sobre a qual diz o *Longman Dictionary of Contemporary English*: (o som de) um rápido e leve golpe, e o *Novo Michaelis*: **1.** piparote m., pancada rápida, cacholeta f. **2.** batida f. na porta ou o respectivo som. **3.** (EUA, gíria) censura f. v. **1.** bater (viva e rapidamente). **2.** dar um golpe ou uma pancada seca. **3.** vociferar, praguejar.

"Um dos fenômenos físicos mais belos da metapsíquica são os *raps* (golpes), porém não é fácil obter golpes bastante sonoros de modo a podermos ouvi-los com clareza"¹⁵.

Os Espíritos iniciaram a comunicação ostensiva com o nosso mundo por meio desses golpes. A glória do primeiro contato, com o estabelecimento de uma metodologia de intercomunicação, cabe à Sra. Fox. Ela deve ser inserida entre os pesquisadores psíquicos modernos, pois soube aplicar o método mais simples de troca de informação, o "bit", onde o sim/não, aceso/apagado, falso/ verdadeiro, no caso ruído/silêncio, combinados e modificados segundo as circunstâncias, lhe permitiram um diálogo limitado, mas esclarecedor, com o agente dos fenômenos. Descobriu que o responsável pelos golpes era um ser inteligente, embora invisível. Que vivera na Terra, num corpo físico, mas continuava a manter os parâmetros de raciocínio, memória, pensamento coerente, vontade e consciência do próprio eu. Aqui possuía um lar com esposa e filhos, e fora covardemente assassinado por motivo de roubo. Uma tragédia, é verdade, mas semelhante a várias que acontecem diariamente, em todos os países, e que os jornais estampam em seus noticiários sensacionalistas. Um crime que nunca, mesmo com a revelação dos seus detalhes, foi levado aos tribunais do mundo, mas que a Lei de Causa e Efeito está a resolver, com implacável eficiência, usando os mecanismos da reencarnação, com os implicados reunidos em alguma região do planeta, expungindo erros, aprendendo a respeitar a vida e os bens do próximo.

Outro que emprestou inestimável contributo aos estudos psíquicos foi William Duesler, vizinho dos Fox, que chegando em torno de **21** horas, na noite histórica, associou ao método utilizado pela Sra. Fox a soletração das letras do alfabeto,

¹⁵ **15** *A Grande Esperança*, Charles Richet, in *O Espiritismo e as Manifestações Supranormais* (Breve História dos *Raps*), Ernesto Bozzano, Casa Editora O Clarim, **1971**, Matão, SP, pg. **69**.

obtendo o nome da entidade ¹⁶ ou as iniciais C. B. (segundo Alan Gauld, quem conseguiu o nome do Espírito foi David Fox, irmão de Kate e Maggie, em Rochester, para onde as duas tinham se mudado no verão de **1848**, utilizando o método de Duesler)¹⁷.

Seguindo-se a esses pioneiros, vem Isaac Post, um respeitável *quacker* à cidade de Rochester: "Post sentou-se com a família em volta de uma mesa e questionou os golpes. A Sra. Fish mencionou-lhe que seu irmão Davi tinha obtido o nome do caixeiro morto, pela nomeação em voz alta das letras do alfabeto e anotação da letra indicada pelos golpes. Post sugeriu que tentassem esse método novamente, e os *raps* soletraram "nós somos todos seus amigos e parentes mortos. Jacob Smith"¹⁸. O assinante era, enquanto encarnado, avô das Fox. Assim, foi Isaac Post quem iniciou as reuniões mediúnicas com os participantes sentados à volta de uma mesa, que veio a se tornar tradicional, e quem conseguiu a primeira comunicação tiptológica de maior extensão, ancestral da psicografia.

Merece figurar também no panteão dos desbravadores E. W Capron, um jornalista de Auburn, que chegou a Rochester em **23** de novembro de **1848**, para cobrir os eventos que ali estavam acontecendo, e teve oportunidade de fazer um teste simples, mas convincente, de que o médium não retira sempre as informações que transmite da mente de quem consulta ou pesquisa, como teremos oportunidade de ver mais à frente.

A técnica usada para comunicação com os Espíritos através dos *raps*, ou da tiptologia, conforme a denominação de Kardec, foi, de acordo com a limitação do fenômeno, a das respostas sim e não a perguntas diretas, ou pela quantidade de pancadas, quando a requisição se prestava a isso. Com a associação das letras do alfabeto criou-se o método das mensagens escritas. Uma pessoa recitava as letras e os Espíritos davam um *rap*, quando a que desejavam era expressa, enquanto alguém anotava; recomeçava-se a recitação até que a palavra estivesse completa ou o anotador descobrisse qual era, dizendo-a para confirmação através dos sinais convencionados de afirmação ou negação.

Quando os ruídos aconteciam no interior da madeira da mesa, Allan Kardec batizou o fato de "typtologie intime" (tiptologia íntima)¹⁹. Apesar de cansativo, foi a forma mais eficiente, na época, de os Espíritos expressarem suas ideias e passarem instruções aos praticantes, inclusive para melhorias na forma de comunicação. Os ruídos expressavam também, através de recrudescimento ou força, a emoção do Espírito que os estava produzindo.

Os *raps*, apesar de sua humildade diante de outros grandiosos fenômenos que o

¹⁶ **16** *História do Espiritismo*, cap. IV

¹⁷ *The Founders of Psychical Research*, cap. I.

¹⁸ *Idem*

¹⁹ **19** *Le Livre des Médiums*, item **142**.

Espiritismo e as pesquisas psíquicas apresentam, formam o sólido fundamento sobre o qual está assentado todo o imenso e férreo edifício construído pelo "Espírito da Verdade".

Movimento de Objetos. As mesas girantes

"A casa da Sra. Fish (Leal Fox) tornou-se cenário, é o que se alega, não meramente do barulho dos golpes, porém de violento e totalmente inexplicável movimento de objetos." ²⁰Pela primeira vez, na epopeia espírita, se ouve falar de objetos que se movem sem causa aparente.

Outra notícia sobre movimento de corpos inertes sem contato consta de uma reportagem do co-editor do *New York Exelsior* de 2 de fevereiro de 1850: "Uma mesa que estava no aposento foi movida sem qualquer agente visível (deverá ser lembrado que era pleno dia, e o apartamento estava bem iluminado), não obstante todos os nossos esforços para mantê-la parada..."²¹. Foi uma evolução da comunicação dos ruídos transcendentais.

Numa primeira abordagem histórica dos fenômenos, escreve Kardec: "Esse fenômeno, que parece ter sido observado logo na América, ou antes, que se repetiu naquele país, porque a história prova que ele remonta à mais alta antiguidade, se produziu acompanhado de circunstâncias estranhas, tais como: ruídos insólitos, golpes dados sem causa ostensiva conhecida" ²²

Muito naturalmente, na introdução do seu primeiro livro, Allan Kardec prioriza as mesas girantes que, durante dois a três anos, empolgaram a Europa em geral e a França em particular. Em 1861, entretanto, estudando a semantologia e a tipologia, escreve o Sábio Liyn: "As primeiras manifestações inteligentes foram obtidas por golpes dados ou tipologia. Esse meio primitivo, que se ressentia da infância da arte, não oferecia senão recursos muito limitados, e onde se estava reduzido, nas comunicações, às respostas monossilábicas por sim ou não, com a ajuda de um número convencional de golpes"²³.

Todo o processo de disseminação mediúnica foi devidamente organizado no mundo espiritual, sendo desenvolvido em etapas claras e definidas. "Resultaria também das observações feitas desde os primeiros momentos, por meio de 'comunicações' ou 'mensagens', que este movimento espírita, isto é, a inauguração destas comunicações entre os habitantes dos dois mundos, foi preparado por

²⁰ ²⁰ *The Founders of Psychical Research*, cap. I.

²¹ ²¹ Idem

²² ²² *Le Livre des Esprits*, Allan Kardec, Librairie Leymarie, Paris-França. *Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita*, item 3.

²³ ²³ *Le Livre des Médiuns*, item 139.

'Espíritos' científicos e filosóficos que, durante sua existência sobre a Terra, se haviam ocupado especialmente de pesquisas sobre a eletricidade e sobre diversos fluidos imponderáveis. À testa desses Espíritos achava-se Benjamim Franklin, que frequentemente, dizem, deu instruções para explicar o fenômeno e indicou a maneira de aperfeiçoar, de desenvolver as vias de comunicação entre vivos e mortos." ²⁴

Depois que Isaac Post inaugurou a "reunião de mesa", a novidade se espalhou por toda a América, fazendo inúmeras conversões de cépticos e materialistas militantes. Debates apaixonados foram travados pela imprensa entre os adeptos e os adversários dos novos fenômenos e ideias. Enquanto isso as *tables* se moviam, giravam, levitavam, exibiam movimentos pendulares e respondiam a questões de todo o tipo, com respostas das mais diversas qualidades: desde as mais douradas, às mais espiritualizadas, como também frívolas, levianas, mentirosas e, até mesmo, ater- rorizantes.

A ignorância sobre os princípios éticos e racionais que regiam os fenômenos, apesar dos alertas constantes dos Espíritos superiores, abriram portas para a obsessão, desde a fascinação à possessão pura e simples. Geralmente os que iniciam qualquer processo novo, nos diversos campos da atividade humana, pagam elevado preço por isso, às vezes à custa da própria vida.

Logo as pancadas na mesa foram substituídas por pancadas da mesa, *typtologie par bascule* (tiptologia por balanço), assim Kardec a denomina²⁵. Ela se elevava sobre dois pés e batia com os outros. Uma pesquisa mais detalhada nos documentos da época poderá esclarecer esta matéria. O que importa é que o novo sistema se expandiu, primeiro no continente americano, penetrando no México e Canadá, e depois trasladando-se para a Europa.

A história guardou alguns nomes dos que levaram a novidade para o Velho Mundo: na Escócia e na Inglaterra, em **1852**, aportaram vários médiuns que iniciaram pessoas da ilha na prática das mesas falantes. A Sra. Hayden, esposa do diretor de um jornal de grande circulação em Boston, era um desses intermediários, e teve o crédito de converter à nova prática o "socialista utópico" Robert Dale Owen, o matemático Augusto de Morgan, o médico da Real Academia Dr. Ashburner, o presidente da Sociedade Real de Medicina e Cirurgia Dr. John Elliotson, a escritora Catherine Stevens Crowe, dentre outros, em menos de um ano de atividades, pois voltou para os EUA em **1853**.

A Alemanha já vinha sofrendo uma lenta preparação — que parece se concretizar agora com a Transcomuni- cação Instrumental —, desde os estudos de Justinus Kerner sobre Frederica Hauffe, a Vidente de Prevorst, em **1829**. Em **1852**, com o famoso caso do "Espírito Batedor de Bergzabern", abriu-se aos novos

²⁴ **24** *O Espiritismo*, Paul Gibier, FEB, 3^a edição, **1980**, Rio de Janeiro-RJ, primeira parte, cap. III.

²⁵ **25** *Le Livre des Médiuns*, item **139**.

fatos.

A França, e principalmente Paris, já vinha discutindo sobre Angelique Cottin desde **1846**; a camponesa de treze anos em cuja presença os objetos domésticos enlouqueciam, e que foi estudada pelo famoso astrônomo Arago, bem como por várias outras autoridades, científicas ou não.

Em maio de **1853**, Paris foi invadida pelas *tables tournants*, com as guéridons, as mesas de pé-de-galo, a voltearem por todos os salões da burguesia gaulesa. Nesse ano, em setembro, Delphine de Girardin, poetisa e esposa do célebre Emílio de Girardin, passou dez dias na ilha de Jersey, onde Victor Hugo estava exilado com sua família, pela oposição ao usurpador do governo francês Napoleão III. Ali, médium e ativista das novas ideias, converteu a elas o autor de *Os Miseráveis* e também o poeta e dramaturgo Augusto Vacquerie. Depois, partiu para a cidade de Paris, onde difundiu a prática da comunicação com os mortos, utilizando a "mesa Girardin", como a denomina Kardec²⁶, até **29** de junho de **1855**, quando desencarnou.

Também em **1853** as mesas girantes invadiram o Brasil! Notícias aparecem no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, no *Diário de Pernambuco* e em *O Cearense*. Todos filiavam dos fenômenos que aconteciam nos EUA e Europa, dizendo que a moda já estava entre nós, sendo a coqueluche das reuniões sociais da Terra de Santa Cruz.²⁷

Kardec, analisando as comunicações pelas mesas girantes, faz uma distinção entre a tiptologia direta (com os golpes soando no interior da madeira), a tiptologia indireta, ou por movimento basculante. Ao conjunto desses fenômenos nomeia sematologia, abrangendo todos os tipos de ruídos, movimento de mesas ou objetos, além do conjunto de "mímicas" com as quais a mesa expressava os sentimentos do Espírito comunicante. Elas possuíam uma vivacidade e força de expressão que os participantes não tinham como duvidar, em observando-a exprimir alegria, raiva, impaciência e outras emoções tipicamente humanas, que estavam diante de um objeto comandado por uma pessoa viva, numa condição de invisibilidade.²⁸

Estudando a comunicação espiritual pelas mesas, vemos que, usadas inicialmente para projeção dos *raps*, elas passaram a sê-lo na produção dos ruídos, por pancadas produzidas pelos seus pés elevados e projetados contra o solo, à vontade dos Espíritos. No início eram mesas comuns mas, para facilitar a comunicação, talvez, foram sendo criadas mesas menores e

²⁶ ²⁶ Idem

²⁷ ²⁷ Vcja-se sobre os assuntos aqui tratados o magnífico livro *As Mesas Girantes e o Espiritismo*, FEB, **1958**.

²⁸ ^M *Le Livre des Médiuns*, item **140**.

mais leves, terminando por se utilizar as mesas de pé-de-galo, isto é, mesas de três pés, feitas de madeira menos pesada que as normais.

A declamação do alfabeto continuou a ser usada, bem como as sinalizações de sim e não. Uma variante consistia em se escrever na mesa o alfabeto, e elas davam um número de pancadas correspondente ao número da letra (a = **1**, b S **2** etc.), que era anotada. Ao finalizar uma palavra, o Espírito produzia um sinal convencional para indicá-lo, e se iniciava a recepção de uma nova. Assim, ao fim de algum tempo se conseguia uma mensagem.

Os que eram experimentados nesse gênero de conversação espírita usavam artifícios para acelerar o processo, como por exemplo tentar adivinhar a palavra, após certa quantidade de letras, com os Espíritos indicando, por movimento ou batida se estava certo ou não. Outra forma era alguém ir percorrendo as letras com o dedo, e os Espíritos dando sinal quando ele estava sobre a letra desejada, que era anotada e, então, o processo recomeçava. Isso valia para todas as variantes de intercâmbio que Kardec nomeou de *typtologie alphabétique* (tiptologia alfabética).²⁹ O importante era que os movimentos das mesas exprimiam o sentimento dos espíritos, de forma mais taxativa do que os ruídos.

Na América, era usada uma mesa tendo um quadrante com as letras e as palavras sim ou não. Um ponteiro se movimentava, sob a influência do médium que segurava um fio condutor passando por uma polia, e indicava as letras, que eram devidamente copiadas.³⁰

O Codificador descreve outro aparelho para comunicações do tipo que estamos estudando, ao qual dá o nome de Table-Girardin, descrevendo-o assim: "Esse instrumento consiste em um tampo de pé-de-galo móvel, de trinta a quarenta centímetros de diâmetro, movendo-se livre e facilmente sobre seu eixo, como uma roleta. Sobre a superfície e a circunferência, são traçados, como num quadrante, as letras, os números e as palavras sim e não. No centro tem uma agulha fixa. O médium pousando seus dedos sobre a borda da mesinha, esta roda e pára quando a letra desejada está sob a agulha. Alguém toma nota das letras indicadas, e se formam desse modo, muito rapidamente, as palavras e frases".³¹

Um outro artefato foi a prancheta inventada por um Sr. Planchette. "Peça móvel em que há um indicador (ou ponteiro), que percorre mediunicamente o alfabeto (em forma de quadrante), os algarismos de **0 a 9** e as palavras sim e não ali colocados...".³²

²⁹ **29** *Le Livre des Médium*, item **141**.

³⁰ **30** *Idem*, item **143**.

³¹ **31** *Le Livre des Médium*, item **144**.

³² **32** *Enciclopédia de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo*, João Teixeira de Paula, Cultural Editora Ltda., 2ª edição, **1972**, São Paulo-SP, vol. III.

Uma variedade dessa forma de obter mensagens dos Espíritos é a que utiliza o copo. Como nas formas citadas, é colocado um círculo de letras do alfabeto, números e as palavras sim e não. No centro, um copo, geralmente de vidro, sobre o qual se põe a mão. Impulsionado pela ação espiritual, o copo se desloca, formando palavras e frases, em resposta às questões feitas. No Brasil, o imortal escritor Monteiro Lobato usou essa modalidade em suas experiências mediúnicas domiciliares com grande proveito.³³

A psicografia

A evolução das formas de intercâmbio foi em direção à escrita pelos Espíritos, utilizando o lápis e o papel. As mensagens passaram a ser escritas com mais rapidez. A essa escritura espiritual Allan Kardec designou psicografia, diferindo da que o Espírito imprime diretamente em papel, ardósia ou qualquer outro material — ou, materializando a mão escreve ele mesmo —, naquilo em que o lápis é impulsionado pela entidade e está em ligação com, ou diretamente na, mão do médium. Na segunda modalidade temos um fenômeno de efeito físico, enquanto na primeira um fenômeno de efeito inteligente, isto é, subjetivo.

Como a sematologia, o Sábio de Lyon classificou de psicografia indireta a que se utilizava de instrumentos onde os lápis eram presos, e de psicografia direta quando o médium tomava o lápis com a própria mão, escrevendo, de forma consciente ou não, as mensagens dos Espíritos.

Foram as entidades espirituais que ensinaram o novo processo de ação mediúnica. “É um dos seres invisíveis que dá o conselho de adaptar um lápis a uma cesta ou a um outro objeto. Esse conselho foi dado simultaneamente na América, na França e em diversos países.”³⁴

Pessoas outras começaram por prender um lápis a uma das pernas da mesa, ficando o papel no chão. Para facilitar o processo foi construída uma mesa pequena que era colocada sobre uma folha de papel, ficando o conjunto sobre a mesa normal. As mãos eram postas sobre os bordos da cesta ou tampo da mesinha, sendo o conjunto movimentado pelos Espíritos que ditavam o escrito. Outra criação foi uma prancheta triangular, onde o lápis era colocado num dos vértices do triângulo, funcionando de resto como descrito.

As cestas, por seu turno, tomavam formatos variados, como a cesta carrapeta ou cesta pião, onde o lápis atravessava o centro da cesta, ficando o conjunto equilibrado na ponta do lápis, sobre o papel. Um outro tipo de

³³ **33** Ver *Monteiro Lobato e o Espiritismo*, Maria José Sette Ribas, Lake, Livraria Allan Kardec Editora Ltda., **1972**, São Paulo-SP.

³⁴ **34** *Lc Livre des Esprits*, Allan Kardec, Librairie Leymarie, Paris-França, “Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita”, item **4**.

cesta foi a cesta-de-bico ou *corbeille-tupie*, com a qual foram escritas as respostas que compõem grande parte do *Livro dos Espíritos*, na casa da família Baudin, pelo menos no início.

Finalmente, todos esses acessórios foram deixados de lado, passando os médiuns a utilizar a psicografia direta, isto é, tomando o lápis na mão, como se fossem escrever eles mesmos, mas tendo a zona motora do braço, no cérebro, controlada pelo Espírito comunicante. Este tipo de psicografia, utilizado hodiernamente de forma universal, pode ser mecânico, quando o médium não tem conhecimento algum do que está sendo escrito, podendo estar no momento conversando sobre assunto diverso da mensagem; semimecânico, quando o médium tem consciência do que está sendo escrito, mas não controla os movimentos; intuitivo, quando o médium, apesar de saber que as ideias transmitidas não são suas, tem absoluto controle do conteúdo e da escrita — ele é apenas um intérprete do pensamento dos Espíritos; e inspirado: "Toda pessoa que, seja em estado normal, seja em estado de êxtase, receba pelo pensamento comunicações estranhas a suas ideias preconcebidas pode ser colocada na categoria dos médiuns inspirados; é, como se vê, uma variedade da mediunidade intuitiva, com a diferença que a intervenção de uma potência oculta aí é bem menos sensível, porque, no íntimo do inspirado, é mais difícil distinguir o próprio pensamento daquele que é sugerido".³⁵ Daí o Codificador, analisando a inspiração em todas as circunstâncias da vida, desde os simples problemas do cotidiano às obras de genialidade, conclui: "De acordo com isso, se pode dizer que todo mundo é médium, porque não existe ninguém que não tenha seus Espíritos protetores e familiares, que fazem todos os esforços para sugerir a seus protegidos pensamentos salutares".³⁶

Ermance Dufaux, de **14** anos de idade, uma das médiuns que colaborou com Kardec na confecção do *Livro dos Espíritos*, psicografou vários romances históricos, inclusive uma *História de Joana D'Arc*, ditada pelo próprio Espírito da mártir francesa.

A Itália, dentre outros, apresenta o caso do professor Francesco Scaramuzza, da Academia de Belas Artes de Parma, que sem possuir cultura literária manifestou mediunidade psicográfica aos **64** anos de idade e, de **1867** a **1869**, escreveu uma vasta quantidade de obras poéticas, sendo a mais notável o *Poema Sacro*, com **29** cantos e **3.000** oitavas, de autoria do Espírito de Ludovico Ariosto.³⁷

³⁵ **35** *Le Livre des Médiums*, item **182**.

³⁶ **36** *Idem*.

³⁷ **37** *Literatura do Além-Túmulo*, Ernesto Bozzano, Trad. Francisco Klörs Wernwck,

O número e a qualidade extraordinária das obras psicografadas merecem um estudo especial, por isso ficaremos em algumas citações: em Portugal, Fernando de Lacerda serviu de medianeiro aos prosadores, ensaístas, contistas e poetas da literatura portuguesa, como Eça de Queiroz, Carlos Lobo D'Avila, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Oliveira Martins, João de Deus, Antero do Quental, Frei Bartolomeu dos Mártires, Júlio Dinis, além de outros como Allan Kardec, Tereza de Jesus, Emile Littré, Victor Hugo, Leão XII, Padre Antônio Vieira etc. Na Inglaterra, o reverendo William Stainton Moses (1839-1892), além da mediunidade de efeitos físicos de que era portador, psicografou páginas de uma entidade que se denominava *Imperator*, reunindo-as no livro *Ensinos Espiritualistas?*³⁸ A Espanha comparece com Amália Domingo Soler, cuja mediunidade fulgiu como um sol de bondade para os infelizes e aflitos.

O mais notável médium psicógrafo de todos os tempos é, sem qualquer sombra de dúvida, o mineiro de Pedro Leopoldo, Francisco de Paula Cândido, mais conhecido como Francisco Cândido Xavier, cujo monumental acervo é de mais de 360 livros, em diversas modalidades literárias, onde mais de 600 autores comparecem com o mesmo estilo que possuíam quando encarnados. Se nunca houvessem existido outros médiuns no mundo, ele, sozinho, seria a prova incontestada da continuidade da vida após a morte.

A evolução dos Fenômenos de efeitos Físicos

Os fenômenos de Hydesville iam se espalhando pela América e, ao mesmo tempo, se diversificavam, numa geração incessante de novos "prodígios", em termos de acontecimentos extraordinários. As batidas se seguiram os movimentos de objetos, também sem ação humana, em continuação aparecem os de imponderabilidade, ou seja, levitação de corpos pesados, não só objetos, mas do próprio corpo humano, como relatado em 1852 numa carta ao reverendo H. Snow: "Tudo estava quieto e em paz, o quarto bem iluminado, e ninguém esperava nada incomum, pelo menos que eu percebesse, quando a mão da Sra. Cheney começou a se erguer gradualmente, e de forma constante, para cima — cada vez mais alto —, até que pareceu levanta-la da cadeira: sempre para o alto, ela foi elevada, até que planou no ar, entre o teto e o solo e, positivamente, não estava em contato com qualquer coisa visível".³⁹ Todavia, o primeiro fenômeno desse tipo aconteceu em 1851, com um Sr. Henry Gordon.⁴⁰

Editora Eco, Rio de Janeiro-RJ, 1976, pp 22-27.

³⁸ 38 FEB, 1981, Trad. oscar D'Argonnel.

³⁹ 39 *The Founders of Psychical Research*, cap. I.

⁴⁰ 40 *A História da Parapsicologia*, cap. 5, item 2.

Em **1849**, segundo relato de E. W. Capron no seu *Jornal de Auburn*, Kate Fox foi médium dos primeiros fenômenos de materialização, em sua própria casa, quando ali esteve hospedada. Os assistentes sentiram o toque de mãos materializadas, enquanto o quarto estava às escuras e: "... expressamos o desejo de que pudéssemos ver a mão que nos havia tocado. Olhando em direção à janela (a lua brilhava através da cortina), vimos u a mão acenando de um lado para o outro, perto da parte superior dela. Não podíamos discernir qualquer outra parte ou forma. Isso testemunhamos muitas vezes nós mesmos, e muitos descobriram, distintamente, os contornos de pessoas que estavam mortas há anos".⁴¹

Segundo Bozzano⁴², a primeira vez que se observou a materialização de mãos, que se deixavam tocar e segurar pelos assistentes (desmaterializando-se nas mãos dos que as seguravam com força, para evitar que escapassem), foi nas reuniões de Jonathan Koons, no distrito de Athens County, Ohio.

A pneumatografia (escrita direta) foi obtida pela primeira vez pelo Hon. James F. Simmons, senador pelo distrito de Rhode Island, em **1850**, e pela segunda vez por Jonathan Koons, em **1852**.⁴³ O mais exponencial dos estudiosos e experimentadores do gênero foi o Barão Ludwig de Guldenstubbe (**1820-1873**). As mensagens pneumatografadas que recebeu contam com a assinatura de Espírito do coturno de Cícero, Wieland, Schiller e Vbltaire. Análises grafológicas constataram que, nos casos em que havia condições de verificação, os escritos eram, sem nenhuma dúvida, dos que os assinavam, embora os técnicos em grafologia não pudessem explicar como isso era possível. O seu livro *La Réalité des Esprits et Leur Manifestations, Démontrée par le Phénomene de LEcriture Direct*, é um clássico da pesquisa nessa área.

Em mensagem por escrita direta, foi mencionada pela primeira vez a energia que produzia os fenômenos de efeitos físicos, batizada por Richet como ectoplasma: para se comunicarem com os vivos (os Espíritos), empregam dois elementos principais. O primeiro é um elemento electromagnético constituindo o substrato do corpo etérico dos Espíritos; o outro é a aura física, se desprendendo dos organismos dos médiuns e dos assistentes ou que é subtraído a substâncias inanimadas, aura que corresponde ao que se chama de força vital. A combinação dos dois elementos em apreço dá lugar a um terceiro elemento eminentemente ativo, embora passível de sofrer a influência do meio e sobretudo das emanações dos organismos humanos".⁴⁴

Também a pneumatofonia (voz direta) aconteceu pela vez primeira no círculo

⁴¹ **4**- *The Founders of Psychological Research, cap I.*

⁴² **42** *O Espiritismo e as Manifestações Supranormais*, Ernesto Bozzano, casa Editora O Clarim, Matão-SP, **1971**, pág. **24**.

⁴³ **43** *Idem*, pág. **18**

⁴⁴ " *Idem*, pág. **20**

de Koons, onde foi utilizada, por indicação dos Espíritos, a trombeta, um porta-voz amplificador das vozes dos Espíritos comunicantes.⁴⁵

Para facilitar a produção dos efeitos físicos, os Espíritos forneceram o esquema de um aparelho composto de elementos de cobre e de zinco, dispostos de maneira muito complicada. Colocado numa mesa, junto com os instrumentos musicais, que os Espíritos manipulavam para concertos transcendentais, ele produzia um ruído estridente quando estava sendo carregado, depois, para verificarem se estava pronto, os Espíritos utilizavam a força estocada e sacudiam todo o local, principalmente a viga de sustentação, que estalava como se sob a ação de um tremor de terra.⁴⁶

As mãos materializadas usavam uma solução fosforescente, onde elas mergulhavam para se fazerem visíveis aos assistentes, pois as reuniões ocorriam no escuro. A fórmula da solução foi dada pelas entidades espirituais.

Todas as experiências eram feitas numa cabana de madeira, que pode ser chamada de o primeiro laboratório especializado para estudos e experimentações espíritas da história, e foi construído de acordo com instruções e planos das entidades que dirigiam os trabalhos. Estas, por sinal, se denominavam pelo nome genérico de Kings, sendo o chefe do grupo o tristemente célebre pirata inglês, do tempo de Carlos II, Henry Morgan, Cavaleiro da Coroa Inglesa e governador da Jamaica. Sua filha, Annie Morgan, sob o pseudônimo de Katie King, foi estudada por William Crookes (1832-1919), nas célebres materializações com a médium Florence Cook.⁴⁷

Em seguida, surgiu o médium de efeitos físicos mais notável da época, Daniel Dunglas Home (1833-1886), cujos fenômenos foram testemunhados por Allan Kardec, que o tinha em alta conta, como demonstram os artigos de análise e defesa dele que escreveu na *Revista Espírita*, além de citá-lo nominalmente no *Livro dos Médiuns*.⁴⁸ Outros médiuns famosos de efeitos físicos foram: Eusápia Palladino (1854-1918), estudada por César Lombroso, Richet, Oliver Lodge, Frederico Myers e Camille Flammarion, entre outros; Elizabeth D'Esperance (1855-1919), pseudônimo de Elizabeth Hope, médium não profissional que participou de experiências com Zöllner e Alexander Aksakof, principalmente; e Frank Kluski (1874-1944), que durante os anos de 1921 e 1922 serviu nas experiências do Dr. Gustave Geley no Instituto Meta-psíquico Internacional, em Paris.

Aqui no Brasil, Ana Prado, de Belém do Pará, foi uma médium cujo nome merece figurar entre as mais importantes do mundo suas reuniões de materialização

⁴⁵ Idem, pág. 25

⁴⁶ *O Espiritismo e as Manifestações Supranormais*, Ernesto Bozzano, casa Editora O Clarim, Matao-SP, 1971, pp. 19 c 23.

⁴⁷ Idem, pp. 18 c 19.

⁴⁸ *Le Livre des Médiuns*, item 80.

foram documentadas pelo maestro Ettore Bosio e descritas por Nogueira de Farias no livro *O Trabalho dos Mortos*⁴⁹; e Francisco Lins Peixoto, conhecido como Peixotinho, cujos fenômenos apresentavam belos efeitos luminosos de policromia variada, como está narrado na obra *Materializações Luminosas*, de R. A. Ranieri.⁵⁰

A mediunidade de efeitos físicos vem desempenhando um importante papel na comprovação da imortalidade da alma. Fenômenos como os de transporte, também chamado pelo nome francês *apport*, que é a retirada ou colocação de objetos em lugares hermeticamente fechados, muitas vezes deslocados através de largos espaços, como regiões distantes entre si; crescimento instantâneo de vegetais, muito semelhante ao que fazem iogues na Índia; surgimento de letreiros luminosos, geralmente com frases de cunho ético-religioso; materialização de animais; materialização de perfumes das mais diversas fragrâncias, ou de éter medicinal, chegando a molhar os assistentes ou encharcar tecidos ou rolos de algodão desdobrados sobre a mesa; chuva de pétalas de flores por todo o recinto da reunião; transformação de água pura em medicamento, com mudança de cor, gosto, cheiro etc.; materialização de aparelhos para aplicações de tratamento radiológico, materialização de remédios líquidos, pastosos ou em cápsulas; operações realizadas por médicos espirituais materializados; penetração da matéria pela matéria, como as célebres experiências de Frederico Zöllner — são corriqueiros em reuniões de efeitos físicos, acontecendo em sua maioria a plena luz e à vista de todos, desde os primórdios do movimento espírita.

Outros tipos de mediumidade

Nos primórdios da "Nova Era", a filha do Juiz John Worth Edmonds (1816-1874), Laura, apresentou a faculdade psicofônica, conjugada à xenoglossia, ou seja, tendo o aparelho fonador dominado pelo Espírito comunicante, falava em línguas que desconhecia totalmente. Chegava a, no espaço de uma hora, falar de nove a dez idiomas diferentes, "com a segurança e a facilidade de uma pessoa falando sua própria língua".⁵¹ Allan Kardec denominava também as pessoas que possuem a capacidade da psicofonia de "médiuns falantes".

A xenoglossia se apresenta na tipologia, psicografia, pneumatografia, pneumatofonia e materialização.

Nos EUA, Leonora Piper (1859-1950) foi a médium mais famosa de psicofonia, tendo sido estudada pelo Dr. William James (1842-1910) — criador do pragmatismo —, além de Sir Oliver Lodge (1851-1940), Frederico Myers (1843-1901), Dr. Richard Hodgson (1855-1905) e o professor James Hervey

⁴⁹ g FEB, 1958.

⁵⁰ !o Lake-Livraria Allan Kardec Editora, Ltda.

⁵¹ 51 *O Fenômeno Espírita*, Gabriel Delanne, FEB, Rio de Janeiro-RJ, 3ª edição, 1977, Iª parte, cap. III.

Hyslop (1854-1920). "O primeiro médium a atrair uma sustentada atenção científica foi Leonora Piper... De 1885 a 1911, trabalhando através do transe vocal ou escrita automática, ela continuou a produzir comunicações verídicas que indicavam, em última análise,, notáveis habilidades telepáticas ou clarividentes. Apesar de precauções contra fraudes, algumas vezes exageradas e humilhantes, nenhum dos seus investigadores jamais encontrou motivos para duvidar de sua integridade."⁵²

No Brasil, Divaldo Pereira Franco sobressai como o mais célebre médium psicofônico. Suas palestras, onde os conhecimentos de todas as áreas do saber humano fluem aos borbotões, numa velocidade vertiginosa, recheadas de citações, nomes e datas, absolutamente precisos — todos estruturados em linguagem escorreita, onde não se encontra o menor erro de concordância ou pronúncia —, têm sido a Estrada de Damasco para milhares de seus ouvintes, nos diversos países das Américas, Europa e África.

Duas formidáveis obras, feitas com a transcrição de material psicofônico, são *Instruções Psicofônicas* e *Vozes do Grande Além*, onde aparecem contos, páginas de conteúdo moral, poesias, histórico de tragédias e dores vividas neste mundo e no outro por indivíduos manchados pelo crime e pelo vício; foram organizados e comentados por Arnaldo Rocha, que dirigiu por cerca de dois anos as reuniões do Grupo Meimei, no Centro Espírita Luiz Gonzaga, em Pedro Leopoldo, sendo fruto da me-diunidade de Francisco Cândido Xavier. Apesar das mais diversas evidências produzidas pelos Espíritos através deste fantástico médium, o "bias" científico só encontra "habilidades telepáticas ou clarividentes" como explicações para elas. É uma sucessão incrível de preconceito e má vontade, superando a razão e o bom senso...

Outras variantes mediúnicas são:

Música: dela encontram-se experiências citadas por Eugênio Nus em *Choses de Autre Monde*, feitas com uma mesa de pé-de-galo, valendo uma pancada para o dó, duas para o ré, e assim por diante: "De ordinário, a tripeça começava por dizer-nos de quantas notas se compunha a melodia, quase sempre de trinta e duas, seu número favorito para a frase musical, assim como era de doze para a frase falada. Preenchida essa formalidade, ela ditava consecutivamente as notas, que escrevíamos em cifras; depois dividia os compassos, designando-nos, uma pós outra, a quantidade de notas que cada compasso devia conter; feito isto, nos dava o valor unidade, mínima, semínima ou colcheia, logo em seguida o valor de cada nota que ela fornecia, marcando o compasso, com um dos pés, sobre o soalho. Vinha a seguir a indicação dos acidentes, sustentados ou bemóis, nesta ou naquela nota de tal ou tal compasso; depois, o tom; e, afinal, o título do trecho, que a mesa tinha o

⁵² 52 *Foundations of Parapsychology*, Edge, Morris, Rush e Palmer, Rourledge & Keegan Paul, Mass-USA, cap. II.

capricho de não no-lo revelar senão depois de tudo terminado.”⁵³

Na Inglaterra, Rosemary Brown recebe músicas, ao piano, de Liszt, Chopin, Debussy, Schumann, Bach, Rachmaninov, e outros, as quais são referendadas por críticos famosos, que não podem explicar como isso acontece.⁵⁴

Em Salvador, Maiave Valença, Terezinha Café e outros médiuns já gravaram discos com músicas ditadas por Espíritos de cantores que eram ligados à música popular brasileira, como Noel Rosa, Lupicínio Rodrigues, e tantos outros, que revivem nos sambas mediúnicos seus estilos, agora numa temática onde a ética é fundamental.

A pintura mediúnic: objeto de estudo e apresentação por Allan Kardec em vários números da *Revista Espírita*, por ele fundada. Em nossa terra, Luiz Gasparetto e José Alberto Lima Medrado estão na vanguarda da psicopictografia, realizando apresentações públicas pelo país e no exterior. Através deles, Renoir, Toulouse Lautrec, Pablo Picasso, Monet, Manet, Leonardo Da Vinci, Berthe Morisot, Mary Cassat, Degas, Goya e demais mestres impressionistas ou clássicos voltam para atestar a continuidade do gênio e da arte que a morte não consegue destruir.

José Medrado, por sua vez, tem emocionado os assistentes dos seus trabalhos com mensagens mediúnicas de familiares de pessoas da plateia—as quais, muitas vezes, vão pela primeira vez a uma reunião espírita —, onde a riqueza de detalhes da vida familiar, como nomes e apelidos de irmãos e parentes, além de circunstâncias às vezes bastante íntimas, revelam que o amor supera o *rigor mortis*, mantendo-se inalterável na vida espiritual. Pessoalmente, em várias oportunidades fui testemunha dessas psicografias, com os destinatários confirmando, na hora, a veracidade dos nomes e fatos constantes na mensagem. Cumpre salientar que o médium desconhecia, em todos os casos, a vida familiar daquele a quem a comunicação era endereçada. Sua faculdade apresenta também fenômenos de efeitos físicos como transporte, perfume psíquico e ectoplasmia, sendo que nesta última fez experiências com o notável beletrista e estudioso espírita Dr. Carlos Bernardo Loureiro de Souza, o qual, à semelhança de William Crookes, fotografou o médium e o Espírito materializado, simultaneamente.

Precognição: na Holanda, estudado pelo professor Willem H. C. Tenhaeff, então diretor do Instituto de Parapsicologia da Universidade de Utrecht, Gerard Croiset, repetiu, sob estrito controle, os fatos de precognição característicos dos profetas hebreus.⁵⁵ A presciência também vem sendo objeto de estudo de Louise

⁵³ **53** *As Mesas Girantes e o Espiritismo*, p. **11**.

⁵⁴ **54** Ver *Sinfonias Inacabadas*, Rosemary Brown, Gráfica e Editora Edigraf SA., São Paulo-SP, **1973**-

⁵⁵ **55** *Croiset the Clairvoyant*, Pollack, Jack Harrison, Bantam Books, New York-USA, **1965**.

Rhine, na Para- psychology Foundation, e Adelaide Petters Lessa fez da prenhez matéria da sua tese de doutoramento no Instituto de Psicologia, da Universidade de São Paulo, em **1972**.⁵⁶

Fotografia do pensamento: nos EUA, Ted Sérios, estudado pelo Dr. Jule Eisenbud, produziu excelentes fotografias de quadros mentais, que repete com a Polaroid as "efluviografias" do final do século passado.⁵⁷

Como a mediunidade e suas nuances são de imensa variedade, recomendamos uma leitura, àqueles que ainda não fizeram, dos livros de Allan Kardec, de Léon Denis, de Gabriel Delanne, e toda a legião de autores, encarnados ou desencarnados, constantes da vasta bibliografia espírita.

Todas as modalidades mediúnicas acima descritas, e muitas outras que deixamos de mencionar, têm por meta convidar o homem a prestar mais atenção a si próprio, como ser permanente, cuja destinação é muito mais abrangente e elástica no tempo do que a breve existência de alguns anos, vivida num organismo frágil e sem maiores recursos. A Doutrina Espírita emprega a mediunidade como ferramenta preciosa para a demonstração da imortalidade pessoal, trazendo de volta a alegria e a esperança aos corações destroçados pela separação da morte. É por isso que ela é, sem qualquer resquício de dúvida, o Consolador prometido por Jesus Cristo.

A transco m unicação instrumental

Em **30** de outubro de **1920**, o célebre inventor Thomas Alva Edison, numa entrevista ao *Scientific American*, revelou que estava trabalhando num aparelho para conversar com os Espíritos: "Se nossa personalidade sobrevive, então é estritamente lógico e científico assumir que ela mantém a memória, o intelecto e outras faculdades e conhecimentos que adquirimos nesta Terra. Portanto, se a personalidade existe após o que chamamos morte, é razoável concluir que aqueles que deixam esta Terra gostariam de se comunicar com aqueles que deixaram aqui... Estou inclinado a acreditar que nossa personalidade no Além será apta a afetar a matéria. Se esse raciocínio é correto, então, se pudermos desenvolver um instrumento tão delicado que possa ser afetado, ou movido, ou manipulado... por nossa personalidade como sobrevivente na próxima vida, tal instrumento, quando se tornar acessível, poderá registrar alguma coisa".⁵⁸ Também fizeram tentativas

⁵⁶ **56** *Precognição*, Adelaide Petters Lessa, Livraria Duas Cidades, **1975**» São Paulo-SP.

⁵⁷ *The World of the Series*, Julie Eisenbud, Pocket Books, new York-USA.

⁵⁸ **51** *Handbook of Psychic Discoveries*, Sheila Ostrandres e Lynn Schroder, Berkley Publishing Corporation, **2¹** edição, **1975**,

semelhantes: Guglielmo Marconi — o pioneiro da telegrafia sem fio e da radiotelegrafia, construtor dos primeiros aparelhos radiofônicos de ondas curtas etc., Nikola Tesla— descobridor das correntes de indução que lhe receberam o nome, construtor do primeiro motor de corrente contínua e da bobina conhecida pelo seu nome. Estas não deram resultados.

Primeiramente ele gravou vozes espirituais com um gravador a agulha, num disco fonográfico, mas apresentando uma sofrível nitidez. Mais tarde, em **1947**, com um gravador a fio de aço, teve melhor clareza. O surgimento do gravador de som em fita magnética fez seus registros alcançarem uma pureza, senão ideal, mas razoável, isto por volta de **1950**. As experiências mais rigorosas e objetivas vieram depois de sua associação com Raymond Bayless, cujos resultados foram publicados no *Journal of the American Society for Psychical Research*, em janeiro de **1959**, mesmo ano em que Jurgenson conseguia, em junho, a sua célebre gravação em Nysund. Vê-se, claramente, que a nova modalidade de comunicação mediúnica está vinculada, estritamente, ao soberbo avanço tecnológico proporcionado pelas teorias do eletro- magnetismo, da relatividade e da mecânica quântica, que instrumentalizaram os estudiosos com novas e revolucionárias técnicas de pesquisas no campo das energias nucleares. Esses estudos no campo da Física estão revolucionando toda a área do conhecimento, aproximando o homem das fronteiras pantáquicas⁵⁹ da dimensão espiritual. Seus impactos já se fazem sentir nas teorias de, entre outros, Jean Charon, Fritjof Kapra, Saxton Burr, David Bom e Remy Chauvin, que produzem férteis especulações em torno de uma energia supramaterial, or- denadora dos fenômenos físicos e biológicos. Temos de convir que os esforços dos parapsicólogos, demonstrando para o antagônico meio científico a existência de faculdades transcendentais no homem, de acordo com critérios científicos inegáveis, alcançaram pleno êxito. Suas conquistas têm estimulado os estudiosos a buscarem explicações para a fenomenologia paranormal, estribados na atipicidade dos processos quânticos, a qual já fez desmoronar o radicalismo reducionista de boa parte dos meios acadêmicos convencionais.

Section Five, p. **242**.

⁵⁹ **59** Do grego *pantakou*, que está em toda a parte. Criei o termo por inspiração do Espírito de Leonardo da Vinci, em *Possibilidades Evolutivas*, onde é apresentado um modelo teórico-especulativo sobre a gênese dos universos dimensionais. Aplica-se à região fronteira entre o Universo Espiritual Imediato e o Universo Material. Ela, pela característica tetra- dimensional do Universo Espiritual, situa-se tanto no interior quanto no exterior das coisas e seres, em regime de permeabilidade omni-envolvente.

Por volta de **1911**, dois físicos holandeses, J. L. W. P. Matlae G. J. Zaalbergvan Zelst, inventaram o dinamis- tógrafo, sob orientação espiritual, mas apesar de receberem interessantes comunicações, enfeixadas num livro (*O Mistério da Morte*), o projeto não foi continuado.⁶⁰

Julius Weinberg, engenheiro aposentado da RCA, construiu, em **1941**, um aparelho baseado, em fotocélula sensível aos raios ultravioleta, chegando a algum resultado, mas a experiência foi abandonada a conselho dos Espíritos. Ele realizou também experimentos, utilizando plantas carnívoras, porém os resultados foram discretos.

Também nos Estados Unidos, na cidade de Rockville, Kenneth Wdcoxon criou o *psi-writer*. diversas teclas com as letras do alfabeto, ligadas por um monitor eletromagnético a uma máquina de escrever elétrica. Afirma-se que se obtiveram diversos contatos com entidades espirituais com o equipamento.⁶¹

Assim como os acontecimentos de Hydesville tiveram seus antecessores, também as vozes dos Espíritos gravadas nas fitas magnéticas, transmitidas diretamente pelo rádio e pelo telefone, ou as imagens recebidas via televisão, câmara de vídeo ou videocassete, foram antecedidas por uma série de tentativas, algumas frustradas ou de êxito limitado e temporário.

Os aparelhos atuais são herdeiros das mesas girantes, da mesa Girardin, do aparelho de Robert Hare, das cestas, das pranchetas, da máquina espírita de Jonathan Koons, bem como de sua trombeta para voz direta, fazendo parte da grande revolução mediúnica que vem acontecendo desde **31** de março de **1848**.

Precursores brasileiros da TCI

O Brasil também, participou dos precursores da EVP. O português Augusto de Oliveira Cambraia, aqui radicado, foi criador do tecido que lhe leva o nome, e mais dezesseis inventos patenteados, sendo que ao último denominou *Telégrapho Vocativo*, o qual teria por objetivo estabelecer comunicação com os Espíritos. O espírita Cornélio Pires, foi autor de dois livros: *Onde Estás, Ó Morte e Coisas D'Outro Mundo*, onde são narrados episódios de comunicações mediúnicas através de aparelhos. O poeta de Tietê relata casos em que recebeu mensagens espirituais por telefone. A conselho de Caírbar Schutel, pretendeu construir um aparelho elétrico, capaz de realizar a comunicação com os Espíritos.

⁶⁰ *Tramcomunicação Instrumental*, Karl W. Goldstein, Editora Jornalística FE, **1992**, pp **40-41**.

⁶¹ ■ Informações extraídas de *A Comunicação com os Espíritos*, de Elsie Dubugras, in *Tramcomunicação Instrumental*, de Karl W. Goldstein, Editora jornalística FE, **1992**, pp **41-42**.

Da mesma forma, Oscar D'Argonnel, em **1925**, publicou o livro *Vozes do Além pelo Telephone*, a respeito de suas comunicações com Espíritos que, utilizando as mediunidades de seu irmão e seu sobrinho, falavam-lhe através do aparelho telefônico, o que mostra o quanto este tipo de contato entre os dois planos da vida é antigo.

Igualmente, Próspero Lapagesse, em **1933**, escreveu a Caírbar Schutel uma carta anexando um esquema de um aparelho elétrico que, segundo ele, seria capaz de captar voz e imagem dos Espíritos, o qual nunca chegou a ser construído. A *Folha Espírita* de janeiro de **1933** publicou a carta e o esquema do aparelho. Seria interessante alguém construí-lo, para ver se funciona.⁶²

O início das gravações de Jürgenson

No dia **12** de junho de **1959**, uma sexta-feira, Friedrich Jiirgenson e sua esposa Mônica tinham resolvido passar o fim de semana na propriedade campestre, Nysund, que possuíam em Mölnbo — localidade cerca de sessenta quilômetros ao sul de Estocolmo —, aproveitando a primavera que chegava. "A localização de nossa propriedade campestre, o grande jardim meio silvestre à margem da mata e o lago coberto de cana-brava, atraíam numerosas espécies de pássaros."⁶³

Jiirgenson colecionava cantos de pássaros, utilizados nos programas histórico-culturais que produzia para rádios suecas. Preparando o gravador, com uma fita nova, no sótão da casa, pô-lo para funcionar quando um tentilhão de faixa pousou perto da janela. "Depois que a fita magnética rodou durante uns cinco minutos, examinei a gravação. Mas aquilo que escutei era extremamente estranho. Em verdade, ouvi um som vibrante e ruidoso, tal uma tormenta, através do qual pude reconhecer, como de uma longínqua distância, o chilro baixinho do tentilhão. Meu primeiro pensamento foi de que, provavelmente, um dos tubos teria sido danificado durante o transporte. Não obstante, liguei novamente o aparelho e deixei rodar a fita. Tudo se repetiu exatamente como antes: ouvi aquele estranho zunido e o distante chilrear dos pássaros. Então, de chofre, soou um solo de clarim, que executava uma espécie de toque de introdução. Atônito, continuei à escuta, quando, repentinamente, uma voz de homem começou a falar em norueguês. Se bem que a voz soasse baixinho, pude entender nitidamente as palavras. O homem se referia a vozes de pássaros noturnos, e eu percebia uma sequência de sons grasnantes, sibilantes, murmurantes, entre os quais julguei reconhecer o

⁶² ⁶² Apud artigos de Sonia Rinaldi na *Folha Espírita*.

⁶³ H *TcUfontpara o Além*, Friedrich Jiirgenson, *Civilização Brasileira*, **1972**, Rio de Janeiro-RJ, cap. II.

canto de um alcaravão. Súbito, emudeceu o coro de pássaros e com ele o ruído vibrátil. A seguir, soou o alto gorjeio de um tentilhão de faia e, à distância, ouvia-se o canto dos milharoses. O aparelho funcionava outra vez perfeitamente."

64

"Nada de importante aconteceu até o dia **12** de julho." "O quarto estava escuro e silencioso, induzindo-me a uma leve sonolência. Foi então que ocorreu algo que me despertou completamente: a lâmpada de controle de repente começou a luzir, piscando, lampejando e, de vez em quando, apagando-se totalmente. Algo se aproximava, que deveria fazer-se ouvir na fita magnética, respectivamente, e ser verificável. Tenso e impaciente, permanecia curvado sobre o aparelho. Ao apagar-se a lâmpada, comeci a auscultar a gravação, mas, sinceramente, pouco podia perceber, pois o tom ruidoso e vibrante dificultava enormemente a auscultação. Estando muito cansado nessa noite, resolvi controlar a gravação com maior rigor na manhã seguinte."⁶⁵

No dia imediato, Jurgenson sentiu que lhe faltavam fones auriculares, que permitissem uma maior concentração e percepção das vozes fugidias. Mesmo assim, depois de algumas horas, "começou a destacar-se daquele caos ruidoso uma agradável voz de homem. Falava em inglês, com profunda convicção e singular entonação. Após um pequeno intervalo, soou o nome de Churchill"⁶⁶.

Em seguida, outra voz, falando em alemão, diz, sem uma ordem gramatical: "Zarengbiet müssen wir noch Frühlings besprechen. Tradução: Setor do czar precisamos nós ainda primaveril discutir;..!"⁶⁷ A mesma voz, acrescenta: "Frederico, tu estás sendo observado..."⁶⁸ E finalizando, outra voz, com rapidez: "Frederico, mesmo que tu traduzas e interpretes durante o dia, todas as noites procura descobrir a verdade com relação ao navio — com relação ao navio no escuro!"⁶⁹ No dia seguinte, as vozes lhe deram detalhes sobre o salvamento de Anastácia, por dois homens, na trágica noite do assassinato da família do Czar, durante a revolução comunista de **1917**. Jurgenson estava fazendo pesquisas sobre o assunto, e as vozes serviram para lhe esclarecer sobre o controvertido assunto.

O equipamento de gravação eletromagnético, que até então registrara as vozes diretas, ou pneumatofônicas dos Espíritos, passou a captá-las diretamente pelo sistema de gravação. Inaugurava-se a EVP (Electronics Voices Phenomenon),

⁶⁴ **64** Idem

⁶⁵ **65** *Telefone para o Além*, Friedrich Jurgenson, Civilização Brasileira, **1972**, Rio de Janeiro-RJ, cap. III.

⁶⁶ **66** Idem.

⁶⁷ **67** Idem.

⁶⁸ **68** Idem.

⁶⁹ **69** Idem.

nome criado por George Meek, para que fosse mantida a neutralidade do assunto, ante a comunidade acadêmica. Mais uma vez o preconceito se sobrepõe à verdade. Fenômeno de vozes eletrônicas não significa mais do que isso mesmo e pode se referir a qualquer tipo de voz em qualquer aparelho eletrônico capaz de ser seu "médium", ou seja, seu veículo.

Não se pense que o fenômeno de gravação de vozes é algo simples. Pela forma aligeirada como, às vezes, o problema é colocado, se é levado a pensar que basta ligar o gravador e pronto, depois é só passar a fita e ouvir. Ledo engano. Como toda e qualquer experiência mediúnica, requer paciência, perseverança, abnegação e, o que é mais importante, contrição interior. "... cheguei à conclusão de que as maiores dificuldades e obstáculos encontram-se dentro de nós mesmos e de que as tentativas de aproximação providas de uma oculta dimensão de existência não seriam realizáveis sem a remoção desses obstáculos e embaraços; ao contrário, conduzir-nos-iam, inevitavelmente, a novos equívocos".⁷⁰ No campo físico requer um treinamento da audição, pois as vozes estão sempre misturadas aos ruídos de fundo necessários tudo indica, à realização do fenômeno.

Jurgenson diz que, na proporção em que prosseguia com a captação das vozes, "mais alegre e tranquilo me tornava".⁷¹ E, na medida em que se entregava às experiências, uma série de provas adicionais iam acontecendo para afirmar a origem transcendente das vozes. Em primeiro lugar, o cão da família mostra sinais de alegria e reconhecimento diante do gravador e, quando a fita é ouvida, uma voz masculina conversa com ele. Com sua percepção auditiva superior à dos humanos, e a já comprovada capacidade de ver entidades espirituais, o cachorro demonstrou a veracidade do que estava acontecendo, como a gravação posteriormente comprovou. Episódio semelhante aconteceu outra vez, mas o importante a ressaltar nele são dois fatos: o primeiro é narrado assim por Jurgenson, se referindo a uma experiência no dia **17** de setembro de **1959**: "Ligo novamente o aparelho e, de repente, soam sinais violentos. Sons ensurdecidores e chocalhantes, como ruídos telefônicos enormemente intensificados, fazem estremecer todo o aparelho. Curvado sobre o gravador, sinto, repentinamente, espalhar-se pelo meu rosto, pescoço e mãos um formigueiro e um estranho tremor. Parecia-me que eu havia penetrado numa vibrante corrente"⁷².

O artista sueco descreve sensações típicas de envolvimento mediúnico, quando energias psíquicas percorrem os centros de força e desembocam em pleno corpo físico, através dos condutos intracelulares, produzindo transformações nas correntes eletroquímicas das sinapses neuro-

⁷⁰ **70** Idem, cap. **5**.

⁷¹ **71** *Telefone para o Além*, Fricdrich Jurgenson, *Civilização Brasileira*, **1972**, Rio de Janeiro-RJ, cap. **5**.

⁷² **72** Idem.

niais, as quais se apresentam como epifenômenos sensoriais inusitados.

A década de cinquenta e início dos anos sessenta foi o período mais intenso dos discos voadores. Relatos, uns poucos dignos de atenção, mas a maioria completamente fantasiosa, geralmente produzidos por espertalhões em busca de notoriedade e dinheiro fácil, apareciam diariamente na imprensa do mundo inteiro. Talvez por isso Jurgenson se deixou levar pela ideia de que seus interlocutores invisíveis eram extraterrestres. "Sou também bastante sincero para revelar aos leitores que naquela época — em setembro de 1959 — adotara uma ideia que, mais tarde, verifiquei ser errônea: eu estabelecera uma correlação entre as vozes enigmáticas e os denominados objetos não identificados (UFO 1 discos voadores). Já naquele tempo, o número desses misteriosos objetos voadores avistados ultrapassara em muito os 100.000, e praticamente não existia um país na Terra no qual não se tivessem observado essas enigmáticas máquinas voadoras. A ideia de que poderia haver uma relação entre as vozes de homens e mulheres, gravadas nas minhas fitas magnéticas, e a tripulação desses UFOs não era assim tão absurda".⁷³ Jurgenson foi desiludido pelas próprias vozes.

Quando as vozes desfizeram as ideias de Jurgenson, ele sentiu uma imensa decepção. Talvez já se antecipasse um "contato imediato do 3^o grau", possivelmente como um representante dos seres humanos nesse momento histórico. Como quer que fosse a decepção foi grande, e a reação muito violenta, para ter sido motivada pela simples descoberta de que as vozes gravadas não eram de alienígenas, mas de simples "indígenas" desencarnados: "Assim é que depois que nós — minha mulher e eu — tivemos de reconhecer que as nossas audaciosas esperanças e expectativas não se realizariam, sentimo-nos envergonhados e, além disso, atraídos e escarnecidos por aqueles seres desconhecidos".⁷⁴ "Lembro-me ainda de que, sentindo-me saturado de tudo e colocando o dedo na tecla para desligar o gravador de som, ouvi nitidamente as palavras: Peça esperar, esperar — escuta-nos..., pronunciadas por voz de homem. Mas não esperei, nem quis ouvir nada. Coloquei a tampa no aparelho, juntei as fitas magnéticas e estava firmemente decidido a acabar, uma vez por todas, com essa tolice. Sentia uma amargura infinita e atribuí a culpa desse suposto fracasso àqueles espíritos que, positivamente, zombaram de todos nós."⁷⁵

Abandonando o trabalho, na medida em que os sentimentos de frustração se asserenavam, viu a fragilidade da "religião dos UFOs", que é a mesma coisa que o culto do cargueiro dos primitivos das ilhas polinésicas, após a Segunda Guerra Mundial.

⁷³ ⁷ Idem, cap. 7.

⁷⁴ *Telefone para o Além*, Friedrich Jurgenson, Civilização Brasileira, 1972, Rio de Janeiro-RJ, cap. 7.

⁷⁵ ⁷⁵ Idem.

Por essa época desabrochou nele, com toda intensidade, a clariaudiência. Passou a escutar chamados para restabelecer contato, superpostos aos mais diversos tipos de ruídos. Impressionante a ligação entre os fenômenos iniciados em Hydesville e em Mõlnbo, ambos estão ligados a sons. Os *raps* e os ruídos de fiindo do gravador e, no caso da clariaudiência aberta, o barulho da chuva, o ruído do aparelho de barbear elétrico, a crepitação do fogo na lareira, o rugitar de papel amassado etc. Sempre o som como veículo da mensagem transcendente; o "lo- gos" inicial da nova era.

Uma voz feminina se fazia ouvir em meio a onomatopeia cotidiana, repetidamente solicitando, em tom suplicante, o restabelecimento das comunicações. Fica patente que não se tratava de desenvolver mais um médium no sentido tradicional, mas do exercício de uma nova modalidade mediúnica, onde as energias do mediano e dos Espíritos se conjugavam para a implementação de um projeto diferente de intercâmbio. Os fluidos deveriam, agora, processar ondas físicas e espirituais, criando um canal interdimensional para transferir impulsos entre os dois níveis da existência.

Passado o trauma da decepção, foram retomadas as gravações e um aperfeiçoamento, que os Espíritos pediam a algum tempo sem que Jurgenson conseguisse entender, o acoplamento do gravador a um aparelho de rádio. Como a junção das pancadas dos pés da mesa e o alfabeto, isso representou uma melhoria e maior facilidade nas comunicações. As frequências eram indicadas pelos próprios agentes invisíveis, sendo que Lena, a mentora espiritual do projeto, mantinha uma vigilância constante, corrigindo as falhas do médium e da equipe espiritual.

A característica mais importante dessas comunicações era o poliglottismo. As mensagens eram muitas vezes transmitidas com palavras de vários idiomas; sendo Jurgenson poliglota, era-lhe fácil entendê-las. Outro aspecto era a atuação dos "copistas" e "repentistas". Os copistas interferiam na palavra falada, imprimindo transformações nas frases dos locutores, modificando o texto normal para um texto de comunicação espiritual, enquanto os repentistas faziam as alterações nos versos musicais. "Essas metamorfoses de palavras eram totalmente imperceptíveis, sem a mínima interrupção de uma reportagem ou canto. Eles modificavam somente o texto, mas não o som vocal do locutor ou do cantor."⁷⁶ O interessante no processo é que eles faziam as mudanças, provavelmente, nas imediações da antena do rádio de Jurgenson, ou imediatamente após a captação. Em ambos os casos é preciso que a interferência aconteça numa velocidade muitas vezes superior à da luz, essa é a conclusão do pesquisador: "No essencial, ambos aproveitam a enorme vantagem de sua posição acima e fora do tempo. Por meio de determinada precipitação ou dilatação do tempo, eles são capazes de modificar,

⁷⁶ *Telefone para o AUm, Friedrich Jurgenson, Civilização Brasileira, 1972, Rio de Janeiro-RJ, cap. 25.*

despercebivelmente, sílabas e palavras de locutores radiofônicos ou os sons de quaisquer instrumentos musicais".⁷⁷ A ação acima e fora do "nosso" tempo deve-se à hipervibração em que vive o Espírito desencarnado, muitas vezes superior à material, o que faz os nossos fenômenos transcorrerem em tempo de *sloiu motion*, relativamente a ele.

No verão de 1963, na Itália, durante um passeio de carro, os Espíritos se fizeram ouvir diretamente pelo rádio do veículo. Abria-se uma nova forma de comunicação, desvinculada do gravador.

O médium Jurgenson.

Friedrich Jurgenson possuía faculdade mediúnica, a qual foi se aprimorando na medida em que aprofundava os contatos com o mundo espiritual através do gravador e do rádio. Vimos que, quando desejou se afastar dos contatos, sua clariaudiência o fazia ouvir os apelos dos Espíritos superpostos a qualquer ruído natural.

Ele mesmo descreve como sua sensibilidade psíquica aprimorou-se pelo exercício da escuta das vozes transcendentais: "Para poder conseguir uma imagem clara e razoável (do mundo espiritual), havia diante de mim dois caminhos. O primeiro abria-se através do gravador de som e do microfone — o caminho provisório. O outro abria-se através do rádio — o caminho direto. Como as gravações de fitas magnéticas podem ser escutadas por todos, representam, cientificamente, uma prova objetiva que se pode repetir e controlar à vontade, para constatar a existência depois da morte. Pela constituição técnica e maquinal do gravador de som, qualquer desvio do fenômeno para o âmbito da vivência subjetiva é antecipadamente eliminado diante da possibilidade sempre presente de fazer novas gravações à vista de quaisquer testemunhas. O segundo caminho consistiu — por mais fantástico que possa parecer a muitos leitores — na minha faculdade de penetrar no Além sem precisar morrer. Sei que esta afirmação pode despertar desconfiança, mas com um pouco mais de paciência o leitor me entenderá perfeitamente. O caminho da passagem pessoal para o lado de lá se processa de três formas: A primeira ocorre durante o estado de consciência, quando se podem ver as ocorrências da quarta dimensão tal como num televisor. As cenas se apresentam em cores vivas mas insonoras. A segunda se processa durante o estado de sonolência. Aqui não se atua como observador passivo, e sim como um viajante que, de certo modo, participa pessoalmente dos acontecimentos. A terceira se realiza com a projeção do corpo astral durante o sono profundo. Nessas projeções bastante raras mas plenamente conscientes me foi possível, logo após o retorno, fazer anotações precisas, cuja exatidão foi comprovada mais tarde por meio de gravação. Essas viagens astrais se realizam num plano

⁷⁷ Idem.

intemporal".⁷⁸

Assim, o iniciador da TCI, com sua faculdade mediúnica, fornecia os elementos ectoplásmicos (ou qualquer outro tipo de energia de estrutura transportadora dualista) necessários à gravação das vozes ou sua exteriorização pelo rádio. Não estou fazendo suposição, mas uma afirmação nascida de estudos sobre TCI. Alegam alguns que não é preciso um médium para que a comunicação das vozes se faça, e apontam como apoio o fato de, às vezes, as gravações, tanto em fitas magnéticas de som quanto de vídeo, se fazerem na ausência dos pesquisadores, quando ninguém se encontra no recinto onde estão os aparelhos. A resposta mais coerente seria indicar um estudo mais detalhado das obras espíritas, contudo, para não pecar por indelicadeza, leiamos Kardec: "O Espírito pode agir sem o concurso de um médium? Ele pode agir sem o conhecimento do médium; isto quer dizer que muitas pessoas servem de auxiliares aos Espíritos para certos fenômenos, sem o suspeitar. Os Espíritos retiram deles, como de uma fonte, o fluido animalizado de que têm necessidade; é dessa forma que o concurso de um médium, tal como o entendeis, não é sempre necessário, é o que acontece, sobretudo, nos fenômenos espontâneos".⁷⁹ Isto encerra a questão, ao meu ver, e se aplica a todos os fenômenos de TCI atuais.

Em **1965**, o psicólogo e filósofo Dr. Konstantin Raudive, que foi aluno de Jung e Ortega y Gasset, visitou Jurgenson, aprendendo suas técnicas de gravação das vozes espirituais, e desde então dedicou-se a esta tarefa em tempo integral. Das suas pesquisas nasceram dois livros: *O Inaudível Toma-se Audível*, em **1968**, *Sobrevivemos à Morte* em **1973**, e *O Caso do Passarinho*, publicado após seu desencarne, em **1975**. O primeiro foi traduzido para o inglês com o título *Breakthrough* e é hoje um clássico da EVP. Este livro causou impacto na Grã-Bretanha, produzindo uma salutar e intensa discussão sobre as vozes transcendentais, contribuindo para despertar o interesse pelo assunto. Tanto o original alemão quanto a tradução inglesa foram acompanhados de um disco com amostras de gravações obtidas pelo sábio letão.

Raudive conseguiu reunir em torno de suas pesquisas uma elite de cientistas de peso na Alemanha e outros países europeus, entre eles o Dr. Gebhard Frei, sacerdote, doutor em teologia, filosofia, presidente da Sociedade Internacional de Parapsicólogos Católicos e co-fundador do Instituto Jung de Zurich; Hans Negeli, presidente da Associação Suíça de Parapsicologia; Teo Locher, presidente da Sociedade Suíça de Parapsicologia; o físico Alexander Schneider e o engenheiro de alta frequência Theodor Rudolph. "O engenheiro Franz Seidl da Escola Técnica Superior de Viena recebeu o prêmio Paul Getty por seus trabalhos

⁷⁸ **71** *Telefone para o Um*, Friedrich Jurgenson, Civilização Brasileira, **1972**, Rio de Janeiro-RJ, cap. **25**.

⁷⁹ *Le Livre des Médiuns*, segunda parte, cap. IV, item **15**.

sobre a energia. Inventor de inúmeros aparelhos e membro de honra do centro euro-americano de pesquisas Eurafok, construiu, para Raudive, o psicofone a fim de facilitar a gravação dessas vozes. Ele, igualmente, desenvolveu o positron que permite aos mortos fazer ouvir sobre a fita magnética sons de batidas que não se percebem por ocasião da gravação e que podem, por convenção, constituir respostas às questões colocadas." ⁸⁰Note-se o reaparecimento dos *raps*, agora numa versão eletrônica!

O Dr. Raudive parece ter sido uma personalidade muito forte e individualista, por isso suas relações com Jurgenson não demoraram a estremecer, como informa o pesquisador de Mölnbo em carta a Peter Bander, por este transcrita no seu livro.⁸¹ Parece ter havido um caso de rivalidade, quem sabe do tipo Freud x Jung, o que é sempre de lamentar.

O importante é que o trabalho de Raudive, que registrou mais de **100.000** vozes de desencarnados, apesar de alguns equívocos — conforme opinião de David Elis⁸² —, serviu para divulgar, bem como aprimorar técnica mente, a EVP. Seu nome está inscrito na história das pesquisas das vozes de forma indelével.

Nasce a transcomunicação visual

Em **30** de setembro de **1985**, pela primeira vez, era registrada a imagem de um Espírito pelo écran da televisão, através de uma filmadora de videotape. O autor da façanha foi um técnico de segurança contra incêndios aposentado, Klaus Schreiber, e o local, Aachen, na Alemanha. A personagem espiritual dessa gravação histórica foi sua filha Karin, que havia desencarnado aos dezoito anos de idade.

Tudo começou numa festa, em **1982**. No porão de sua casa, Schreiber recebia vários amigos para uma festa. Bebia-se cerveja e aguardente, discutindo-se sobre o programa de Rainer Holbe, *Histórias Fantásticas*, que apresentara uma matéria sobre a gravação de vozes dos Espíritos. Naturalmente havia os descrentes, os crentes e os agnósticos, entre os participantes da reunião. Klaus Schreiber propôs uma experiência, ali mesmo, para se tirarem dúvidas. Após algumas ponderações, ele tomou de um gravador e de uma fita virgem, pondo-os a funcionar. Um dos presentes sugeriu se evocasse um amigo comum, que morrera havia algumas semanas. "Peter, onde está você? Venha tomar uma cervejinha com a gente!". Era

⁸⁰ *Os Mortos nos Falam*, Pe. François Brune, Edicel, **1991**, Sobradinho- DF, cap. I.

⁸¹ "*Os Espíritos Comunicam-se por Gravadores*, Peter Bander, Edicel, **4**ª edição, **1985**, São Paulo-SP, cap. XI.

⁸² *Idem*, cap. I.

uma proposta galhofeira, pois não se esperava que nada acontecesse. Quando porém, alguns minutos depois, rebobinaram a fita e reproduziram a gravação, uma voz respondeu: "Alô, amigos!".⁸³ Naturalmente a festa perdeu a graça, mas começou para Schreiber um novo trabalho, que veio dar sentido a sua existência, aliviando o peso das tragédias sucessivas que o enlutavam, com a perda de entes que lhe eram muito queridos. Desde então, utilizando os recursos da TCI, pôde contatar com os seus queridos "mortos". É esta a grande e fundamental função do intercâmbio mediúnic: consolar e fazer renascer a esperança nos corações aflitos, transformando a tristeza em alegria, o desespero na tranquilidade dos que passam a saber que a morte, como fim inexorável, é uma ilusão, pois *só* existe Vida, "e vida em abundância". Tanto isso é verdade que, quando em **1986** desencarnou Agnes, sua segunda esposa, ele pôde dizer aos amigos, calmamente: "Ela juntou-se a outras pessoas que eu amo".⁸⁴

Schreiber já realizava suas gravações havia dois anos, quando os Espíritos lhe anunciaram que apareceriam na televisão. Passou a ficar dias inteiros defronte do aparelho de TV, esperando que o prometido acontecesse. Sua filha Karin, numa mensagem, disse-lhe apenas uma palavra: "vídeo". Ele adquiriu uma filmadora e um videocassete, passando a filmar seu laboratório, na esperança de conseguir as imagens. Tudo em vão. Pôs-se a filmar o écran de sua televisão: nada. Os Espíritos lhe indicaram colocar a TV ligada num canal livre. Assim, de tentativa em tentativa, sempre com orientação espiritual, através da fita magnética, chegou à filmagem em preto e branco, além de, com um videocassete mais apropriado, passar as imagens gravadas em *slow motion*, parando quando a imagem era conseguida. A imagem que lhe apareceu, embora ainda pouco nítida, o fez chorar de compreensível emoção: era a filha desencarnada.

Klaus Schreiber era médium de efeitos físicos, embora nunca tivesse antes se dado conta disso. Num programa de televisão, em **1985**, solicitado a que experimentasse repetir, ali mesmo, as façanhas de Uri Gueller, entortou facas, colheres, garfos e até uma ferradura. Em **5** de dezembro desse mesmo ano, ouviu sua filha solicitar que fosse ao jardim, o que fez, acompanhado de sua esposa. Em lá chegando, uma surpresa o encheu de júbilo: a roseira apresentava um botão vermelho-escuro, entreaberto. O carinho da filha superava uma impossibilidade botânica e, em pleno inverno europeu, repetia o "milagre" que Clara de Assis fez para seu amado "Poverello". O amor, transpondo o pórtico aterrorizante da "morte", produzia a beleza da vida, num transporte sublime de carinho, demonstrando que, acima dos rigores técnicos da ciência, refulge as suaves blandícias do coração. Na noite anterior ao sepultamento de Agnes, Schreiber, em desdobramento, acompanhou-a até a região espiritual onde iria habitar, o que,

⁸³ **13** *Transcomunicação Instrumental*, p. **85**.

⁸⁴ *Transecomunicação: A Comunicação com o Além por Meios Técnicos*, parte A, cap. **9**.

segundo ele próprio o afirmou, foi o melhor presente de Natal de toda a sua vida.

Klaus Schreiber, dentre outras imagens de desencarnados, obteve a do ator Curd Jurgens, a da atriz Romy Schneider⁸⁵, a de Konstantin Raudive, a do rei Ludwig II da Baviera, além das de vários familiares desencarnados, tanto seus como de pessoas que o procuravam, ansiosas por consolo. Uma personagem que se deixou registrar se identificou, numa mensagem psicografada por ele próprio, como o padre Alois Wiesinger. Como o pesquisador não sabia de quem se tratava, um seu amigo conseguiu-lhe um número da publicação católica *Imago Mundi*, com uma fotografia do Abade Alois e um resumo biográfico, onde se noticia que escreveu um livro, *Okkulte Phänomene im Licht der Theologie (Fenômenos Ocultos à Luz da Teologia)*. O interessante é que esse padre viveu na Bahia durante onze anos, onde fundou o mosteiro cisterciense de Jequitibá, distante trezentos quilômetros da cidade de Salvador.

Sobre o padre Alois temos a seguinte pesquisa realizada pelo Dr. Cledson Sadi, ilustre companheiro do movimento espírita da Bahia, militante do IDEBA — Instituto de Difusão Espírita da Bahia, entidade que vem se consolidando como das mais sérias e laboriosas de nossa terra: "O Abade Alois Wiesinger nasceu em **3** de junho de **1885**, em Magdalenaberg. Iniciou o seu noviciado em **16** de julho de **1905**, na Abadia Cisterciense de Schlierbach, na Áustria, e seus votos em **16** de julho de **1907**. Ordenou-se sacerdote em 1ª de agosto de **1909**. Foi eleito Abade em **24** de julho de **1917** e valeu a bênção abacial no dia seguinte. Sob o seu governo foram extirpadas as últimas consequências do josefinismo. Em **1920**, após muitas demarches, restabeleceu o instituto dos irmãos leigos, cujos primeiros membros foram formados no mosteiro beneditino de Santa Otília.

"Em **1925**, criou o ginásio para formação de futuros missionários. Em **1928**, fundou o mosteiro de Spring Bank, nos EUA, que foi mais tarde entregue aos cistercienses húngaros. Em **1939** veio ao Brasil, dando início à fundação do mosteiro cisterciense de Jequitibá, em Mundo Novo, distante cerca de trezentos quilômetros da cidade do Salvador, capital do Estado da Bahia, onde viveu até **1950**. Em **1946** fez uma viagem à Áustria, no navio brasileiro *Duque de Caxias*, que sofreu um grande incêndio no percurso. Em julho de **1949** deu ao mosteiro de Jequitibá sua independência, tornando-o Priorado *sui júrise*, no Capítulo Geral de **1950**, foi elevado a Abadia, tendo Alois nomeado abade o prior Anton Mozer, que está no cargo até a presente data. Alois faleceu em **3** de janeiro de **1955**, e não **3** de dezembro, como se divulgou".

Trabalhando como odontologista no mosteiro de Jequitibá, o Dr. Cledson quis verificar com três padres que conviveram com o abade se o reconheciam pelo retrato de Vidicom; apenas um deles achou que parecia, depois de ser ventilado o

⁸⁵ **85** No livro *Linha Direta com o Além*, os autores François Brune e Remy Chauvin dizem que esta imagem foi retocada, o que lhe tira boa parte do valor.

seu nome — não antes — atentaram para o fato de que a imagem é muito semelhante à que aparece na revista *Imago Mundi*. Segundo o padre Menrado, do referido mosteiro e conhecedor da obra escrita pelo abade Alois, este não acreditava na intervenção dos Espíritos, dando aos fenômenos paranormais uma explicação puramente mental. Um outro fato que causou estranheza foi o retângulo branco que aparece, na frente do hábito, na fotografia do Espírito. Segundo os padres do mosteiro referido, não existia, em nenhum dos hábitos usados por ele, um detalhe semelhante.

Como todos os que se dedicam à difusão do bem, Klaus Schreiber sofreu inúmeros ataques, muitos provenientes da comunidade da TCI, sendo estes motivados por inveja e ciúme. Infelizmente, o personalismo humano põe sua marca odiosa em todos os empreendimentos nobres. Ele afirmava que, para se obter resultados, era preciso criar um "campo vibratório". E ele os teve, de acordo com as orientações espirituais, trocando o aparelho de TV e outros equipamentos por uma tela onde, pela projeção de frequências luminosas e de luz ultravioleta, apareciam imagens paranormais. Mas para tanto, dizia, é preciso que realizemos o trabalho com amor, desejando ardentemente a comunicação com os Espíritos, que estão sempre conosco, prontos a colaborar com os que se posicionam dessa forma.

Klaus Schreiber desencarnou de enfarte em **7** de janeiro de **1988**. Durante o enterro de seu corpo, o Espírito de Schreiber se comunicou pela fita magnética com uma pessoa amiga e, desde então, está colaborando com os pesquisadores europeus da TCI.

Martin Wenzel, amigo e colaborador de Klaus Schreiber, fez pesquisas de gravações de imagens espirituais por conta própria. Como engenheiro, implementou modificações na maneira de gravar, agregando o que denominou de "estrutura básica", uma faixa com fortes contrastes, isto é, uma composição de claro/escuro bem acentuada, filmada em conjunto com a tela.

O casal Maggy e Jules Harsch-Fischbach conseguiu, em **4** de outubro de **1986**, sua primeira gravação de imagem espiritual. Seu sistema, diversamente do de Schreiber, utiliza um aparelho de TV em preto e branco que não mais funciona, isto é, não capta as imagens normais das emissoras de televisão. O aparelho é ligado pelos próprios Espíritos e, em meio aos chuviscos da tela, se forma uma imagem que dura alguns segundos, e que é filmada. Eles conseguiram resultados notáveis, recebendo as imagens de Hanna Buschbeck, Henry Ste. Claire Deville, desencarnado em **1981**, e várias outras pessoas desencarnadas. São fantásticas as imagens de Maria Jakubowski — saindo de um mar do mundo espiritual e jogando um beijo —, de paisagens florestais e montanhas da espiritualidade, de um casal, em trajes de banho, divertindo-se num denominado "Rio da Eternidade", de um navio e de animais, como gatos e cavalos. O importante a frisar é que as imagens obtidas nesse grupo, em Luxemburgo, se movimentam, o que representa uma conquista a mais, pois as imagens de Schreiber e Wenzel sempre apareceram

estáticas.

O acervo de imagens obtidas em Luxemburgo é impressionante, e podemos afirmar que se trata da mais importante realização no campo da TCI, ressaltando-se o fato de que ali se obtêm todos os tipos de fenômenos muita vezes em regime de simultaneidade.

Rafaella Gremese, de Udine, Itália, filma e fotografa os Espíritos — conforme apresentou no Congresso de TCI realizado nessa cidade —, tanto na TV quanto em qualquer lugar de sua casa. Os Espíritos dizem, através da fita magnética, que estão em determinado ponto e, quando ela filma o local eles aparecem na reprodução.

Digno de registro foi o fato que teve lugar em **15** de outubro de **1987**, na hora do enterro do corpo de Jurgenson. Na manhã desse dia, a esposa de Claude Thorlin, casal amigo do pesquisador das vozes, ouviu uma voz interior que dizia "canal quatro". Ligaram a televisão no canal referido, e ele preparou uma máquina polaróide, para a eventualidade de alguma comunicação espiritual por imagem. Durante quinze minutos nada aconteceu, mas, de repente, a tela escureceu, surgindo um ponto luminoso, que se espalhou por toda ela. Quando começava a se contrair, ele tirou uma fotografia. A TV voltou ao normal. Revelado o filme, apareceu o rosto de Jurgenson de forma clara e nítida.

O microcomputador entra em cena

O Computador Pessoal (PC) veio revolucionar a sociedade contemporânea, colocando ao alcance de todos aquilo que era privilégio das grandes corporações: o processamento eletrônico de dados.

Com a criação de possantes microprocessadores e demais recursos, tanto em *hardware* quanto em *software*, capazes de realizar em poucos segundos inúmeras tarefas, de forma operacionalmente simples, nossa geração dispõe de uma ferramenta poderosa a custo relativamente acessível.

O primeiro caso de um PC influenciado por Espíritos de que se tem notícia foi o de Manfred Boden, o qual também fazia gravações em fita e recebia chamadas telefônicas dos Espíritos. As análises de seus fenômenos, realizadas por Senkowski, Ralf Determeyer e Gunter Henn, concluíram que ele era possuidor de mediunidade, a qual propiciava os acontecimentos paranormais.

Ao que parece, Boden era pessoa de hábitos um tanto desregrados, por isso sofreu o problema que resumiremos a seguir: programas de biorritmo, por ele preparados, passaram a sofrer alterações na fonte, gravado em disquete. Primeiro apareceram o nome e o sobrenome dele e de um seu amigo que desencarnara três meses antes. Eram modificações de letras e de sinais. Finalmente apareceu uma sentença: "Estou aqui/Você morrerá Manfred **1982** Desastre **16.08.1982**". De

outras vezes surgiam palavras dizendo: "Programa para Tigre (apelido de Boden como radioamador) Morte, Tigre morra, você morre Manfred". Uma outra frase era mais explícita: "Morte do coração", e em seguida: "Hi, Hi". De outra vez a causa da morte foi dada como acidente. Naturalmente o pobre do Boden ficou preocupado, talvez mais do que demonstrasse. O seu telex também emidiu comunicações dos Espíritos.

Como se vê, foi um caso muito comum de obsessão. Apenas que uma obsessão tecnológica, sofisticada. As "previsões", é claro, não se realizaram, o mistificador espiritual queria mesmo era pressionar Manfred Boden, ou para se divertir, ou para se vingar de algo que ele lhe tenha feito.

Ao que tudo indica a ocorrência serviu de lição a Boden, que mudou alguns hábitos não muito saudáveis. Um episódio notável foi o computador manter na memória volátil um programa, mesmo depois de desligado por mais de dois minutos, exibindo-o, devidamente alterado, quando a força foi religada.

Outro evento digno de registro aconteceu com o computador de um professor de assuntos econômicos em Chester, na Inglaterra, Ken Webster. Uma entidade que se dizia chamar Thomas Harden, que vivera no século XVI, transmitiu várias comunicações pelo micro. Apresentou detalhes históricos que foram comprovados. A linguagem utilizada era o inglês medieval, conforme análise linguística efetuada nos textos. Harden se mostrava amargurado pelas perseguições sofridas por parte do prefeito de Chester, na sua época. Dizia que admirava Webster e a esposa dele, mas se queixava de que lhe haviam roubado a casa. Falava que Henrique VIII estava reinando, que se formara em letras no Oxford Brasenose College — o que foi comprovado —, mas que fora marginalizado por não retirar o nome do papa do missal. Referia-se ao computador como uma "caixa com muitas luzes" e que lhe bastava pensar para que suas mensagens fossem captadas. Algumas vezes o microcomputador era posto em funcionamento sem que ninguém o tivesse ligado. Foram produzidas mais de **250** mensagens na tela e em disquetes alterados. O Espírito se comunicava também, por escrita direta em papel ou no chão, utilizando giz, o que nos coloca diante de um fenômeno mediúnico de efeitos físicos. O Espírito de Thomas Harden vivia em estagnação mental, preso a configurações de sua época, sem se dar conta do tempo que se passara. Um fato corriqueiro em qualquer das nossas reuniões mediúnicas. Outras mensagens apareceram, subscritas por um "Grupo **2109**", com poesias confusas e teses absurdas, o que denuncia Espíritos mistificadores.

O casal Maggy e Jules Harsch-Fischbach também manteve contatos com os Espíritos via PC, o que continua acontecendo no grupo de Luxemburgo. Ali as mensagens são de outro teor, produzidas por entidades elevadas, as quais dão orientações e respostas, eticamente nobres, às questões colocadas pelos

pesquisadores.⁸⁶

Nas edições de dezembro de **1992** e janeiro de **1993**, a *Folha Espírita* apresenta um extraordinário feito do Grupo de Luxemburgo: as transfotos — fotos transmitidas pelos Espíritos via microcomputador. Ao que tudo indica, as transmissões são feitas através dos dispositivos e *softwares* de Scanner. A primeira delas, teria sido de Konrad Lorenz, além das de Heli Schäfer — filha da pesquisadora e escritora de TCI Hildegard Schäfer —, e de Klaus Schreiber, o primeiro a captar imagens dos Espíritos pela televisão enquanto encarnado, como visto anteriormente.

O uso do micro oferece um sem número de recursos, tanto de equipamentos como de *softwares*, pelos quais os Espíritos podem enviar suas mensagens.

Comunicações de Espíritos por telefone

Num fenômeno de *poltergeists* no escritório de um advogado alemão, Adam, em Rosenheim, estudado pelo parapsicólogo Hans Bender, aconteciam discagens paranormais do telefone. As contas elevadas não foram pagas, pois a Companhia Telefônica não conseguiu, mesmo substituindo a fiação e colocando um aparelho blindado, identificar o autor das chamadas.

Outros fenômenos desse tipo vêm sendo registrados há muito tempo. Os mais impressionantes são aqueles em que existe comunicação efetiva de um Espírito através de chamadas do aparelho telefônico. O Dr. Theo Locher⁸⁷ relata os seguintes casos: o Dr. Kurt Bachseitz, e sua assistente, de Neutraublig, Alemanha, recebiam telefonemas onde uma voz masculina, que se denominava Chopper, e era ouvida em repetidas chamadas, mesmo depois que a Telefônica tomou todas as precauções possíveis.

A Sra. K. S., de Pieterlen, Bélgica, em **15** de janeiro de **1980**, discou o número da casa dos pais, sendo que seu pai havia falecido em I^a de janeiro de **1980**, e só depois de algumas chamadas lembrou-se de que sua mãe havia partido para o Quênia. Ia desligar quando, assustada, ouviu seu apelido de menina ser pronunciado. Perguntou quem estava no aparelho, e a voz repetiu o apelido. Ela estava reconhecendo a voz de seu pai. Inquiriu, então: "É você, Atti?", e ouviu a resposta: "Não me reconhece mais, Käthe?". Confusa, retrucou: "Mas você morreu." A resposta foi uma risada e a declaração: "Eu morto? Eu não morri!" Nessa altura, em pânico, desligou o aparelho.

A Sra. A. G., de Biel, tinha pressentimentos e visões de fatos do futuro imediato, tendo mesmo visto várias vezes, e nos lugares mais inesperados, seu

⁸⁶ **86** *Transcomunicação: A Comunicação com o Além por Meios Técnicos, parte A, cap. 8.*

⁸⁷ *n Transcomunicação: A Comunicação com o Alim por Meios Técnicos, parte A, cap. 7.*

marido, o qual havia falecido antes do Natal de 1970. Era, pois, médium. Uma certa feita, ligando para um senhor ligado a eventos de ciclismo, procurando informações sobre uma revista dedicada ao esporte, foi atendida por ele, que se identificou, entabulando uma conversação. Após desligar, verificou que faltava um detalhe. Ligou novamente. Uma voz feminina atendeu. Era a esposa do referido senhor, a qual informou que o mesmo falecera havia mais de um ano, não podendo ter atendido o telefone, nem ninguém mais, porque, momentos antes, a casa estava vazia, pois acabava de chegar. O susto da Sra. A. G. foi grande, e compreensível.

O caso mais célebre foi o acontecido com a atriz Ida Lupino. A casa dos pais dela fora destruída por uma bomba, em Londres, na Segunda Guerra Mundial. O inventário estava complicado pela falta de uma certidão de propriedade e outros documentos importantes, que o pai escondera, sem o conhecimento da família, havia mais de um ano. Um dia, o telefone de sua residência tocou e, quando a atriz atendeu, ouviu o pai que, com voz rápida em tom de urgência, dizia estarem os documentos no porão da casa bombardeada. A atriz entrou em estado de choque. O fato foi presenciado por uma sua amiga, a Sra. Pendleton, que estava com ela no momento. Uma busca levada a efeito no local referido pelo Espírito encontrou os documentos procurados.

Nos EUA, Raymond Bayless e Scott Rogo, parapsicólogos, tomando conhecimento dos Telefonemas do Além (TA), pesquisam o assunto desde 1976, recebendo relatos e conferindo-os, bem como investigando os que aparecem nas publicações periódicas norte-americanas. Scott Rogo publicou um livro: *Phone Calls from the Dead*, com mais de cinquenta casos, muitos dos quais haviam sido gravados.

Uma análise estatística dos casos de TA demonstrou que maioria deles acontece vinte e quatro horas após o decesso, embora haja uma variação grande na quantidade de tempo transcorrido.

Na Alemanha, Manfred Boden começou a ter experiências desse tipo em 1981. "Inicialmente, tratava-se de chamadas anônimas, de inexplicáveis ligações erradas e de certo número de estalos em seguida a perguntas por ele formuladas. Ouvia-se também música e canto pelo telefone." ⁸⁸ A partir de 1982 houve maior regularidade nos contatos, sempre que fazia ligações para uma amiga. As vozes, masculinas e femininas, eram ouvidas por ele, mas não por ela. Passou a gravar as conversas. Para testar as vozes, Boden pôs-se a fazer perguntas sobre assuntos que apenas ele conhecia: um grande número delas obteve resposta. Muitas ligações aconteceram com chamadas diretas dos Espíritos, de dezembro de 1982 a março de 1983. Verificações feitas por peritos concluíram que não se tratava de "trotos", donde a classificação de um fenômeno paranormal. Um dos

⁸⁸ M *Ponte Entre o Aqui e o Além*, Hildegard Schäfer, Pensamento, 1992, 5* parte, cap. 26.

interlocutores espirituais era Otto Mutz, um seu amigo *já* falecido. O acúmulo de chamadas era desgastante, chegando a vinte e seis ligações num só dia, e num intervalo de cinquenta e três minutos. Muitas vezes as comunicações produziam sons diversos, como ruídos e batidas. Uma vistoria oficial, a pedido de Boden, concluiu que estava tudo normal com sua linha e aparelho.

Maggy Harsch-Fischbach, desde dezembro de **1987**, tem mantido contatos telefônicos com os Espíritos de Konstantin Raudive, Margret Mackes, uma sua amiga falecida em abril **1987**, Swejen Salter, e o Técnico, Espírito supervisor das suas experiências. Saliente-se que o casal Harsch-Fischbach possui aptidão mediúnica.⁸⁹

As bases mediúnicas da TCI

Nas páginas precedentes nos referimos à TCI como uma modalidade de comunicação mediúnica, do que estamos plenamente convencidos pelos próprios estudiosos do assunto em suas publicações. Nelas se nota um desejo muito forte de desvincular o procedimento "técnico" do mediúnico, num esforço de transmitir a sensação de que os médiuns não são requeridos para esse novo tipo de diálogo com o Além. À medida, contudo, que vamos nos familiarizando com os processos e técnicas da Transcomunicação Instrumental, percebemos que tudo se desenvolve dentro dos cânones da mediunidade tradicional, inclusive que os experimentadores sempre possuem um grau qualquer de mediunidade.

Começando por Jurgenson, o qual apresenta diversos tipos de mediunidade, segundo suas próprias colocações no livro *Telefone para o Além*. A clarividência, a clariaudiência, o desdobramento (projeção espiritual) e efeitos físicos são descritos nos relatos de suas experiências.

Para que as recepções do grupo de Marcello Bacci, em Grosseto, Itália, tenham sua qualidade melhorada, Bacci toca o condensador com o dedo, o que, segundo Hildegard Schäfer, remete a questão mediunidade, pois os recursos técnicos não correspondem aos excelentes resultados obtidos. "Considerando que as comunicações de Grosseto se estendem por um longo período, no mínimo em quinze anos de contínua atividade, com variação apenas dos participantes, não se pode negar que se trata, neste grupo, de resultados parapsicológico-mediúnicos excepcionais."⁹⁰

Nas experiências com o Spiricom, George Meek diz que, para funcionar, o aparelho precisa de uma energia humana, por ele denominada de ectoplasma gasoso. Além disso, o Mark IV só funcionava com a presença do médium e técnico em eletrônica, William O'Neil, sem ela não se estabelecia o contato.

⁸⁹ ** *Transcomunicação: A Comunicação com o Além por Meios Técnicos*, parte B, cap. **3**, item f.

⁹⁰ >> *Ponte Entre o Aqui e o A Um*, 2ª parte, cap. **17**.

E o próprio George Meek, quando ficou sem o médium que o auxiliava em suas pesquisas iniciais, serviu de medianeiro para as orientações de que necessitava, utilizando a psicofonia consciente ou *channeling*.

O Espírito conhecido como Técnico, em comunicação ao Grupo de Luxemburgo, diz o seguinte: "Quando vocês recebem informações de outros planos, através dos médiuns, mesmo aquelas psicografadas —, a psique do médium predomina mais do que nas comunicações recebidas através da transcomunicação com meios tecnológicos. Nas mensagens recebidas através de médiuns em transe, em semitranse etc.: = **4/5** psique, **1/5** Além; nas transmissões por meios tecnológicos = **1/5** psique, **4/5** Além".⁹¹ A estatística apresentada não tem nenhum valor científico, por faltarem meios de comprovação, mas, aceitando-a como hipótese de trabalho, ressaltamos existir a influência psíquica dos participantes, o que significa uma atuação medi única no processo. Isto fica claramente provado quando os resultados das reuniões de TCI são influenciados pela qualidade espiritual dos seus participantes. Nas oportunidades em que o desempenho deixou a desejar, os Espíritos indicaram esse fator como fundamental para a queda de qualidade do intercâmbio. Swejen Salter, Espírito que faz parte da equipe "Fluxo do Tempo", revelou que, na produção dos fenômenos da chamada segunda fase da TCI, eles utilizavam a "energia orgônica", para estabelecer o contato. Ora, orgônio foi o nome dado por Wilhelm Reich a uma pretendida energia sexual, um fluido de cor azul, que ele teria conseguido isolar. Seu "condensador de orgônios", para curar impotência, teve a venda interdita pela Federal Food and Drug Administration, dos Estados Unidos. Diga-se de passagem que ninguém conseguiu reproduzir o resultado por ele anunciado.

Em **1987**, precisamente em **22** de abril, George Meek telefonou a Senkowski dizendo que a médium Patty Ann, da Metascience Foundation, recebera uma comunicação de que o grupo espiritual norte-americano "Life-Line" desejava fazer uma transmissão indireta ao Grupo de Luxemburgo, através da equipe "Fluxo do Tempo". No dia **23** a comunicação foi feita, com uma mensagem do Espírito de Nelson D. Rockefeller. "Para esses contatos, George Meek e sua médium Patty Ann, como transmissora telepática, aparentam ter representado um importante papel, como provavelmente também a aptidão telepática de Harsch."⁹² Ora, a telepatia é a base de todos os fenômenos de efeitos inteligentes, porque se processa entre a mente do Espírito comunicante e a do médium. O que equivale

⁹¹ **91** *Ponte Entre o Aqui e o Além*, **3*** parte, cap. **20**.

⁹² *Transcomunicação: A Comunicação com o Além por Meios Técnicos*, B, cap. **3**, item b.

dizer que todo indivíduo com aptidão telepática é médium.

Os Espíritos que se comunicam pela TCI dizem que estão evoluindo para uma comunicação sem o uso da psique humana. Declaram que, na primeira fase da TCI, ela foi usada, mas na segunda fase foi levada a efeito sem o seu concurso, pelo uso de "energia sexual" (orgônica) (!?), e que estariam se aproximando da fase três, a qual, provavelmente, seria uma comunicação estritamente energética. É de admirar a afirmação de que a segunda fase estaria passando porque a energia orgônica estaria acabando. Mas acabando de que forma? A energia que, segundo o pensamento de Reich, seria responsável pelo, ou oriunda do, orgasmo humano não parece esgotada de forma nenhuma, no momento atual. Muito pelo contrário, desde a revolução sexual dos anos sessenta e da fabricação da pílula anticoncepcional, quando a mulher passou a assumir sua sexualidade de forma ampla, ela vem sendo movimentada como nunca, podendo, teoricamente, ser facilmente encontrada. Além do mais, a ser verdade que os fenômenos de *poltergeists* acontecem, com maior frequência, tendo como médiuns jovens que desabrocham sexualmente, a energia orgônica seria uma força geradora, ou estimuladora, da produção de ectoplasma, o que nos leva de volta à consideração de que o fenômeno, mesmo na sua segunda fase, tem um componente mediúnico, pois esta energia está na base de qualquer efeito físico.

Para uma experiência que seria feita em Bad Muns- tereififel, as recomendações foram as seguintes: "Durante o experimento todas as portas deverão permanecer fechadas. Peçam aos presentes para que não usem *flash*, ou corremos o perigo de o campo de energia ser destruído" (destaque nosso).⁹³ Não são recomendações típicas de uma reunião onde é usado o ectoplasma?

Tudo leva a crer que os fenômenos produzidos pela TCI precisam de uma energia de transição, capaz de transferir impulsos entre dimensões, e até onde vão os nossos conhecimentos, a única que apresenta tal qualidade é a produzida por organismos vivos. É possível que o ectozooplasma e o ectofitoplasma possam substituir o plasma humano nesse tipo de comunicação, mas isto só o tempo dirá.

⁹³ 93 *Transcomunicação: A Comunicação com o AUm por Meios Técnicos, pane C, item c.*

Capítulo 4 Hipóteses sobre a produção dos fenômenos mediúnicos

Fraude

IU rimeiramente muitos, sem sequer se darem ao trabalho de verificar os fatos, optaram por levantar a hipótese da fraude. Como eles se repetissem nos mais diversos meios, e sob os mais rigorosos controles, surgiram outras explicações, sempre buscando afastar, de modo absoluto, a ideia de persistência da individualidade após o "êxito letal".

Como os ruídos ou *raps*, foram a primeira forma de comunicação espiritual no início da Segunda Revolução Mediúnica, apareceram logo "explicações", que tinham naturalmente a fraude como resultado lógico. Mas o importante é que as teses explicativas eram defendidas por indivíduos que nunca haviam observado uma reunião sequer, ou qualquer fenômeno mediúnico, como no caso a seguir: "Em fevereiro de **1851**, o Dr. Austin Flint, o Dr. Charles A. Lee e o Dr. C. B. Coventry, da Universidade de Buffalo, publicaram um trabalho mostrando com satisfação que os ruídos verificados em presença das irmãs Fox eram causados por estalos das juntas dos joelhos".⁹⁴ É uma constante na investigação dos fenômenos mediúnicos ou psíquicos as obras que "explicam" os fatos como embuste e impostura. De forma geral os autores nunca se deram ao trabalho de verificá-los pessoalmente mas, à distância, como se tivessem uma "bola de cristal", ou o melhor, fossem mais argutos, inteligentes e capazes do que aqueles que os estudaram séria e exaustivamente, utilizando controles rigorosos. Os que lançam levemente a pecha de desonestidade sobre médium e pesquisadores são no fundo inescrupulosos, julgando todos pela ótica da própria capacidade de mentir e enganar. São casos típicos de projeção da sombra, conforme a Psicologia Analítica, ou seja, como dizem os Espíritos: cada um só enxerga nos outros o que possui em si mesmo.

A "hipótese dos estalidos das juntas" reapareceu na França, em **1859**, levantada pelo Dr. Schiff e desenvolvida pelo Dr. Jobert, na Academia de Medicina: "A causa está, diz ele, nas contrações voluntárias ou involuntárias do tendão do músculo curto-perônio".⁹⁵ Kardec pulveriza o "douto" trabalho com uma simples observação: "...o sábio doutor esqueceu de explicar como os estalidos

⁹⁴ .⁴ *História do Espiritismo*, cap. IV. ?!

⁹⁵ *Le Livre des Mídiums*, item **41**.

musculares de uma pessoa imóvel e isolada da mesa podem, ali, produzir vibrações sensíveis ao toque; como esse ruído pode repercutir, à vontade dos assistentes, nas diferentes partes da mesa, nos outros móveis, contra as paredes, no teto etc."⁹⁶

As fraudes nas pesquisas mediúnicas formam um vasto capítulo. É, entretanto, algo que deve ser analisado com muito critério. Existem fraudes notórias, que foram devidamente desmascaradas, inclusive por aqueles que aceitavam os fatos e sua gênese espírita. Essas só merecem condenação e repúdio dos que primam pela honestidade de propósitos e conduta.

Uma outra espécie de fraude, todavia, nasce mais da imaginação cavilosa de cientistas preconceituosos: são as divulgadas por quem participou de uma reunião de pesquisa, onde todas as precauções foram tomadas, não tendo conseguido detectar nenhuma situação irregular, mas, como estavam certos da impossibilidade dos fatos, mesmo os havendo presenciado de forma inequívoca, alardeiam que houve fraude, pois, não podendo existir o fenômeno, argumentam, o que viram só pode ser explicado por ela!!!

Um exemplo de como a má vontade e o preconceito chegam ao cúmulo das conclusões absurdas encontramos no livro de Nogueira de Farias, sobre as materializações de Ana Prado.⁹⁷ Foi numa sessão realizada em **24** de julho de **1920**, às vinte horas, em casa do Sr. Alfredo de Mendonça. Presentes desembargadores, médicos, advogados e outras pessoas especialmente convidadas para a experiência. Todos os presentes acompanharam, criteriosamente, o trabalho de improvisação do gabinete, onde a médium ficaria, tomando os precisos cuidados para evitar qualquer alegação de fraude. Ana Prado trocou de roupa, sob a vigilância das senhoras presentes. Ao entrar no gabinete, foi colocada num gradeado, fortemente amarrado com nastro branco, e as suas pontas devidamente lacradas. Enfim, todas as precauções foram devidamente tomadas, com participação de todos os convidados. Portas e janelas do local foram fechadas e lacradas. Preparados os baldes de parafina e água, para moldagens, bem como outros detalhes requeridos, foi o compartimento colocado em penumbra, graças a uma lâmpada de nitrogênio, posta num cômodo vizinho, cuja luz se filtrava por interstício das cortinas. Meia hora depois, os fenômenos se iniciaram, com a formação da nuvem ectoplásmica e consequentes materializações. O Espírito materializado de uma mocinha fez moldes em parafina e o de um homem se deslocou pelo ambiente, movimentando móveis e objetos. Finalmente, materializou-se o Espírito do "João", que comandava os trabalhos. Este, movimentou-se entre os assistentes, tomando-lhes as mãos. Enquanto isso, a médium gemia alto no gabinete. Finalizados os trabalhos, os lacres foram

⁹⁶ **96** *idem*, **41**.

⁹⁷ **57** *O Trabalho dos Mortos*, **3**¹ edição, FEB, **1958**, cap. XX.

devidamente verificados, estando intactos. Liberada a médium, lavrou-se uma ata, da qual extraímos o resumo. Todos, com exceção de um assistente, a subscreveram, concordando que a experiência fora perfeita. Quem se recusou a apor seu autógrafo ao documento foi o Dr. Ciríaco Gurjão, alegando "que a mão que apertara houvera sido de um ser humano e não de um Espírito". Ora, o doutor foi um dos que, ativamente, participaram dos cuidados preventivos, em todos os detalhes, logo não podia alegar a intrusão de alguém de fora. Da mesma forma, não podia lançar suspeita de compadrio sobre os presentes, todos pessoas de ilibada reputação; como então teria apertado mão de um ser humano? A médium estava bem presa, como demonstraram os lacres inviolados. Como poderia o preclaro doutor asseverar que não era o roque de um Espírito? Porque a mão estava em temperatura normal de corpo humano? E qual seria a temperatura de um Espírito? Queria ele que fosse gélida, como descrito nos filmes e livros de terror? Ora, o livro nos informa que o Dr. Gurjão, além de médico, era deputado estadual. O que explica tudo, sem ser necessário qualquer outro comentário de nossa parte...

Um tipo de fraude é a induzida, ou seja, como os fenômenos mediúnicos são de origem mental, muitos pesquisadores, por desconhecerem as leis que os regem, fazem solicitações descabidas, num processo de sugestão hipnótica, que o médium em transe é levado a procurar atender, como qualquer hipnotizado vulgar o faria.

Outra alegação de fraude nasce da semelhança que, algumas vezes, a materialização apresenta com o médium. Somente a ignorância de que é possível haver a materialização do espírito do médium, em desdobramento, pode levar um analista superficial a sair propalando a existência de fraude, quando defrontado por um desses fenômenos. Para melhor estudo do assunto recomendamos o livro do Dr. Carlos Imbassahy, *O Espiritismo à Luz dos Fatos*, capítulo "Das Fraudes" (editora FEB). Um fato é certo: toda vez que houve fraude, consciente ou inconsciente, nas pesquisas mediúnicas, havia a questão de dinheiro envolvida. A transformação, desde as irmãs Fox, dos médiuns em "profissionais", realizando reuniões a troco de estipêndio, foi um fato gerador de fraude, pois quando se paga por alguma coisa se exige a contrapartida natural. Como os Espíritos não são propriedade dos médiuns, não estando sujeitos à sua vontade e capricho, simplesmente, muitas vezes, não produzem nada, mas o médium, querendo atender os requisitantes, e não pretendendo abrir mão do pagamento, terminam por cair na perigosa tentação de fraudar. Allan Kardec assim resume o problema: "Onde não existe especulação, o charlatanismo não tem o que fazer".⁹⁸

Com o advento das mesas girantes, além das fáceis e inócuas alegações de charlatanismo, apareceram as célebres experiências e explicações de Faraday. Michel Faraday (1791-1867) é considerado uma das principais figuras da Física do século XIX; dentre outros feitos notáveis, descobriu a indução elétrica por meio

⁹⁸ *98 Le Livre des Médiuns, item 38*

de magnetes. Contudo é lembrado, também, pela campanha que empreendeu contra a abertura do canal de Suez porque, depois de muitos estudos (!), concluiu que o mar Vermelho estava acima do nível do Mediterrâneo, e a abertura do istmo causaria uma imensa catástrofe. Os seus estudos sobre as mesas girantes estão nesse mesmo plano. Após, segundo ele, várias pesquisas, e a utilização de inúmeros engenhos de sua criação, concluiu: "Por mais que modificasse ao infinito o método de observação, foi-me impossível perceber mesmo a mais leve indicação de que se tratasse de alguma força natural particular. Não percebia nem atrações, nem repulsões, nem força tangencial, nem qualquer outra coisa que não fosse uma pressão puramente mecânica exercida por inadvertência, ou sem consciência reflexa, pelo operador". "São os dedos e as mãos — conclui o famoso físico — que impulsionam a mesa, fazendo pressão sobre ela." "E para mim um fato demonstrado que a mesa gire sob as mãos de pessoas que o queiram, sem de modo algum suspeitarem que elas mesmas é que imprimem à mesa uma força mecânica vulgar." E finalizava, prepotente: "Firmei minhas convicções próprias como experimentador e creio não estar mais obrigado a travar controvérsias sobre esse ponto, do mesmo modo que sobre várias outras questões científicas, a propósito das quais emiti opiniões diferentes das dos outros físicos, como por exemplo a essência da matéria, a inércia, a magnetização, a luz etc. etc." ⁹⁹

O exemplo de "postura científica" do ilustre físico — semelhante à de muitos que estudaram e estudam os fatos espíritas — ante as mesas girantes é esclarecedor. Por isso Kardec escreveu: "Para as coisas notórias, a opinião dos sábios merece fé, a justo título, porque eles sabem mais e melhor do que o vulgo; mas diante de princípios novos, de coisas desconhecidas, sua maneira de ver não é mais que hipotética, porque eles não são mais do que os outros isentos de prejuízos, eu diria mesmo que o sábio tem, talvez, mais prejuízos do que um outro, pois que uma propensão natural os leva a subordinar tudo ao ponto de vista que aprofundou... Eu consultaria pois, de boa vontade, e com toda a confiança, um químico sobre uma questão de análise, um físico sobre a potência elétrica, um mecânico sobre uma força motriz; mas eles me permitirão, e sem que isso atente contra a estima que impõe seu conhecimento específico, de não levar em conta sua opinião negativa em face do Espiritismo". ¹⁰⁰

O nosso físico não explicou uma série de "pequenos" detalhes: a) como os impulsos inconscientes respondiam por batidas dos pés, corretamente, a perguntas mentais dos participantes; b) de que forma os movimentos reflexos faziam a mesa se mover, quando todos tentavam segurá-la, sem

⁹⁹ H Ver *As Mesas Girantes e o Espiritismo*, cap. 14.

¹⁰⁰ 100 *Le Livre des Esprits, Introduction a l'Etude de la Doctrine Spirite*, item VII.

que tivessem êxito; c) como os movimentos musculares inconscientes faziam a mesa elevar-se em pleno ar, ali permanecendo, muitas vezes sem que ninguém estivesse com as mãos sobre ela. Além do mais, a afirmação sobre a variação ao infinito de suas experiências é de um evidente exagero, incompatível com a postura séria e comedida que deve nortear qualquer informe científico.

Melhor fez Robert Hare (1781-1858), químico norte-americano que construiu o primeiro forno elétrico e inventou o maçarico oxídrico, dentre outras coisas. Tomando conhecimento das experiências de Faraday, e pensando que o físico inglês tinha conseguido a explicação dos fenômenos, para colocar uma pá de cal no problema resolveu repeti-las. Reconhecendo que eram insuficientes, mandou fabricar novos aparelhos e, para seu espanto, os fenômenos aconteciam. Colocasse ele as mãos do médium sobre esferas, mergulhasse-as em vasos cheios de líquido, usasse alavancas para evitar a pressão delas, a mesa continuava a se mover, os dinamômetros a registrarem pressão inco- mum e as balanças a registrarem pesos impossíveis. Concluiu então pela realidade do fato, pois conseguira provas (e não "evidências") de que uma força desconhecida agia sobre os seus aparelhos. Para verificar a inteligência dessa força: "Adaptou à mesa um disco em que se viam as letras do alfabeto e o dispôs de forma que o médium não pudesse ver as letras; o quadrante em que elas estavam gravadas mostrava a face aos espectadores instalados a alguma distância da mesa; na outra extremidade desta mantinha- se o médium, que só podia ver o disco por detrás. Uma agulha móvel, fixada no centro do quadrante, devia, sucessivamente, indicar, as letras das palavras ditadas, completamente ignoradas do médium".¹⁰¹ Assim, chegou à conclusão de que não só as mesas se moviam, como eram os Espíritos que as impulsionavam. E o que é importante, não se omitiu ao debate, numa perfeita postura científica.

Telepatia e outros fenômenos mediúnicos

As respostas inteligentes, tanto por ruídos como pelos outros meios psíquicos, eram um argumento poderoso em favor da origem espiritual deles. Mas, desde o início, apareceram objeções baseadas na suposta capacidade dos médiuns de lerem a mente dos participantes. Mais tarde, Frederico Myers, um dos fundadores da

¹⁰¹ ¹⁰¹ *O Fenômeno Espírita*, 1* parte, capítulo II.

Sociedade de Pesquisa Psíquica de Londres - SPR, denominou de telepatia a transmissão e recepção de ideias, pensamentos e emoções entre os indivíduos.

A experiência do sagaz Capron, citada no capítulo precedente, foi sistemática e perfeita, dentro dos cânones reputados científicos. Partindo do simples ao complexo, introduzindo variações, levantando hipóteses e testando-as, terminou por concluir pela independência das respostas. O método utilizado foi objetivo, demonstrando a argúcia do jornalista, e refutou a "hipótese telepática" no nascedouro; ele a liquidou de uma forma simples, direta e objetiva. É, pois, uma teoria que morreu antes mesmo de nascer, mas cujo fantasmagórico cadáver ainda carregado por muitos "pesquisadores", renascendo de mil formas, como as cabeças da Hidra de Lerna, combatida pelo formidável Hércules. Vejamos como a experiência aconteceu: "Em outra oportunidade, estando presente com Isaac Post, de Rochester, experimentei contar da seguinte forma: retirei várias conchas de uma cesta de papelão que estava sobre a mesa (pequenas conchas de lago), fechei-as em minha mão e coloquei inteiramente fora de vista, e solicitei que fossem dados tantos *raps* quantas fossem as conchas. Isto foi feito corretamente. Como eu sabia quantas conchas havia em minha mão, resolvi testar de outra forma, para verificar se havia possibilidade de minha mente ter tido alguma influência no assunto. Tomei um punhado de conchas, sem eu mesmo saber quantas havia apanhado. Ainda as respostas foram corretas. Então pedi ao Sr. Post, o qual estava sentado junto a mesa, para pôr a mão na cesta, pegar algumas conchas sem lhes conhecer o número e passá-las para minha mão, a qual imediatamente fechei e coloquei numa posição onde ninguém poderia vê-la. O número foi dito corretamente, como antes".¹⁰²

O interessante é que, não podendo mais negar os fatos mediúnicos, os adversários da sobrevivência passaram a utilizar as próprias faculdades mediúnicas para tentar reduzir tudo a alegadas habilidades dos médiuns. Eles seriam dotados da capacidade de ler as mentes dos participantes das reuniões, delas retirando as informações que transmitiam. Quando ninguém se lembrasse dos episódios relatados, eles seriam retirados diretamente do inconsciente das pessoas. Mas quando as informações não eram do conhecimento de nenhum deles? Ah! o inconsciente do médium as retiraria de qualquer mente, em qualquer lugar do planeta, ou de um suposto reservatório cósmico de lembranças. Já não se trata aqui de uma simples teoria científica, estamos no vasto e livre domínio da ficção científica, onde tudo é possível, dependendo da imaginação do seu criador.

A capacidade telepática dos medianeiros seria ilimitada. O médium, porém, não se atribui nenhum desses fatos, mas a entidades espirituais. Muitas vezes o informante é o próprio Espírito que vivenciou os eventos. A resposta vem pronta: essas entidades são criações alucinatórias do psíquico ou, nos casos de

¹⁰² Idem

incorporação, personalidades imaginárias desenvolvidas inconscientemente por ele. O médium seria um nevro-pata, e a mediunidade, como postulou Hans Bender, um caso de patologia psicológica. Hoje em dia ele, com toda a sua prosápia científica, é uma "psicopatologia" registrada nas fitas magnéticas dos estudiosos da TCI. A morte é, sem dúvida, a grande resposta para esses empedernidos contestadores da verdade imortalista. Daria prazer ver-lhes o desapontamento e a vergonha quando, despertando no mundo espiritual, constatassem que aquilo que combatiam com todas as armas da má vontade é real.

A mais recente teoria "científica" no domínio do para-normal é que as vozes gravadas em fita magnética são psicocinéticas, isto é, gravadas por intervenção direta da mente na fita cromada. Ela foi proposta pelo citado Hans Bender. Hoje, a Lei de Retorno o está fazendo provar do próprio remédio: virou impressão psicocinética de dados do inconsciente... O importante é afastar, a qualquer preço, a "tenebrosa" hipótese da intervenção dos Espíritos na produção do fenômeno.

A tese anímica

Desde as primeiras manifestações dos Espíritos houve aqueles que tentaram negar por todos os meios e modos que tal coisa pudesse acontecer. Recorreram à afirmação de fraude até que inúmeras pessoas probas, e em condições de extremo controle, conseguiram que os fenômenos acontecessem, ficando afastada a hipótese do charlatanismo.

Na falta da fraude, optaram por vários argumentos, culminando por aceitarem que o fenômeno era real, mas que a fonte era o próprio médium. Tudo sairia dele, tanto as mensagens, que seriam devidas a automatismos psicológicos, quanto os efeitos físicos, devidos à ação da mente do medianeiro, por via inconsciente, no meio ambiente. As próprias corporificações¹⁰³ dever-se-iam a um desdobramento da alma — donde a designação animismo — do médium, que, utilizando-se do seu próprio ectoplasma, tomaria a forma física como se fora um Espírito outro. O problema está em que os estudiosos da mediunidade, que aceitavam, e aceitam, a comunicação dos Espíritos, nunca negaram que o médium também podia produzir fenômenos por si mesmo. Ora, se como quer Bozzano, a mediunidade é o aflorar dos sentidos espirituais, que todos temos, porque

¹⁰³ **103** Eu prefiro o termo *corporificação* do que *materialização*, pois este último dá a entender que existe formação de matéria, o que não acontece. Pelo menos ao que se sabe até o momento.

somos igualmente Espíritos, logo todos podemos produzir a fenomenologia mediúnica. Todavia, isto não implica que todos os fenômenos sejam só anímicos, existindo aqueles que, por uma série de detalhes, demonstram que seu agente é absolutamente distinto do médium.

O erro do filósofo alemão Von Hartmann, apontado como autor da tese do animismo, foi o de atribuir a todo e qualquer fenômeno mediúnico esta causa. Verificando sua argumentação, vê-se claramente que se prendeu, escolhendo cuidadosamente, a fatos que corroboravam o que defendia. Não disse foi que esses casos já haviam sido identificados e tratados como produto dos médiuns pelos pesquisadores espíritas, os quais relacionavam ao lado deles inúmeros outros em que era flagrante a diversidade da fonte promotora.

Outrossim, é óbvio que existe uma participação do médium em qualquer tipo de manifestação mediúnica. Isto pelo simples fato de que qualquer comunicação, mesmo as de efeitos físicos, passam e são controladas pela mente do medianeiro. O inconsciente é o caminho natural pelo qual transitam as informações dos Espíritos, como também ali residem os controles que o médium exerce sobre o uso de suas energias ectoplásmicas, pelo simples fato de que são parte integrante do conjunto de operações involuntárias do seu organismo.

Nunca existiu nem poderá jamais existir um médium que, à semelhança de uma máquina, só deixe passar o pensamento, as ideias e emoções do Espírito comunicante, qualquer que seja a forma em que tal comunicação se expresse. Isto contrariaria as leis de associação de ideias vigente na estrutura mental. É preciso esclarecer logo, pois estudaremos isto mais detalhadamente ao longo deste capítulo, que toda e qualquer manifestação mediúnica só acontece de acordo com a lei de afinidade, a não ser em casos especialíssimos, quando Espíritos de grande elevação impõem, por imperativos que fogem a nossa compreensão, suas ideias através do médium que esteja disponível, seja qual for sua condição intelectual ou moral. Mas isto é uma questão de força, contra a qual não existe argumento.

No cotidiano, para que um Espírito consiga uma ligação frutífera com um médium, é absolutamente necessário que os dois possuam algum ponto emocional em comum, através do qual se estabeleça a sintonia requerida. Somente dessa forma o intermediário terá condições de deixar fluir o pensamento da entidade comunicante. Este princípio nos dará elementos para preciosas observações, como teremos a oportunidade de ver em momento oportuno.

Desde logo dizemos aos médiuns de qualquer condição, ou seja, iniciante ou veterano, de grande ou pequena expressão mediúnica: não se preocupem com o fator anímico. Não pode existir comunicação cem por cento pura, pois isto seria contrário às leis da Natureza. Observem os médiuns conhecidos, analisem as mensagens que recebem, e verão que existem em todas elas, qualquer que seja a entidade comunicante, expressões, frases, modos de dizer e estilo semelhantes. Isto não significa que a mensagem seja um embuste, mas que em todas elas o

elemento constante é a mente do médium, a qual não poder ser anulada. Quem duvidar pegue os livros e mensagens dos médiuns em evidência e mande fazer um estudo comparativo no conjunto de cada produção por técnicos em literatura e comunicação escrita e verá como tenho razão no que afirmo.

É claro que quanto menos desenvolvido é o médium a intervenção anímica na comunicação será mais intensa, e quanto mais desenvolvido menor será. Junte-se a isto que, quanto mais passivo for o médium durante a comunicação, menor será sua ação inconsciente sobre a mensagem transmitida. Os médiuns, principalmente os conscientes, que ficam a criticar a mensagem que flui por eles ("isto não será de minha própria imaginação?", e pensamentos assemelhados), enquanto o transe se processa, prejudicam a transmissão, pois lhe oferecem crescente resistência. O ideal é deixarem o processo se desenvolver normalmente para, depois da reunião, analisarem o material recebido, estabelecendo, o quanto possível, sua real origem. Nunca se deve esquecer que a mediunidade é desenvolvida pelo exercício. Quanto mais se exercitarem em manter a passividade mental, mais fieis serão as mensagens com indiscutíveis sinais da origem espiritual. Nunca deve ser esquecido que os Espíritos que se interessam pelas nossas faculdades mediúnicas têm interesse em comprovar, para nós, a realidade dessas faculdades.

A existência de comunicações onde o fator anímico prepondera é, como dizia Nelson Rodrigues, o óbvio ululante. Aceitemos, inclusive, que haja uma grande quantidade dessas manifestações nas reuniões mediúnicas em geral. Isto não significa que não exista uma presença espiritual na sua origem, e não se pode esquecer que o animismo é igualmente um fenômeno espírita, estando sob a específica jurisdição do Espiritismo. Leiamos, para esclarecimento, o Espírito André Luiz¹⁰⁴: "Solucionados os diversos problemas alusivos ao programa da noite, eis que uma das senhoras enfermas cai em pranto convulsivo, exclamando:

— Quem me socorre? quem me socorre?!...

E comprimindo o peito com as mãos, acrescentava em tom comovedor:

— Covarde! por que apunhalar, assim, uma indefesa mulher? serei totalmente culpada? meu sangue condenará seu nome infeliz...". "Perplexos, Hilário e eu lançamos um olhar indagador ao Assistente, que nos percebeu a estranheza, porquanto a enferma, sem a presença da mulher invisível que parecia personificar, prosseguia em aflitiva posição de sofrimento.

— Não vejo a entidade de quem a nossa irmã se faz intérprete — alegou Hilário, curioso.

— Sim — disse por minha vez —; observo em nossa vizinhança um triste companheiro desencarnado, mas se ele estivesse telepaticamente ligado à nossa amiga, decerto a mensagem definiria a palavra de um homem, sem as

¹⁰⁴ IM *Nos Domínios da Mediunidade*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, FEB, 6ª edição, 1970, Rio de Janeiro-RJ, cap. 22.

características femininas da lamentação que registramos... Em verdade, não notamos aqui qualquer laço magnético que nos induza a assinalar fluidos teledinâmicos sobre a mente da médium...”

“Estamos diante do passado de nossa companheira. A mágoa e o azedume, tanto quanto a personalidade supostamente exótica de que dá testemunho, tudo procede dela mesma... Ante a aproximação de antigo desafeto, que ainda a persegue de nosso plano, revive a experiência dolorosa que lhe ocorreu, em cidade do Velho Mundo, no século passado, e entra em seguida a padecer insopitável melancolia.”

“Analisei-a, com atenção, e concluí:

—Mediunicamente falando, vemos aqui um processo de autêntico animismo. Nossa amiga supõe encarnar uma personalidade diferente, quando apenas exterioriza o mundo de si mesma...

—Poderíamos, então, classificar o fato no quadro da mistificação inconsciente? — interferiu Hilário, indagador.

Aulus meditou um minuto e ponderou:

— Muitos companheiros matriculados no serviço de implantação da Nova Era, sob a égide do Espiritismo, vêm convertendo a teoria animista num travão injustificável a lhes congelarem preciosas oportunidades de realização do bem; portanto, não nos cabe adotar como justas as palavras mistificação inconsciente ou subconsciente para batizar o fenômeno. Na realidade, a manifestação decorre dos próprios sentimentos de nossa amiga, arrojados ao pretérito, de onde recolhe as impressões deprimentes de que se vê possuída, externando-as no meio em que se encontra. E a pobrezinha efetua isso quase na posição de perfeita sonâmbula...”

“Um doutrinador sem tato fraterno apenas lhe agravaria o problema, porque, a pretexto de servir à verdade, talvez lhe impusesse corretivo inoportuno ao invés de socorro providencial.”

“— E podemos considerá-la médium, mesmo assim? — Como não? Um vaso defeituoso pode ser consertado e restituído ao serviço.” “O assunto não comporta desmentido, porque indiscutivelmente essa mulher existe ainda nela mesma. A personalidade antiga não foi tão eclipsada pela matéria densa como seria de desejar.”

Não nos tornaremos defensores da mistificação inconsciente, mesmo porque os postulados doutrinários são taxativos a este respeito, não obstante tem-se de levar em conta que toda comunicação sofre influência dos fatores mentais de médiuns e assistentes. Qualquer comunicação medianímica possui um colorido anímico, o qual se apresenta com maior ou menor matiz, dependendo do grau da faculdade do médium. Critica-se, em geral de forma leviana, o tipo de comunicações recebidas nas reuniões cotidianas dos centros, por refletirem uma pretendida mesmice insossa. Cabe salientar, todavia, que tais reuniões se dedicam, quase sempre, ao

socorro às entidades que estão sofrendo no mundo espiritual e, por mais que não pensem nisso os seus rigorosos críticos, os problemas humanos são os mesmos desde os albores da razão. Os dramas psíquicos se repetem numa monotonia entediante, como podem testemunhar os que trabalham diariamente na área psicológica. Os Espíritos, como Kardec inferiu mesmo antes de conhecer os princípios espíritas, não passam de almas que viveram na Terra, num corpo físico, portanto vivenciando os conflitos que caracterizam a espécie humana, agravados pelos problemas da inadaptabilidade ao meio a que foram chamados, por força da morte somática. Ao manifestarem seus dramas interiores, estão repetindo o que acontece a centenas de milhões de seres das duas dimensões existenciais.

O problema da mistificação

Enquanto o colorido anímico de todas as comunicações é um fato natural, as mistificações não o são. Haverá mistificação sempre que o produto da comunicação resulte de um desejo impróprio de evidência por parte do médium. Vemos isto acontecer quando morre um personagem conhecido como Airton Sena, John Lennon etc. Médiuns que se deixam impressionar pelos eventos começam a nutrir o desejo de receber uma comunicação deles e assim geram pseudo-mensagens ou, em outras palavras, mistificações grosseiras.

Junte-se a isto a falta de vigilância e a irresponsabilidade desses médiuns, os quais buscam autopromoção de qualquer maneira, que terminam por deixá-los à mercê das entidades frívolas e mentirosas, as quais não têm o menor pudor de se apoderarem do nome da personalidade que desencarnou, para transmitir mensagens falsas, cheias de equívocos ou lugares-comuns, mistificando a fim de desmoralizar o médium que a elas se rendem.

As mistificações podem ser inconscientes, na forma que começamos a analisar, isto é, de tanto "querer" receber uma comunicação de um determinado Espírito, o médium acaba forjando, de forma meio inconsciente, a mensagem desejada. Ou conscientes, quando existe o objetivo explícito de enganar, com propósitos inconfessáveis, na maioria das vezes. Uma forma comum desse tipo de empulhação é a "visão" de "reencontro reencarnatório", usada por pessoas sem caráter com o objetivo de conseguir vantagens sexuais.

Também as mistificações podem ser frutos da obsessão, quando o médium, fascinado, se deixa envolver por entidades mentirosas, que

terminam por fazê-lo aceitar as mais absurdas falsidades como revelações provindas de esferas superiores. Um dos casos mais interessantes, e ao mesmo tempo constrangedores, que tivemos oportunidade de acompanhar foi de uma médium em Salvador, a qual recebeu dos Espíritos a informação de que um disco voador pousaria, num dia determinado, no largo de Santana. Instada pelos obsessores que se faziam passar por elevados guias, ela divulgou pela imprensa o notável evento. No dia aprazado os meios de comunicação se fizeram presentes, como também uma vasta multidão. Aconteceu o previsível: nada. Foi um fiasco memorável. Mesmo assim a médium e seus seguidores aceitaram as "explicações" esfarrapadas dos falsos guias e continuaram a lhes receber a "direção". Em casos dessa ordem os dois se merecem: o Espírito embusteiro e o médium — bem como seus correligionários —, pois são almas doentes e infelizes.

Certa vez fui convidado por uma amiga para visitar uma médium sua conhecida, a qual de há muito não comparecia ao centro que as duas frequentavam. Era um dia de domingo, à tarde, quando chegamos à residência da dita médium. Ela nos recebeu alegremente, convidando-nos para participar de uma "reunião" que estava prestes a acontecer, com a finalidade de atender espiritualmente um rapaz com um problema numa perna, a qual se apresentava inchada.

Começada a reunião, um Espírito comunicou-se pela psicofonia. Controlando a médium, pôs-se a caminhar pela sala, onde todos estávamos sentados no chão, sobre almofadas, menos o "paciente", instalado numa cadeira, com a perna doente estirada sobre um banco. A entidade fazia o gesto característico dos sacerdotes católicos de abençoar. Até aí, nada de mais. De repente, contudo, começou a falar: "Quando eu estava na Terra, dizia aos meus doze discípulos..." Percebi, estarrecido, que o Espírito tinha o desplante de se dizer, não textualmente, mas apenas por indiretas, o próprio Cristo. Suas colocações eram de extrema pobreza intelectual e sem qualquer substância efetiva. Uma simples sucessão de lugares-comuns, muitas vezes sem qualquer sentido, em repetições monótonas. Em seguida, o falso Jesus começou a tratar o doente fazendo acupuntura com um espinho da coroa que lhe haviam posto na cabeça antes da crucificação. Eu olhava o infeliz crédulo e me lembrava, descaradamente confesso, de um ditado popular que minha genitora repetia em ocasiões adequadas: "Quem é burro pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue".

Após o "tratamento", o mistificador começou a impor as mãos sobre as cabeças dos presentes. Quando chegou minha vez, afastei-me resolutamente, recusando receber a "bênção". Quando o Espírito, demonstrando espanto, me indagou a causa da rejeição, lhe respondi com ironia: "Eu não mereço, Senhor! Positivamente não mereço".

Depois desta, aconteceram outras "manifestações" tão ridículas quanto. Ao

sairmos, minha amiga me indagava, estupefata: "O que é isto, Djalma?", e eu lhe respondi de pronto: "Vaidade e falta de estudo, principalmente das Obras Básicas. Se a sua amiga houvesse lido o *Livro dos Médiuns*, poderia se ter precatado da obsessão que a envolveu. Ela está ainda no estado de fascinação, que apesar de preliminar da obsessão propriamente dita é praticamente incontornável, pois se sente envaidecida de ser a médium de nosso Senhor". Não sei do destino daquela senhora, mas tenho certeza de que não foi nada bom, se ela continuou envolvida naquela teia de mentiras e falsidades.

O conceito espírita da produção do fenômeno mediúnico

Como vimos tratando de forma natural, o Espiritismo — como aliás seu próprio nome indica: "Doutrina dos Espíritos" — afirma que todo e qualquer fenômeno mediúnico é produzido pela ação de Espíritos, quer estejam ligados a um corpo físico, quer não.

Pode-se rotular tal afirmativa de "mística", "sobrenatural" ou semelhantes, que não se muda a realidade de um fato fundamental que já apontei: foram os Espíritos, através das comunicações por diversos meios, que se disseram seus autores. Alguns pesquisadores, tentando negar esta origem, afirmam que tudo é produto do "inconsciente do médium. Nós espíritas concordamos em parte com isto, ou seja, toda comunicação mediúnica se faz "através" do inconsciente do médium, mas negamos que seja um produto "exclusivo" dele — e isto com base em inúmeras provas. Inclusive, se fosse produto do inconsciente, significaria dizer que temos um inconsciente "espírita", mesmo se formos católicos, protestantes, maometanos ou budistas? Ora viva, segundo esses "sábios" doutores o Espiritismo é universal e está no íntimo de toda a humanidade. Localizado no "inconsciente coletivo", deve ser arquetípico, logo uma "tendência herdada" e coletiva. Assim, poder-se-ia afirmar, parafraseando Ter-tuliano: "A alma é naturalmente espírita". Mas, deixando a blague de lado, vê-se o absurdo a que leva a construção de hipóteses falaciosas. Que todos somos médiuns, é inegável pelo que já vimos das conclusões de Kardec e Bozzano, mas termos um "inconsciente espírita", é demais.

Quanto à origem espiritual dos fenômenos, esta é a hipótese mais simples, e portanto a verdadeira, pois requer menos variáveis para explicar os fatos, e me parece que aí está uma boa aplicação da "navalha de Occam". Comparando a hipótese do inconsciente e a espírita, esta soluciona todos os problemas e questões nascidas da observação e análise dos fenômenos

mediúnicos. Vejamos a opinião, quanto a isto, de um dos grandes pesquisadores da mediunidade, o Dr. Gustave Geley, analisando uma série de experiências envolvendo o fenômeno das "correspondências cruzadas": "Em resumo, de todas as hipóteses explicativas, aquelas que dão as personagens mesmas, quer dizer, a teoria espírita, é a mais simples, a mais clara, a mais imediatamente atraente".¹⁰⁵

Isto posto, passemos a outras questões.

Metodologia da pesquisa, espírita dos fenômenos mediúnicos

Em termos epistemológicos, o Espiritismo é um saber novo, ainda não totalmente definido. Allan Kardec o disse, "uma ciência", "uma filosofia científica" e, enquanto vivência moral e ligação com Deus, uma religião. Os três primeiros volumes das Obras Básicas, *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e o *Evangelho Segundo o Espiritismo*, representam, respectivamente, uma visão filosófica, uma metodologia experimental e um compêndio de regras comportamentais, de base cristã. Daí se inferiu — segundo alguns, foi o beletista espírita baiano Carlos Imbassahy — que existem três aspectos: científico, filosófico e religioso. Naturalmente que o ilustre causídico não deve ter pensado em três áreas independentes, como alguns têm feito. É claro que não se pode ter uma tríade diversificada de espiritistas: o científico, o filosófico e o religioso, pois seria uma fragmentação arbitrária e castradora do saber espírita, absolutamente contrária ao pensamento e ação de Kardec.

Imagine-se um universo doutrinário onde se formassem os três grupos em análise. O científico, se acharia à distância das outras áreas e, claro, só poderia ser classificado como "espírita imperfeito", da mesma forma o filosófico e o religioso. Isto porque o saber espírita é unindivisível, sem predominância de qualquer dos três aspectos de modo absoluto.

A insistência nas denominações, Espiritismo Científico, Espiritismo Filosófico e Espiritismo Religioso, é um convite à segmentação e ao conflito.

O espírita, quando experimenta, de forma científica ou empírica, numa reunião

¹⁰⁵ '*** Contribution à l'Étude de Correspondances Croisées (Documents Nouveaux), pág. 47.

ou diante de um fenômeno mediúnico, põe em ação o "aspecto" científico da Doutrina, mas não afasta os outros dois, porque, ao realizar as deduções e projeções do que foi observado, estará filosofando e, ao manter a harmonia interior e a postura ética, enquanto experimentando, estará praticando a religiosidade espírita. Pelo exposto, já temos as linhas gerais de uma metodologia experimental espírita. Mas vamos traçar-lhe as linhas mestras com mais detalhe.

De um modo geral, a pesquisa experimental em Espiritismo vai exigir uma série de procedimentos, tanto prévios como concomitantes e posteriores. Como em qualquer área das ciências físicas.

Antes de pesquisar, o experimentador já escolheu o objeto a ser pesquisado. Por exemplo: a) provar a existência, ou não, da faculdade mediúnica (casos específicos de Richet e Crookes), b) provar ou não que os fenômenos são provocados por "agentes incorpóreos" (caso, entre outros, de Ernesto Bozzano) como provar ou não a existência de percepção extra-sensorial (caso de Rhine) etc. Sem objeto claramente definido não pode haver pesquisa conclusiva. Ao realizar suas observações na casa da família Baudin, Allan Kardec tinha como objeto o Espírito, enquanto entidade, e sua situação existencial, tanto no mundo espiritual, quanto no material. O resultado foi *O Livro dos Espíritos*.

Qualquer que seja o objeto escolhido, o método a ser aplicado deve ser coerente, lógico e sistemático, capaz de conduzir a resultados válidos.

Como ponto fundamental, o pesquisador precisa ter claro, em sua mente, que ele será um dos elementos essenciais de pesquisa. Não haverá condições para uma "neutralidade axiológica" absoluta, como nas ditas "ciências exatas". Pesquisador e objeto estarão indissoluvelmente comprometidos um com o outro, em nível energético. A começar pelo relacionamento psicológico com o médium, o qual poderá ser facilitador ou obstaculizante ao bom andamento das experiências. Se observador e mediano

nutrem antipatias, restrições ou hostilidade um para com o outro, a experimentação estará fadada ao insucesso ou a resultados não conclusivos. Educação, respeito e gentileza não são incompatíveis com o rigor científico. Como os fenômenos estão ligados ao psiquismo do médium, se ele sofrer um desequilíbrio emocional ou sentir-se ferido em sua dignidade, o êxito do tentame estará fatalmente comprometido.

Ao estabelecer os meios e as formas de controle, o pesquisador deverá fazê-lo de modo a evitar a fraude e o charlatanismo, mas levando em conta que o médium não é uma cobaia irracional, mas um ser humano que deve merecer o devido respeito. Hoje, mais do que em qualquer época passada, existem meios elétrico-eletrônicos de controle, altamente sofisticados e capazes de detectar qualquer tentativa de burla. Um ambiente de experimentação, devidamente equipado com sensores, microcâmaras de televisão, visores de raios infravermelhos, células fotoelétricas e parafernália semelhantes, permite o acompanhamento rigoroso e o registro de

tudo o que nele ocorrer. Eletrodos aplicados ao corpo do sensitivo permitem o registro das oscilações elétricas nele ocorridas, pulsações, sudorese, pressão sanguínea etc.

Enfim, é possível um rigoroso controle do local e do médium, sem impor-lhe condições humilhantes.

O experimentador deve ter em mente que a pesquisa mediúnica é a única em que se parte dos fatos para se chegar à teoria. Isto evitará que pretenda submeter o experimento a ideias e teorias "preconcebidas". Tal comportamento distorcerá, seguramente, os resultados. Como parte integrante dos fenômenos a ocorrer, o experimentador que mantenha uma ideia fixa, quanto à corroboração de um "preconceito", interferirá no processo, com consequências imprevisíveis. Na própria física quântica dos nossos dias existe a suspeita epistemológica de que muitos resultados não são os que deveriam ocorrer naturalmente, mas o fruto da maneira como a pesquisa foi conduzida. Isto é, a mente do experimentador criou as condições para que aquele resultado acontecesse; se fossem seguidos pressupostos diferentes, o resultado seria diverso.

Da mesma forma, na pesquisa psíquica, a mente do experimentador tem o poder de interferir no desenvolvimento da pesquisa, impondo um resultado diverso do normal.

O melhor, pois, é controlar, observar, registrar e, posteriormente, analisar, com isenção de ânimo, para chegar a conclusões as mais próximas possíveis da realidade.

Outro fator importante é a conduta moral do pesquisador. Nas ciências exatas o estado moral do cientista não tem a menor interferência no andamento da experiência. Ao estudar um determinado evento material, desde que se empregue corretamente o método requerido pelo estudo, um cientista canalha e outro de caráter ilibado chegarão às mesmas conclusões. No estudo dos fenômenos psíquicos o mesmo não ocorre. Ele exige postura ética. Não se pode, por exemplo, pretender chegar à verdade pelo uso da mentira, do engodo e da desonestidade.

Qualquer espírita sabe que o tipo de vibração que emitimos age no ambiente, para ele atraindo entidades do mesmo padrão. Um "cientista espírita" que idealize uma pesquisa eivada de falsidades, estando pois com má intenção, obterá fatalmente o que procura: resultados errados. Passará então a divulgar falhas do médium estudado, quando é ele o culpado por elas. É um problema moral: semelhante atrai semelhante; um mentiroso atrairá a mentira. Procure-se averiguar a vida moral de um "cientista" desta estirpe, principalmente no lugar onde ele more, e entre aqueles que o conheçam de perto, e se verificará que possui graves falhas de caráter. Sua "pesquisa", pois, não tem a menor validade.

Sobretudo importante será o clima propício durante o transcurso da reunião experimental.

Capítulo 5 Breve histórico dos fenômenos medi únicos

Por mais longe que recuemos na História ela se faz presente no cotidiano como força decisiva na construção dos destinos individuais e coletivos: "Vemos a mediunidade em todos os tempos e em todos os lugares da massa humana. Missões santificantes e guerras destruidoras, tarefas nobres e obsessões perversas, guardam origem nos reflexos da mente individual ou coletiva, combinados com as forças sublimadas ou degradantes dos pensamentos de que se nutrem".¹⁰⁶

A comunicação mediúnica entre os desencarnados e encarnados está na base das mitologias e religiões, passadas e presentes.

A percepção de entidades espirituais varia de indivíduo para indivíduo por razões naturais, que o Espiritismo e a Psicanálise explicam perfeitamente, quando a segunda se deixa envolver e permear pelos esclarecimentos das questões psíquicas do primeiro.

Psicologicamente a captação mediúnica se processa através das camadas inconscientes da personalidade, arrastando os materiais psíquicos por via associativa, compondo-se com eles e projetando-se no consciente revestida pelos condicionamentos socioculturais do médium.

Da mesma maneira, os Espíritos se apresentam à sensibilidade medianímica com estereótipos os mais diversos, por causa da plasticidade do corpo espiritual ou indução telepática, levando o percipiente a categorizá-los dentro do contexto de suas crenças pessoais.

Nesse caso, ocorre uma manipulação do médium por parte do Espírito comunicante, que, através de tal artifício, pretende interferir na sua vida de forma negativa ou positiva. Por exemplo, se um espírito obsessivo deseja perturbar a mente de seu desafortunado, pode corporificar-se numa forma aterrorizante ou projetá-la, por transmissão mental (um deus cruel, o diabo, gnomo, bruxa, vampiro, lobisomem etc.), gerando medo e desequilíbrio; no caso de uma entidade boa ou elevada, pode apresentar-se como uma figura veneranda, um gênio bom, um deus generoso, um anjo, ou criar uma forma ideoplástica de alguma configuração religiosa, relíquia etc., para edificar e conduzir quem o percebe a atitudes éticas mais nobres.

No outro, o sujeito da percepção é quem traduz o percebido de acordo com seus conceitos e preconceitos socioculturais. Exemplo: vendo um espírito de aspecto desagradável, o nomeia como um dos seres maléficos da crença a que pertence; se o Espírito apresenta-se luminoso e com ar de bondade, o interpreta

¹⁰⁶ 106 *Nos Domínios da Mediunidade*, André Luiz (Espírito)/Francisco Cândido Xavier (Médium), FEB, 2ª edição (46ª a 50ª milhar), 1970, pág. 17.

como um dos personagens bons do seu panteão religioso. É assim que um cristão tradicional verá em todos os Espíritos envoltos em fluidos negros ou cinzentos o diabo ou uma alma do

purgatório; um hinduísta, qualquer ser demoníaco do imenso rol apresentado pela sua religião ou superstições populares em que foi educado. Já o Espírito de aparência radiante será um santo para o cristão ou um deus, um avatar etc. para o hinduísta.

A aplicação dos conceitos auferidos através da mediunidade aos problemas humanos leva a uma análise mais profunda das crenças e credences dos povos, dando-lhes uma nova interpretação: "A intervenção dos seres incorpóreos nas coisas da vida particular faz parte das crenças populares de todos os tempos. Por certo não entra na mente das pessoas sensatas tomar ao pé da letra todas essas lendas, todas as histórias diabólicas e todos os contos ridículos que se repetem prazerosamente ao pé do fogo. Entretanto, esses fenômenos, dos quais somos testemunhas, provam que tais contos se baseiam em alguma coisa, pois aquilo que hoje se passa deve ter se passado em outras épocas. Tire-se deles aquilo que de maravilhoso e fantástico lhes deu a superstição e ter-se-ão todos os caracteres, fatos e gestos de nossos Espíritos modernos: uns bons, benfeitores, obsequiosos, gostando de servir, como os bons Brownies; outros, mais ou menos maliciosos, brincalhões, caprichosos e mesmo maus, como os Gobelins da Normandia e que se encontram na Escócia sob o nome de Bogles, na Inglaterra como Bogherths, na Irlanda como Cluricaunes e na Alemanha como Pucks".¹⁰⁷

Dá-se o mesmo aqui no Brasil, e os seus nomes são Caipora, MuIa-sem-Cabeça, Iara, Saci-Pererê, Exus, Orixás, Pomba-Gira etc.

No estudo psicológico das posições morais dos Espíritos, abordado na classificação de suas diferentes ordens, na Escala Espírita, Kardec é taxativo quando aborda a **10*** classe, a dos Espíritos Impuros: "Certos povos fizeram deles divindades malfazejas, outros os designam sob o nome de demônios, gênios maus, Espíritos do mal".

E apresentando a **2ª** ordem, a dos Espíritos Bons: "A esta ordem pertencem os Espíritos designados nas crenças vulgares sob os nomes de bons gênios protetores, Espíritos do bem. Nos tempos de superstição e de ignorância, fizeram deles divindades benfazejas".¹⁰⁸

Esse *approach* espiritual-sociológico das lendas, mitologias e crenças dos povos é sobremodo fundamentado, nasceu da comprovação, levada a efeito pelos dedicados pesquisadores da fenomenologia mediúnica, acima de qualquer dúvida razoável, da persistência da individualidade após a morte física. Este trabalho descerrou os véus que ocultavam o mundo dos Espíritos e ressaltou sua interação

¹⁰⁷ **107** *Revista Espiritita*, trad. júlio Abreu Filho, Edicel, **1**° vol., pág. **15**.

¹⁰⁸ *Lt Livre des Esprits*, questões **100-113**.

com o mundo material, daí derivando uma série de esclarecimentos sobre inúmeros problemas sociais, históricos e psicológicos, para ficarmos apenas na área cultural, que contestam a visão materialista do mundo.

A humanidade compõe-se de dois grandes grupos de seres: os Espíritos encarnados e os libertos do corpo. Entre eles existe uma profunda inter-relação, caracterizada pelas influências recíprocas permanentes, além de um processo de permuta dialética, pois, através do nascimento e da morte físicos, se alternam periodicamente no fluxo contínuo do tempo.

A mediunidade, que possui na intuição seu mecanismo basilar, conforme afirmamos no início, é o veículo natural de comunicação entre os dois níveis da vida. Por causa dela os Espíritos ligados ao corpo material e os livres permutam sensações e ideias em regime ininterrupto, cujos reflexos abrangem um intervalo de amplitude praticamente infinito, pois dizem respeito a todos os aspectos existenciais.

Os fatos físicos, psíquicos e culturais estão subordinados a esta constante transação interdimensional, conforme elucidam as comunicações espirituais: "Os Espíritos têm influência sobre os nossos pensamentos e sobre nossas ações? A esse respeito, a influência deles é maior do que podeis acreditar, porque, muito frequentemente, são eles que vos dirigem"¹⁰⁹. Esta informação é da maior importância, pois remete ao plano da abstração teórica a tentativa de estabelecer uma dicotomia entre fenômenos anímicos e mediúnicos, em caráter absoluto.

Em adição ao que estamos estudando, deve-se ainda ter em mente que os Espíritos estão em permanente comunicação oculta, nos seus respectivos habitats, através de ondas psíquicas específicas, ainda não devidamente estudadas, a não ser em suas manifestações superficiais. Tal fenômeno é devidamente levantado pelos seres espirituais, quando tratam da transmissão oculta do pensamento.¹¹⁰ Por vias ainda incógnitas os Espíritos partilham sentimentos, ideias, emoções e pensamentos, de acordo com princípios determinados pela Lei de Afinidade, como conceitua André Luiz¹¹¹: "Emitindo uma ideia, passamos a refletir as que se lhe assemelham, ideia essa que para logo se corporifica, com intensidade correspondente à nossa insistência em sustentá-la, mantendo-nos, assim, espontaneamente em comunicação com todos os que nos esposem o modo de sentir".

Em face do exposto, podemos rastrear a mediunidade na História, de acordo com uma nova teoria do mito, devidamente lastreada por fatos, e não criações imaginárias como as que são encontradas geralmente nos tratados de Filosofia da História, de Sociologia ou Antropologia, de cunho reducionista e preconceituoso.

¹⁰⁹ **109** *Le Livre des Esprits*, questão **473**.

¹¹⁰ **1.º** *Idem*, questões **282-283** e **419-421**

¹¹¹ *ui Mecanismos da Mediunidade*, **3*** edição, FEB, **1970**, pp. **44** e **45**.

Origens da mediumidade

Historiadores e antropólogos culturais afirmam que o fato de o homem primitivo começar a sepultar os mortos é forte indício de crença na imortalidade da alma. E isto teve início com o *Homo sapiens neanderthalensis*, que viveu no período entre **100.000** e **30.000** anos atrás, quando a Terra passava pelo seu último período glacial, obrigando-o a habitar em cavernas — donde a designação de troglodita. Esta circunstância favoreceu a preservação de inúmeros restos fossilizados do Homem de Neanderthal, bem como artefatos e vestígios dos restos de seu cardápio diário. Foi um ramo evolutivo humano bem difundido, sendo os seus fósseis encontrados em toda a Europa, Oriente Próximo e Ásia.

Uma dessas sepulturas foi descoberta numa caverna na montanha do Zagros, no Iraque, data de cerca **60.000** anos. O sepultamento aconteceu, de forma incomum para a época e Richard E. Leakey e Roger Lewin descrevem-no da seguinte maneira: "A umidade da caverna estava longe de ser favorável à preservação do homem morto; mas os grãos de pólen sobrevivem muito bem sob essas circunstâncias, e pesquisadores do Museu do Homem, em Paris, que examinaram o solo ao redor do Homem de Shanidar, descobriram que junto com ele foram enterradas diversas espécies de flores. De acordo com a distribuição ordenada dos grãos de pólen em volta dos restos fósseis, não há dúvida de que as flores foram deliberadamente arranjadas, excluída a hipótese de terem caído ao acaso na sepultura, quando o corpo estava sendo coberto. É como se a família, os amigos do homem morto e talvez os membros da sua tribo tivessem ido ao campo e trazido ramalhetes de mil-folhas, escovinhas, cardos-de-são-barnabé, tasneirinhas, jacintos, rabos-de-cavalo-de-pau e um tipo de malva. Os ramos madeirosos do rabo-de-cavalo-de-pau são particularmente adequados para se tecer uma esteira, na qual parece que foi deitado o corpo, e as flores brancas, amarelas, vermelhas, azuis e roxas das outras plantas devem ter contribuído bastante para a cena pungente. O fato de ter sido um sepultamento intencional é sem dúvida interessante, porque revela uma aguçada autoconsciência e uma preocupação com o espírito humano. E ter o cadáver sido enfeitado com flores acrescenta um enorme significado. Porém o mais intrigante de tudo isso é que, das várias espécies de plantas usadas no sepultamento de Shanidar, diversas têm sido usadas até pouco tempo na medicina vegetal local".¹¹² Naturalmente os rituais de sepultamento do Homem de Neanderthal não significam que precisamente naquela época tenha se dado a descoberta do Espírito. Ela deve ter sido fruto de uma evolução lenta e gradativa, e o sepultamento dos *neanderthalensis* uma etapa

¹¹² **112** *Origens*, Edições Melhoramentos/Editora Universidade de Brasília, 3ª edição, **1981**, pág. **125**. Destaque nosso. **173**

superior dessa evolução. Segundo o Dr. Hernâni Guimarães Andrade¹¹³, o homem descobriu o Espírito por volta de um milhão de anos, em pleno Pleistoceno, durante o Glaciário de Gunz, quando um resfriamento geral da Terra — devido a algum fenômeno de saturação da atmosfera com grande quantidade de poeira lançada por explosões vulcânicas, ou a passagem do planeta através de uma nuvem espessa de poeira cósmica, ou qualquer outro fator ainda desconhecido — fez avançar o gelo polar e as geleiras das montanhas, provocando drástica mudança no ecossistema. A região equatorial tornou-se de clima temperado, sujeita a violentos períodos pluviais, como demonstrado pelos estudos geológicos. A dramática mudança nas condições atmosféricas afetou o comportamento da flora e da fauna, sendo o homem primitivo obrigado a se refugiar em cavernas naturais, se protegendo das temperaturas extremas, sofrendo fome, pois a caça rareava e os vegetais ficavam escassos. O confinamento favorecia o surgimento de doenças e epidemias, tornando mais crítica a situação. Isto ensejou a manifestação dos fenômenos mediúnicos, que, como se sabe, são favorecidos por circunstâncias de crise psicobiológica: acidentes, doenças, inanição, debilidade orgânica, proximidade da morte física, tensão nervosa, excitação emocional etc.

Naquelas grutas, o *homo erectus* vivenciava experiências mediúnicas muito intensas, principalmente de ectoplas- mia, de caráter material e promovida, geralmente, por Espíritos ainda ligados às sensações físicas. "Os Espíritos que produzem essa espécie de efeitos (os físicos) são sempre Espíritos inferiores, que ainda não estão inteiramente desligados de toda influência material."¹¹⁴

A situação psicológica do primitivo, voltada para o concreto, só absorvia experiências muito densas, quase palpáveis, pois sua capacidade de raciocínio abstrato era por demais primária, podendo ser minimizada. Assim, vivenciando fenômenos de materialização, deslocamento de objetos, pneumatofonia, e outros do gênero, homi- nídeos, como o Pitecantropo, confrontaram-se com a ideia, ainda muito vaga, de que a morte não é o fim da vida. As ectoplasmas comumente apresentam traços indefinidos nas extremidades, diluídas em forma vaporosa e difusa. O aspecto, dependendo da vibração específica do médium e do Espírito comunicante, geralmente é acinzentado, e o rosto coberto por uma espécie de véu.

Na vidência, igualmente, os Espíritos parecem flutuar, sem que os pés ou mãos apareçam, e o rosto, de acordo com o grau evolutivo da entidade, envolto numa névoa cinzenta, impedindo a percepção clara. A forma imprecisa e nebulosa das aparições está na origem da crença no Hades, ou inferos, para onde iriam as sombras dos que morriam. Esta explicação é mais lógica, e consentânea com a realidade, do que se imaginar que os antigos evoluíram para ela do simples

¹¹³ 1,3 *Novos Rumos à Experimentação Espírita*, edição do autor, 1960, pp. 16 e 17.

¹¹⁴ 11 *Le Livre des Médiums*, Allan Kardec, Librairie Leymarie, 1972, resposta a questão 11, inserta no item 73.

perceber uma sombra a acompanhá-los, quando expostos à luz.

Com o passar do tempo, e o aprimoramento do corpo e da mente, a mediunidade foi acumulando provas da continuidade da vida Além-túmulo, graças a experiências diretas e contundentes. À mediunidade de efeitos físicos se somaram os fenômenos de efeitos inteligentes, como o desdobramento, os sonhos mediúnicos em que o homem primitivo entrava em contato com amigos e parentes que vivem no mundo dos Espíritos e também com os Espíritos protetores do seu grupo, além de ser perseguido pelos eventuais inimigos invisíveis, talvez mortos por ele, naquilo que poderíamos chamar de primórdios da obsessão.

J. Herculano Pires analisa o problema da origem da religião, contrapondo o pensamento materialista de Herbert Spencer e o espírita de Ernesto Bozzano — discípulo do primeiro: "As origens da crença na sobrevivência, para Spencer, são estes fatos comuns da vida primitiva: o sonho, quando o selvagem se sentia liberto do corpo e agindo em lugar distante; a sombra que o seguia nas caminhadas ao sol e a sua imagem refletida na água, quando se debruçava nas bordas de um lago; eco de sua voz, repetida pelos desfiladeiros e as cavernas. Bozzano acrescenta, ao sonho comum, o sonho premonitório, que faz ver com antecedência um acontecimento futuro; ao fenômeno da sombra e do reflexo na água, os fenômenos de vidência, de aparição e de materialização de Espíritos; ao eco, o fenômeno da voz direta. E acrescenta ainda, à força imaginária de Mana ou Orenda, a prova concreta das ectoplasmias. Como se vê, a tese spenceriana desdobra-se, amplia-se, atingindo os fatos metapsíquicos, que escapavam a Spencer. Com essa ampliação, a gênese da crença na sobrevivência não deixa o terreno do concreto, dos fatos sensoriais, em que Spencer os colocara. Mas, ao mesmo tempo, o problema da indução, que implica o uso do pensamento abstrato, é substituído pela experiência imediata, mais acorde com a mentalidade primitiva. O selvagem não precisava induzir, dos vários fenômenos citados por Spencer, uma supra-realidade, pois esta se impunha a ele através dos fenômenos espíritos ou metapsíquicos, direta e imediatamente".¹¹⁵

A Pré-história, portanto, foi testemunha da primeira grande revolução mediúnica, geradora da crença na imortalidade da alma e dos elementos básicos da magia e da religião: dos médiuns primitivos nasceram os xamãs, pajés, feiticeiros e sacerdotes de todos os cultos conhecidos ou já desaparecidos. De igual maneira, dela derivam as crenças num mundo espiritual, na influência de Espíritos bons e maus, enfim dos deuses com que se ornaram as mitologias de todos os povos.

As mensagens mediúnicas, como se pode ver, dão importante contribuição à etnologia e à antropologia cultural para solução de enigmas com que estas e outras ciências da cultura se debatem, abrindo um novo campo à investigação e pesquisa, respondendo às indagações ancestrais sobre o destino, a morte, a dor e a razão de viver.

¹¹⁵ **1,5** *O Espírito e o Tempo*, EDICEL, **6^a** edição, **1991**, pág. **24**.

Registros mediúnicos entre os povos antigos e modernos

Por ser a mediunidade um atributo natural do ser humano, as comunicações entre o mundo físico e o espiritual acontecem normalmente desde a primeira **RM**. Assim, os sinais de sua presença devem ser encontrados nas crônicas de todos os povos, antigos e modernos, ao correr do fluxo da história. A fim de verificar a veracidade desta afirmativa, realizemos um rápido levantamento de notícias referentes a comunicações mediúnicas, nos registros de alguns povos e civilizações. Comprovaremos, então, como a mediunidade tem estado na base de todos os cultos e religiões, desde os nebulosos tempos do homem primitivo.

Pré-história.

Já fiz um resumo da tese do surgimento da mediunidade, o que nos coloca diante de fenômenos mediúnicos por todo o período que vai até o Paleolítico, quando as primeiras sepulturas denunciam a crença na imortalidade da alma. O Neolítico apresenta nos desenhos rupestres e no interior das cavernas desenho de rituais, onde figuras de feúceiros dançam, naturalmente em estado alterado de consciência. Em seguida, a Idade dos Metais apresenta uma variedade de mitos e rituais. O enterro dos mortos com adornos, roupas, comida e armas prossegue, numa demonstração de crença na sobrevivência. Uma variação introduzida no trato com os cadáveres é a incineração, que faz passar o morto pela purificação através da ação do fogo, facilitando sua penetração nas esferas espirituais sutis, segundo se acreditava. Foi mais comum na Idade do Ferro, como parece demonstrar o "povo dos campos das urnas", provavelmente vinculados aos celtas.

Por essa época aparecem em maior quantidade os megalitos, construções ciclópicas de pedra, como os dolmens, e uma variedade deles: os cromlechs, ou simplesmente grandes pedaços de granito trabalhado, os menhires. Essas construções e monumentos estão, quase sempre, ligados a crenças religiosas. Os sepulcros megalíticos apresentam câmaras, geralmente retangulares, com tamanhos variados, contendo um corredor, ou então circulares e cobertas de terra. Semelhantes edificações espalham-se por inúmeros países europeus, significando uma expansão de crenças, senão semelhantes, pelo menos aparentadas. A Bíblia testemunha a utilização da pedra em rituais religiosos, quando fala nos "altares de pedra não trabalhada" erguidos desde o tempo dos patriarcas, para marcarem eventos mediúnicos importantes e homenagear a Divindade.

Muitos dos cultos e rituais mágicos primitivos exigiam o sacrifício de vítimas votivas humanas, para aplacarem os deuses e espíritos. Encontramos aí a chave explicativa, em termos da Lei de Causa e Efeito, para o extermínio das civilizações

americanas pela bárbara conquista espanhola, embora nada justifique este genocídio inominável. O episódio da prova de Abraão (Gn 22, 1-14) indica que esse costume cruel fez parte da evolução religiosa do povo hebreu, pois, com toda certeza, um Deus, Justo e Bom, em caráter infinito, não poderia sequer imaginar um critério tão sádico de verificar a fé e submissão de uma sua criatura.

Mediumidade no princípio da civilização

A evolução social levou à edificação dos primeiros núcleos de civilização, nas proximidades do delta do Tigre e do Eufrates, bem como por toda a extensão do Nilo. A característica que nos interessa aqui é que as primeiras cidades-estado da Mesopotâmia, Ur, Uruk, Lagash etc., eram dirigidas por reis sacerdotes, ressaltando a importância do fator religioso naquela época, bem como o aprimoramento na função dos médiuns tribais, transformados em elementos de uma hierarquia religiosa de grande poder.

Na Mesopotâmia surge a Epopeia de Gilgamesh, onde o herói evoca o Espírito de seu amigo Enkidu, na cidade de Erekh, para pedir informações sobre o Além, o que ele recusa. Isto indica que havia a crença de que os mortos podiam se comunicar com os vivos, e a prática do intercâmbio com eles.

Os hititas possuíam ritos onde os fieis e sacerdotes, estimulados por hinos, ruídos cadenciados de instrumentos musicais, discursos e preces emocionados, se entregavam a paroxismos de excitação psíquica — que é uma forma primária de contato mediúnicamente com o mundo espiritual —, semelhante às práticas de certas seitas protestantes e da carismática católica.

Os sacerdotes cananeus exerciam a atividade de profetas, caindo em transe e alcançando, às vezes, estados de excitação bem próximos à loucura.

Os fenícios cultivavam a crença na manifestação dos deuses através dos sonhos, forma comum de comunicação mediúnica. Os cartagineses, descendentes dos Fenícios, tinham entre seus sacerdotes e sacerdotisas os videntes e os profetas que faziam prognósticos e revelavam o futuro.

O Antigo Testamento está repleto de fenômenos mediúnicos, como o da Pitonisa de Endor. Os profetas eram médiuns, cuja faculdade desenvolviam, pelo menos durante o período de existência do profeta Samuel, numa escola especializada. Os profetas não apenas viam o futuro, mas faziam revelações sobre a vida atual e passada dos consulentes, inclusive descobrindo objetos e animais perdidos.

A mediunidade entre os gregos e os romanos

Grécia

Entre os gregos os fenômenos mediúnicos eram conhecidos, sendo médiuns as pitonisas — das quais a mais famosa foi a de Delfos —, bastante consultadas pelos reis e potentados da época. Platão se refere ao "daimon" de Sócrates, um Espírito que lhe dava instruções, conselhos e avisos. Na República, o discípulo de Sócrates descreve um fenômeno de quase morte: "Pois vou contar-te uma história; não uma narrativa como a que Ulisses fez a Alcínoo, mas a de um bravo homem, Er, filho de Armênio e panfílio de nação. Morrera ele em batalha e dez dias depois, quando foram recolher os cadáveres já putrefatos, o seu foi encontrado intato e levado para casa a fim de ser enterrado. E no décimo segundo dia, já estendido na pilha funerária, retomou à vida e contou o que tinha visto no outro mundo. Disse que, depois de sair do corpo, sua alma se pusera a caminho com muitas outras, chegando por fim a um lugar maravilhoso onde apareciam na terra duas aberturas que comunicavam entre si e, em frente a elas e no alto, outras duas no céu. No espaço intermediário estavam sentados uns juizes que, depois de pronunciar suas sentenças, escreviam-nas em rótulos que penduravam sobre o peito dos justos e os mandavam subir através do céu, pelo caminho da direita; e aos injustos ordenavam que descessem pelo caminho da esquerda, levando também, mas às costas, o sinal de tudo quanto haviam feito. Ao aproximar-se Er, disseram-lhe que seria ele o mensageiro encarregado de relatar aos homens as coisas do outro mundo e convidaram-no a olhar e escutar tudo o que ali sucedia; e assim viu como, depois de julgadas, as almas se retiravam por uma das aberturas do céu e outra da Terra; e como, por uma das restantes, saíam da Terra cobertas de sujeira e de pó, enquanto pela última desciam mais almas do céu, limpas e brilhantes. E as que iam chegando pareciam vir de uma longa viagem; espalhavam-se jubilosas pela pradaria, acampavam como numa imensa feira, e todas as que se conheciam abraçavam-se e conversavam, perguntando às que vinham da Terra pelas coisas do Além e as do céu, pelas lá debaixo. E contavam umas às outras o que havia sucedido em caminho, as primeiras entre prantos e gemidos, recordando as coisas vistas e ouvidas durante sua viagem subterrânea, que durara mil anos; as que vinham do céu falavam de sua bem-aventurança e de visões de inenarrável beleza".

"Disse ele que cada uma pagava em décuplo a pena de todas as injustiças e ofensas feitas aos demais, e cada vez pelo espaço de cem anos, que é a duração computada para a vida humana — um total, pois, de mil anos pordelito". "Ora, depois de passar sete dias naqueles prados, cada um tinha de levantar acampamento no oitavo e seguir viagem; e quatro dias mais tarde chegavam a um lugar elevado, de onde podiam divisar uma linha de luz, reta como uma coluna,

estendendo-se através do céu e da Terra, e de cor muito parecida com a do arco-íris, se bem que mais brilhante e mais pura. Mais um dia de jornada e estavam lá, no meio da luz; viram então as extremidades das cadeias que partiam do céu, pois essa luz o cingia inteiramente, mantendo unida toda a sua esfera como as ligaduras das trirremes.” “E contou que todos eles, uma vez chegados ali, deviam dirigir-se para Láquesis; que um certo profeta os colocava previamente em fila e, depois de apanhar no regaço da própria Láquesis umas sortes e uns modelos de vida, subia a uma alta tribuna e dizia: 'Esta é a palavra da virgem Láquesis, filha da Necessidade: Almas efêmeras, eis que começa para vós um novo ciclo de vida mortal. Não é o fado que vos escolhe, e sim vós que escolheis o vosso fado. Que o primeiro indicado pelo sorteio seja o primeiro a eleger o seu gênero de vida, ao qual ficará inexoravelmente unido. A virtude é livre, e cada um participará mais ou menos dela conforme a estima ou o menosprezo em que a tiver. A responsabilidade é de quem escolhe; Deus está inocente nisso'.” “Tal, dizia ele, era aquele curioso espetáculo em que as almas, uma por uma, escolhiam suas vidas — curioso, e ao mesmo tempo lamentável, ridículo e estranho: porque a maior parte escolhia de acordo com os hábitos que trouxera da existência anterior.”

“Uma vez presa ao seu destino, era levada a Atropos, que torcia os fios e os tornava irreversíveis; daí, sem se virarem para trás, passavam sob o trono da Necessidade e, tendo chegado todas ao outro lado, encaminhavam-se para o Campo do Esquecimento, debaixo de um calor abrasador, pois esse campo era uma planície despida de árvores e de tudo o que produz a terra. Ao cair da tarde acampavam junto ao Rio da Despreocupação, cuja água não há vasilha alguma que possa conter. Dessa água eram todos obrigados a beber certa quantidade, e os que não se continham pela prudência bebiam mais que o necessário; e, ao beber, cada qual se esquecia de todas as coisas. E pela meia-noite, quando estavam todos deitados a repousar, sobreveio uma trovoadas e um tremor de terra, e num instante foram arrastados para cima em todas as direções, cada qual rumo ao lugar de seu nascimento, deslizando à maneira de estrelas. A Er, todavia, não fora permitido beber daquela água; mas por que caminho ou de que modo retornara ao seu corpo, não o sabia, só pela manhã, acordando subitamente, dera consigo estendido na pira .¹¹⁶

Vejamos outro caso, este acontecido em Atenas: Plínio, o Jovem (62-113), escreve numa carta a um certo Sura: “Havia em Atenas uma casa muito grande e muito confortável, mas desacreditada e deserta. No mais profundo silêncio da noite, ouviam-se ruídos de ferros e, prestando-se bem atenção, um rumor de correntes, que a princípio parecia vir de longe, aproximando-se pouco a pouco. Em breve, via-se o espectro como que de um velho, muito magro, muito

¹¹⁶ 1,6 *Diálogos: A República** Platão, Editora Globo, 1964, pp. 310 a 317.

abatido, com uma longa barba e cabelos desgrenhados, com correntes nos pés e nos pulsos, as quais sacudia horrivelmente”.

O missivista prossegue dizendo que as pessoas que morassem na casa não podiam dormir durante a noite, resultando isso em graves problemas de saúde, além da visão do fantasma lhes causar distúrbios mentais. A casa acabou completamente abandonada.

Quando o filósofo Atenodoro chegou a Atenas, alugou o imóvel por um preço muito barato e, mesmo sabendo das histórias sobre ele, não se intimidou e ali foi morar. Uma vez instalado, se pôs a trabalhar em seus escritos e leituras. A primeira parte da noite ocorreu sem incidentes até que, repentinamente, começou a ouvir o ruído de correntes arrastadas, o qual se foi aproximando, terminando por se fazer ouvir no cômodo onde ele estava. Levantando a cabeça, Atenodoro viu a figura espectral que lhe haviam descrito. Ela lhe fazia sinais com a mão para que a acompanhasse. O filósofo respondeu, do mesmo modo, que não iria e voltou ao seu trabalho. O fantasma, porém, começou a agitar freneticamente as cadeias, chamando-lhe a atenção e renovando o pedido para que o seguisse. Atenodoro resolveu atender e pôs-se a seguir o espectro, que, como se as correntes lhe entravassem a marcha, caminhava com lentidão. Ao chegar ao atrium, o espírito desapareceu repentinamente. O filósofo marcou o local do desaparecimento e, na manhã seguinte, acompanhado por autoridades da cidade, fê-lo escavar, encontrando ossadas humanas, ligadas por correntes. Os restos foram retirados e enterrados no cemitério público.

Desde então nunca mais a casa padeceu de assombração. A carta foi publicada na *Revista Espírita* de março de **1859**, por Allan Kardec (**3/10/1804-31/3/1869**), acompanhada de uma comunicação do espírito de Plínio, que, evocado, prestou esclarecimentos sobre esse e outros

184 dois casos contados na carta; também é citado por Werner Keller no seu livro sobre Parapsicologia.¹¹⁷

Roma

Entre os romanos foram bastante difundidas as ideias dos filósofos gregos, e sua religião seguia as linhas gerais das dos helenos. Seus escritores registram inúmeros fenômenos psíquicos, como aparecimento de Espíritos, premonições, avisos, *poltergeists*, precognição etc. Vejamos algumas notícias desse gênero, encontradas nos historiadores romanos.

Quando da morte de Júlio César, aconteceram vários eventos premonitórios:

¹¹⁷ **1.7** Conf. *La Parapsychologie Ouvre le Futur*, Werner Keller, Éditions Robert Laffont, **1975**, cap. **24**.

"Um dia, enquanto imolava, o arúspice Espurina lhe advertiu 'que se guardasse de um perigo que não passaria dos idos de março'"¹¹⁸. Ao chegarem os idos de março, enquanto entrava na Cúria: "Chegou a rir-se de Espurina e a acusá-lo de falso profeta, pois haviam chegado os idos de março, e ali estava ele inteiro. Então Espurina o advertiu: 'Sim, os idos hão chegado; porém, não hão passado'"¹¹⁹. Tanto o próprio César, quanto sua esposa Calpúrnia tiveram avisos simbólicos, em sonho, da tragédia que viria a acontecer: "Todavia, na mesma noite que precedeu ao dia do assassinato, ele mesmo se viu, em sonhos, umas vezes voando sobre as nuvens, outras estreitando a mão de Júpiter, enquanto sua mulher Calpúrnia, por sua parte, sonhou que se desmoronava o teto de sua casa e que seu marido morria apunhalado em seu seio. E, de pronto, as portas da alcova se abriram espontaneamente"¹²⁰.

A casa em que Otávio, o futuro imperador, se criou tinha fama de mal-assombrada, tendo acontecido ali vários fenômenos transcendentais, inclusive um de *polter-geist*. "Sucedeu, com efeito, que um novo proprietário da quinta foi repousar na casa, não sei se por casualidade ou com ânimo de provar o que havia de verdade naquilo. O que aconteceu foi que, passadas muito poucas horas da noite, se o encontrou quase meio morto, com cama e tudo, à porta da quinta. Uma força súbita e desconhecida o havia deitado fora"¹²¹.

Calígula, que em pouco tempo de governo realizou as mais incríveis torpezas e loucuras, era obsidiado por terríveis forças das trevas: "Sofria de insônia, já que não dormia mais de três horas por noite; e ainda este repouso não era completo, senão que se via perturbado por visões estranhas". "Por isso, de ordinário, durante uma grande parte da noite, cansado de velar e de estar deitado, umas vezes se quedava sentado em sua cama, outras vezes andava errando através de imensos pórticos, sem deixar de esperar e invocar o sono."¹²² Depois da morte desse imperador, fenômenos psíquicos passaram a acontecer à volta do local em que fora enterrado, bem como na casa em que fora assassinado: "Seu cadáver, levado em segredo aos jardins de Lâmia, foi ali meio incinerado em uma pira improvisada e coberto por ligeira capa de céspede. Mais tarde, quando suas irmãs voltaram do exílio, o exumaram, o incineraram e o sepultaram. Está bem comprovado que, enquanto isso, diversos espectros inquietaram os que custodiavam esses jardins e que, na casa em que morreu, todas as noites se caracterizaram por alguma

¹¹⁸ **1.8** *Biógrafos y Panegiristas Latinos*, Aguilar, S.A. de Ediciones, **1969**; *Suetônio — Vida de los Doce Cesares*, pp. **187** e **188**.

¹¹⁹ **1.9** *Idem*

¹²⁰ **120** *Biógrafos y Panegiristas Latinos*, Aguilar, S.A. de Ediciones, **1969**; *Suetônio — Vida de los Doce Cesares*, pp. **187** e **188**.

¹²¹ **121** *Idem*, pp. **193** e **194**

¹²² **122** *Idem*, pig. **301**.

manifestação terrífica, até o dia em que a mesma casa foi totalmente consumida por um incêndio". ¹²³

Nero, que passou à História como iniciador das perseguições contra os cristãos, depois de mandar assassinar Agripina, sua mãe: "... nunca pôde, nem mesmo então, nem mais tarde, acalmar seus remorsos e, com frequência, confessou que era perseguido pelo fantasma de sua mãe, e pelos látigos das Fúrias. Também intentou, recorrendo aos encantamentos dos magos, evocar e aplacar os manes de Agripina". ¹²⁴

O imperador Vespasiano, quando ainda se preparava para lutar pelo trono, indo a Alexandria, para consultar o deus Serapis a respeito do empreendimento, enquanto estava sozinho no templo: "... acreditou ver o liberto Bassilides que lhe oferecia, segundo o costume do país, verbena, coroas e pasteis; contudo, estava comprovado que ninguém havia feito entrar ali esse homem que, por outra parte, fazia muito tempo que, por causa de dores reumáticas, mal podia caminhar e se encontrava muito longe dali". ¹²⁵

A mediunidade no cristianismo

Vejamos, no Novo Testamento, alguns exemplos de fenômenos mediúnicos das mais diversas modalidades. José tem sonhos mediúnicos (Mt **1, 20-21; 2, 13, 19- 20, 22;**), e o mesmo acontece com os magos (Mt **2, 12**).

Normalmente o sonho tem uma característica simbólica, como o de Pedro (At **10, 9-23**). Neste sonho vê-se claramente a intervenção espiritual, em estreita conexão com a visão mediúnica do centurião Cornélio (At **10, 3- 6**), e que teve o objetivo de preparar o apóstolo para atender o convite de ir à casa do oficial romano e fazê-lo cristão. Se não fosse a ação dos Espíritos dificilmente o Filho de Jonas teria acedido à solicitação, pois estaria violando preceitos fundamentais da crença judaica, além de cometer o terrível ato de confraternizar com um componente do exército de ocupação de sua pátria.

Visões e aparições de seres espirituais estão devidamente registradas no Novo Testamento. Lucas cita o Espírito visto por Zacarias no Templo, durante a oferenda do incenso (Lc **1, 11-22**), o que anunciou a Maria o nascimento de Jesus (Lc **1, 26-38**) e no Atos dos Apóstolos refere-se a

¹²³ **123** Idem, pág. **305**

¹²⁴ **124** Idem, pág. **348**.

¹²⁵ **125** Idem, pág. **390**

visões de Paulo (At **16, 6-10**), sendo de ressaltar aquela que foi motivo de sua conversão ao cristianismo: Jesus, em plena estrada que leva a Damasco (At **9, 3-9; 22, 6-11**). Mateus diz que, quando Jesus expirou na cruz: "Abriram-se os túmulos e muitos corpos dos santos falecidos ressuscitaram. E, saindo dos túmulos após a ressurreição de Jesus, entraram na Cidade Santa e foram vistos por muitos" (**27, 52-53**).

Quer dizer que o crime cometido pelos hierosolimitanos foi tão grave que possibilitou aparições a muitas pessoas, de Espíritos diversos, censurando o ocorrido e instando com aqueles que porventura tenham participado dos eventos a refletirem e mudarem de procedimento.

Paulo descreve diversos tipos de mediunidade e estabelece normas para a prática mediúnica nas comunidades por ele fundadas (Iª Cor **12-14**), pois aconteciam normalmente em todos os locais do culto recém-surgido, além de descrever um fenômeno de desdobramento ocorrido consigo (2ª Cor **12 1-4**).

A mediunidade de efeitos físicos é relatada em diversas passagens: os sinópticos descrevem uma sessão levada a efeito no alto do monte Tabor, onde Pedro, Tiago e João participaram como médiuns fornecendo ectoplasma para que Moisés e Elias se materializassem (Mt **17, 1-8; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36**), enquanto Jesus produzem si mesmo uma transfiguração. O Mestre, depois da morte, materializou-se diante de Maria Madalena (Mt **28, 1-10; Mc 16, 9-11; Lc 24, 9-11; Jo 20, 11-18**), de dois discípulos que iam para a cidade de Emaús (Mc **16, 12; Lc 24, 13- 35**), e por duas vezes num recinto fechado, na cidade de Jerusalém, em meio a vários discípulos, onde conversou e comeu com eles (Mc **16, 14-19; Lc 24, 36-43; Jo 20, 19-21; At 1,3-5**). A essas ectoplasmias seguiram-se outras de caráter público e a céu aberto: à beira do lago de Tiberíades (Jo **21, 1-14**); numa montanha da Galileia (Mt **28, 16-20**) onde, segundo Paulo, foi visto por mais de quinhentas pessoas (Iª Cor **15, 6**); e em Betânia (Lc **24, 50-53; At 1,6-11**).

Nas páginas do Novo Testamento os médiuns de psicofonia são enquadrados na categoria de profetas, e o mais importante fato desta mediunidade foi o acontecido durante o Pentecostes, quando os discípulos incorporaram Espíritos Superiores e puseram-se a falar em línguas que desconheciam, evangelizando a multidão reunida para a festa, cujos componentes vinham das mais diversas regiões do mundo antigo (At **2, 1-13**). Um fenômeno de psicofonia xenoglóssica, sobre a qual Bozzano escreveu uma belíssima monografia, cuja tradução foi publicada pela Federação Espírita Brasileira.

Pesquisando-se os livros do Novo Testamento, encontraremos outros fenômenos psíquicos, como: transporte, invisibilidade etc. Sobre curas, tanto mediúnicas quanto magnéticas, não precisamos falar, pois estão em quase todas as páginas dos Evangelhos e do Atos dos Apóstolos.

Somente a ignorância ou, o que é pior, a má fé podem negar a existência da

mediunidade nas Sagradas Escrituras. Tinha de lá estar, pois a faculdade mediúnica é inerente ao ser humano em vários graus de manifestação, tendo atuação destacada em toda a atividade psicológica do homem.

Como referido, entre os cristãos dos primeiros tempos era comum o intercâmbio mediúnico com os Espíritos. No Atos dos Apóstolos e nas Epístolas de Paulo, encontram-se várias referências a tais práticas, que eram chamadas de exercício dos Carismas. No célebre evento de Pentecostes, os apóstolos deram uma demonstração pública de xenoglossia (mediunidade de falar línguas desconhecidas), e foi tão impressionante que mais de três mil pessoas se converteram à nova doutrina. Nas reuniões das comunidades *cristãs* o "falar em línguas" era coisa corriqueira, bem como o profetismo, a psicofonia, a vidência etc. As filhas do diácono Filipe, que Eusébio confunde com o apóstolo homônimo, eram consideradas médiuns de grande expressão. Formaram-se inclusive grupos, considerados dissidentes, os heréticos, com base em mensagens e orientações mediúnicas.

Idade Média europeia

Durante a Idade Média europeia esteve em vigência os conceitos do cristianismo católico, sobre o Céu e o Inferno, mas algumas dissensões, como os cátaros, vaticinavam a reencarnação e o contato com os mortos, bem como uma ideia do Mundo dos Espíritos bem mais flexível.

Muitos santos católicos fizeram descrições de paisagens e lugares do Além, como santa Teresa D'Avila, médium de desdobramento e psicografia, entre outras faculdades. Diga-se, de passagem, que os santos possuíam faculdades mediúnicas primorosas, como José de Cupertino, o qual levitava toda vez que se punha a orar. Francisco de Assis era capaz de ler o pensamento dos seus interlocutores, ver os Espíritos que os acompanhavam, projetar-se do corpo, entrar em contato com Espíritos Superiores etc.

Naturalmente que em todos os períodos citados as descrições sobre o Além estavam muito vinculadas às ideias que a religião dominante impunha, a ferro e fogo, aos seus fieis. Quem ousasse dizer alguma coisa em desacordo com os dogmas reinantes sofria perseguição cruel, acabando por ser queimado em fogueira.

Mediunidade na Idade Moderna

Foi somente na Idade Moderna, quando os homens se libertaram dos prejuízos religiosos, que as descrições sobre o Outro Mundo passaram a sofrer considerável transformação. Com o advento do magnetismo, principalmente, os sonâmbulos iniciaram uma revolução no conhecimento das faculdades paranormais, bem como nas descrições sobre a morte e o prosseguimento da vida depois da sepultura.

Os médiuns, por sua vez, liberados do terror eclesiástico, surgiram em grande

número, dando lugar a um vasto movimento de aclaração dos conceitos sobre a alma, suas faculdades e ações, bem como seu modo de vida no hábitat invisível, para onde se transfere após o decesso físico.

Num dos mais importantes trabalhos de pesquisa e análises filosóficas da Segunda Revolução Mediúnica, o Dr. Justinus Kerner (18/9/1786-22/2/1862) descreveu pormenorizadamente os fenômenos produzidos em torno da médium Frederica Hauffe (1801-5/8/1829), que foi sua paciente durante os anos de 1826 a 1829. Eis alguns trechos do seu livro: "Os Espíritos podiam ser ouvidos por pessoas de diversas condições, de modo acidental, nunca quando eram esperados. Os sons pareciam leves pancadas nas paredes, na mesa, na cama e por vezes no ar; eram ainda um amarfandar de papeis, o rolar de bolas, o ruído de passos". "Os ruídos eram ouvidos por outras pessoas que moravam sob o mesmo teto; eles experimentavam, por vezes, estranha sensação de pressão."

O interessante no caso é que os Espíritos transmitiram, por intermédio de Frederica, uma série de descrições do mundo espiritual, bem como orientações éticas, que foram confirmadas pelos trabalhos de Kardec. O Dr. Kerner chegou a publicar um jornal: "O Legado de Prevorst; ou frutos literários originais de amantes da vida interior" (Blatter aus Prevorst; originalien und lesefructhe fur Freunde des innern Lebens), com doze volumes entre 1831 e 1839, sendo substituído pelo *Magikon*, publicado até 1853.¹²⁶

Pode-se dizer também que os fatos analisados e testemunhados pelo Dr. Kerner são precursores das realizações das irmãs Fox.

Um dos componentes da gestação da nova era da comunicação dos Espíritos foi o magnetismo, que surgindo na Europa com Mesmer (23/05/1734-05/03/ 1815) penetrou na América do Norte via Nova Orleans, propagando-se pelo país, onde magnetizadores ambulantes, verdadeiros ou charlatães, percorriam suas regiões dando espetáculos públicos, utilizando sonâmbulos para diagnosticarem doenças e receitarem remédios.

Por outro lado, uma plêiade de seitas evangélicas se formaram, tentando reviver o profetismo bíblico e as práticas carismáticas do cristianismo primitivo, como os mórmons e shakers. Andrew Jackson Davis (1826-1910), sonâmbulo lúcido na linha de Edgar Cayce, descobrindo doenças pela clarividência e pela clariaudiência, recebia informações sobre o mundo espiritual, descrevendo-o como semelhante à terra, com casa, animais e árvores, da mesma forma como já o fizera Emmanuel Swedenborg (1688-1772), o notável vidente sueco, todas confirmando as descrições de regiões da Erraticidade, feitas por Espíritos, através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, Divaldo Franco e Yvonne Pereira.

¹²⁶ 126 ^ *Vidente de Prevorst*, Justinus Kerner, trad. Dr. Carlos Imbassahy, Casa Editora O Clarim, 1973, Matão-SP.

As irmãs Fox

Embora as casas mal-assombradas remontem à anti-guidade (pensamos mesmo que já na Pré-história deveriam existir cavernas assombradas), nunca lhes foram dedicadas maiores atenções, como de resto à gama de comunicações mediúnicas ou anímicas do homem, em todos os tempos de sua atribulada história. Uma casa com tal reputação, todavia, se tornou o marco decisivo do surgimento de um novo paradigma, na arena cultural da humanidade: a casa da família Fox, na pequena cidade de Hydesville, condado de Wayne, no Estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América do Norte.

A casa onde se deram as ocorrências de **1848** já possuía uma tradição de assombramento. Fora abandonada pelos seus habitantes, John Bell e esposa, em **1846**—que foram morar na cidade de Lyons, no condado de Wayne —, havendo ficado vazia por algum tempo.

Depoimentos posteriores falam de ruídos de passos e visão de um espectro, desde **1844**, após o crime ali cometido, sem que ninguém tomasse conhecimento, como veremos mais adiante. Logo em seguida foi alugada por Michael Weckman, esposa e filhos, em **1846**, os quais, em testemunhos escritos posteriormente, disseram que ouviam ruídos de passos e outros pela casa, durante a noite, bem como sensações estranhas de uma presença invisível, o que chegou a aterrorizar uma filha do casal, de **8** anos de idade. Eles se mudaram em **1847**, tendo John D. Fox e sua família ido morar ali em **11** de dezembro desse ano.

A partir do início de **1848**, passaram a ouvir ruídos de arranhaduras em diversos pontos da casa, sem lhes darem maior atenção, atribuindo-os, talvez, a fenômenos de dilatação e contração das madeiras com que a casa era construída. No mês de março desse ano, contudo, aumentaram em contundência e variedade. “Dessa data em diante cresceram continuamente de intensidade. Às vezes eram simples batidas; outras vezes soavam como o arrastar de móveis. As meninas ficavam tão alarmadas que se recusavam a dormir separadas e iam para o quarto dos pais. Tão vibrantes eram os sons que as camas tremiam e se moviam. Foram feitas todas as investigações possíveis: o marido esperava de um lado da porta e a mulher do outro, mas os arranhões ainda continuavam.”¹²⁷

No dia **31** de março, a noite se transformou num verdadeiro pandemônio de arranhaduras e pancadas (*raps*). O casal e as filhas Catherine, de **12** anos, e Margaretta, de **14**, cansados pelos barulhos incompreensíveis da véspera, que os fizeram dormir muito tarde, haviam resolvido ir para a cama mais cedo e não tomar conhecimento dos *rappings*. Doce ilusão. Eles começaram mais cedo também. Desta vez, porém, Margaret, a esposa de John Fox, escutou as meninas, deitadas em cama ao lado da sua, tentando imitar os ruídos. A menor, Kate, batia com os dedos

na cabeceira da cama, e as pancadas repetiam como num eco, no mesmo número. Se ela parava, as pancadas paravam, igualmente.

A menina mais velha, então, falou em voz alta, batendo palmas: "Conte comigo, um, dois, três, quatro"; de pronto os ruídos imitaram-na, fazendo-a ficar com medo. A mãe, apanhando a deixa, solicitou: "Conte até dez", no que foi atendida. Perguntou, em seguida, a idade de cada um dos seus filhos, sendo a resposta exata, diferindo entretanto quanto ao número deles: o Espírito dizia que foram sete, enquanto a mãe contestava afirmando seis. Era um dilema, devendo a razão estar com ela, pois os trouxera ao mundo, todavia, depois de algum tempo, se lembrou de que tivera mais um filho, o qual morreria em tenra idade. A entidade corrigia-lhe um lapso de memória. Acertou o Espírito, da mesma forma, a idade da Sra. Fox, dando **31** pancadas.

Inquirindo se o autor dos ruídos era um ser humano, o silêncio foi a resposta. Continuou questionando, se fosse um espírito o manifestasse por duas pancadas: foram ouvidas de imediato. E, quanto ao gênero da morte, se fora por assassinato, que fizesse soar uma pancada, no que foi logo atendida; se este ocorrera naquela casa: aconteceu o mesmo; se a pessoa que o cometera ainda vivia: idêntica manifestação.

Por esse método rudimentar de comunicação, veio a saber que era do sexo masculino, que fora enterrado no porão da casa, que tinha deixado uma família com cinco crianças e que sua esposa morreria havia dois anos.

Os vizinhos alertados foram chegando, e enquanto mãe e filhas eram levadas para outra casa, um senhor de nome Duesler criou o método de comunicação pela recitação das letras do alfabeto, sendo feito um ruído quando fosse pronunciada a letra apropriada. Completou-se então a história do indigitado bateador: um caixeiro- viajante, de nome Charles B. Rosma (Rosna ou Ryan, existem dúvidas quanto ao sobrenome) que, num certo dia, pedira hospedagem na casa, quando os Bell ali moravam. À noite, fora assassinado a facadas pelo dono da casa e enterrado no solo da adega. Motivo do crime: roubo, pois ele estava com US\$ **500**, fruto de suas vendas.

Deslocaram-se para a adega e, imediatamente ao chegarem, ouviram pancadas que pareciam vir do interior do solo. Escavações posteriores deram com muita água, o que impediu sua continuação, contudo foram encontrados vestígios humanos como alguns dentes, e cabelos. No dia **23** de novembro de **1904**, o *Boston Journal*, periódico não espírita, publicou o seguinte: "Rochester, N. Y, **22** de novembro de **1904**: o esqueleto do homem que se supõe ter produzido as batidas, ouvidas inicialmente pelas irmãs Fox, em **1848**, foi encontrado nas paredes da casa ocupada pelas irmãs e as exime de qualquer sombra de dúvida concernente à sua sinceridade na descoberta da comunicação dos Espíritos.

"As irmãs Fox haviam declarado que tinham aprendido a comunicar-se com o Espírito de um homem, e que este lhes havia dito que tinha sido assassinado e

enterrado na adega. Repetidas escavações deixaram de localizar corpo e, assim, oferecer prova positiva do que diziam, descoberta foi feita por meninos de escola, que brincavam na adega da casa de Hydesville, conhecida como *A casa assombrada*, onde as irmãs Fox tinham ouvido as batidas.

"Willam H. Hyde, respeitável cidadão de Clyde, e dono daquela casa, fez investigações e encontrou um *esqueleto* humano quase completo entre a terra e os *escombros* das paredes da adega, sem dúvida pertencente àquele mascate que, segundo se dizia, tinha sido assassinado no quarto leste da casa e cujo corpo tinha sido enterrado na adega. Mr. Hyde avisou os parentes das irmãs Fox, e a notícia da descoberta será mandada à Ordem Nacional dos Espíritas, muitos dos quais se lembram de ter feito peregrinações à 'Casa Encantada', como é chamada geralmente. O achado dos ossos praticamente corrobora a declaração feita sob juramento por Margarete Fox, a **11** de abril de **1848**".¹²⁸

Junto com os ossos foi descoberta também uma lata usada pelos mascates da época. Estava provada, **56** anos depois, a trágica história de Charles B. Rosma. Uma notícia realmente extraordinária, dada com as naturais incorreções das reportagens, mas uma ratificação histórica dos fatos de Hydesville que as falcatruas de "sacerdotes", "cientistas" e pesquisadores de má fé tentaram, por todos os meios indignos, desacreditar, sem conseguir, pois a verdade se impõe sempre, através do tempo e do espaço.

Os criminosos inimigos da verdade, desde a reação irracional à constatação dos fatos pelas três comissões do Corinthian Hall, de Rochester (onde as irmãs Kate e Leah quase foram linchadas; Margareta não participou dos eventos), em novembro de **1849**, até a "confissão de embuste", conseguida através de pressões e promessas de dinheiro, de Margareta e sua posterior retratação em **1889**, tentaram, e continuam tentando, contradizer os fenômenos da noite de **31** de março de **1848**, bem como a extraordinária carreira mediúnica das irmãs Fox.

Capítulo 6 Conclusão

A mediunidade é fonte de estímulos para o médium e os que são beneficiados pelas comunicações que fluem através de sua mente. Ela acaba com o tradicional conceito de "morte" como destruição total da consciência e separação definitiva dos que se amam.

Vemos, ao contrário, que tanto as afeições quanto os ódios, permanecem integrais após a destruição do corpo físico. A imortalidade da alma deixou de ser um artigo de fé para ser objeto de estudo e constatação nos laboratórios de pesquisas psíquicas.

¹²⁸ **128** *História do Espiritismo*, cap. IV.

Diante desse fato de incomensuráveis proporções, o ser humano é obrigado a rever seus conceitos e crenças tradicionais. Ele agora tem obrigações morais incontornáveis, pois a comprovação da continuidade da existência a isto induz.

As comunicações espirituais definem o Além como uma continuação da vida, que nunca cessa. A necessidade de trabalhar, estudar, transformar-se e progredir permanece, e ninguém pode fiigir desses imperativos sem graves desequilíbrios, que, naturalmente, introduziram o incauto nas veredas lacrimosas das dores de retificação.

Mas o medianeiro também se vê diante de uma responsabilidade de enormes proporções. Para que se torne um legítimo porta-voz da espiritualidade maior necessita realizar a metanóia, ou seja, reformar-se interiormente, adquirindo vibrações mais elevadas e enobrecidas. E o que lhe pode proporcionar isto, como a todos nós, são os ensinamentos de Jesus, registrados nas páginas dos Evangelhos.

Com Jesus, toda mediunidade floresce e, à semelhança de fonte cristalina, dessedenta e reconforta o viajor atribulado dos campos talados da existência física.

Bibliografia

Aguilar

Biógrafos e Panegiristas Latinos, Aguilar, S. A. de Ediciones, **1969**.

Andrade, Hernani Guimarães

Novos Rumos à Experimentação Espiritiva, edição do autor, **1960**.

Morte, Renascimento e Vida, Editora Pensamento, **1989**. Argollo, Djalma

O Sermão do Monte, trad. do grego, Editora Mnêmio Túlio, **1993**.

Possibilidades Evolutivas, Editora Mnêmio Túlio, **1994**. *Espiritismo e Transcomunicação*, Editora Mnêmio Túlio, **1994**. Bergua, Juan B.

Historia de las Religiones, 4 vols., Clássicos Bergua, **1964**. Bozzano, Ernesto

Animismo ou Espiritismo, FEB, **1951**.

A Crise da Morte, FEB, 4ª edição, **1962**.

Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte, FEB, 2ª edição, **1949**.

Cid, Carlos e Riu, Manuel

Historia de las Religiones, Editorial Ramon Sopena S/A, **1965**. D'Assier, Adolphe

Posthumous Humanity, Wizards Bookshelf, **1981**. Delanne, Gabriel

O Fenômeno Espiritivo, FEB, 3ª edição, **1977**.

Diversos Espíritos

Parnaso de Além-Túmulo, FEB, 1ª edição, FEB, **1982**. *Vozes do Grande Além*, FEB, 4ª edição, **1990**.

Deus, Maria João de (Espírito)

Cartas de uma Morta, LAKE.

Emmanuel (Espírito)

A Caminho da Luz, FEB.

Luiz, André (espírito)

Nosso Lar, **1988**, **35^a** edição, FEB, Brasília, DF, Brasil. *Os Mensageiros*, **1984**, **17^a** edição, FEB, Brasília, DF, Brasil.

Obreiros da Vida Eterna, **1984**, **17^a** edição, FEB, Brasília, DF, Brasil.

Entre a Terra e o Céu, **1990**, **13^a** edição, FEB, Brasília, DF, Brasil.

Nos Domínios da Mediunidade, **1984**, **13^a** edição, FEB, Brasília, DF, Brasil.

Mecanismos da Mediunidade, **13^a**- edição, FEB, **1983**. *Le Livre des Médiums*, item **159**.

Sobre o autor

Djalma Motta Argollo nasceu em Salvador (BA), em **27** de maio de **1940**. É bacharel em Ciências Estatísticas e analista de sistemas de processamento de dados. Espírita desde **1958**, quando passou a integrar a Juventude Espírita Manoel Miranda da União Espírita Baiana (hoje "Casa de Petitinga", da Federação Espírita do Estado da Bahia — FEEB).

Médium e expositor, desde **1959**, tem participado do Movimento Espírita e da divulgação do Espiritismo em nossa terra, através de palestras e seminários em vários estados do Brasil. Como escritor, tem colaborado em vários periódicos, espíritas ou não. Participa do Núcleo Espírita "Sintonia", na cidade de Ilhéus (BA), onde reside.